

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Antônio Cássio Vaz

**O IMPACTO DO SUICÍDIO SOB A ÓTICA DE IRMÃOS NA PERSPECTIVA DA
NARRATIVA BIOGRÁFICA DE GABRIELE ROSENTHAL**

Belo Horizonte

2023

Antônio Cássio Vaz

**O IMPACTO DO SUICÍDIO SOB A ÓTICA DE IRMÃOS NA PERSPECTIVA DA
NARRATIVA BIOGRÁFICA DE GABRIELE ROSENTHAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luciana Kind do Nascimento

Linha de pesquisa: Intervenções Clínicas e Sociais

Belo Horizonte

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

V393i Vaz, Antônio Cássio
O impacto do suicídio sob a ótica de irmãos na perspectiva da narrativa biográfica de Gabriele Rosenthal / Antônio Cássio Vaz. Belo Horizonte, 2023. 149 f. : il.

Orientadora: Luciana Kind do Nascimento

Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia

1. Suicídio. 2. Luto. 3. Sobreviventes. 4. Irmãos e irmãs - Aspectos psicológicos. 5. Perda (Psicologia). 6. Apoio social. 7. Entrevistas. 8. Sociologia - Métodos biográficos. I. Nascimento, Luciana Kind do. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 159.922.293

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Marques de Souza e Silva - CRB 6/2086

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Dissertação intitulada O impacto do suicídio sob a ótica de irmãos na perspectiva da narrativa biográfica de Gabriele Rosenthal, de autoria do mestrando Antônio Cássio Vaz, avaliada e aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof.^a Dr.^a Luciana Kind do Nascimento – PUC Minas (Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Carla Guanaes Lorenzi – Universidade de São Paulo

Prof.^a Dr.^a Maria Julia Kovács – Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Thereza Hedwing Stein

Belo Horizonte, 13 de fevereiro de 2023

Av. Itaú, 525, Dom Cabral – Belo Horizonte, MG – 30.535.12 – Brasil – tel.: (031) 3319-4658

A todas as pessoas que sofreram a perda de um familiar devido ao suicídio. Estas, mesmo diante do sofrimento e dor, ainda têm resiliência e disponibilidade para valorizarem e preservarem a vida.

Aos participantes desta pesquisa, que, por meio da entrevista – razão “*sinequa non*” deste trabalho, não mediram esforço, bondade e acolhida para participarem da mesma. Ao meu querido pai e minha querida mãe (*in memoriam*), que em suas simplicidades, sempre, me incentivaram a estudar e nunca desistir diante dos desafios. Também dedico às minhas irmãs e aos meus irmãos pelo apoio e incentivo, especialmente nos momentos de maiores obstáculos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha querida orientadora, Luciana Kind do Nascimento, que desde a entrevista de seleção para o ingresso ao mestrado, acreditou no meu projeto de pesquisa, concedendo liberdade para criar e escrever, bem como apontar necessárias correções. Gratidão, pelo carinho, compreensão e leitura cuidadosa desta pesquisa.

Aos Coordenadores do Grupo de Apoio que, com muita atenção, carinho e disponibilidade, incentivaram os integrantes dos grupos a participarem das entrevistas.

Aos integrantes do Grupo de Apoio que, com generosidade de coração, reservaram e disponibilizaram tempo, mesmo diante do corre-corre da vida, para exporem suas experiências diante da dura perda de seus irmãos. Graças à participação deles, a finalização desta pesquisa foi realizada.

Aos membros da banca, desde a qualificação da defesa desta dissertação, Prof.^a Dr.^a Carla Guanaes Lorenzi e Prof.^a Dr.^a Maria Julia Kovásc, as quais realizaram leituras atentas e, gentilmente, propuseram brilhantes mudanças, a fim de permitir que o trabalho alcançasse, com mais êxito, os objetivos e sua função.

RESUMO

Esta dissertação aborda os impactos do suicídio causados em irmãos e irmãs, participantes de Grupos de Apoio Familiares, os quais perderam seus entes queridos devido ao suicídio. O objetivo geral desta pesquisa é conhecer os impactos do suicídio na vida da família, mais especificamente, entre os irmãos e irmãs de pessoas que se suicidaram. Como procedimento metodológico, foi realizada revisão sistemática de literatura, em bases de dados científicos, e a análise de entrevistas com oito (8) sujeitos, participantes de grupos de apoio, com a abordagem de narrativas biográficas, proposta por Gabrielle Rosenthal, buscando identificar os impactos psicológicos e sociais experimentados por pessoas que perderam irmão ou irmã por suicídio. Destaca-se que a natureza exploratória deste estudo, deve-se, principalmente, à pouca disponibilidade de pesquisas científicas sobre a temática aqui abordada. Dos meses de maio a agosto de 2022, foram entrevistadas oito pessoas. Os resultados apontam que os impactos nas relações fraternas são diversos, tais como, silenciamento, intenso sofrimento, perplexidade, medo, raiva, angústia, culpa, vergonha, desolação e desamparo. Esse espectro emocional pode comumente provocar uma desorganização e desequilíbrio na vida dos irmãos. O suicídio é um enigma que é estudado por diversas áreas do conhecimento. Entretanto, no que se refere às reflexões acerca do que pensam os irmãos sobreviventes e participantes de Grupos de Apoio, percebe-se que há necessidade de mais pesquisa sobre a temática específica destinada a esse público.

Palavras-chave: Suicídio; Grupo de apoio; Impactos; Narrativa biográfica.

ABSTRACT

This dissertation addresses the impacts of suicide caused on brothers and sisters, participants of Family Support Groups, who lost their loved ones due to suicide. The general objective of this research is to know the impacts of suicide on family life, more specifically, among the brothers and sisters of people who committed suicide. As a methodological procedure, a systematic literature review was carried out, in scientific databases, and the analysis of interviews with eight (8) subjects, participants of support groups, with the approach of biographical narratives, proposed by Gabrielle Rosenthal, seeking to identify the psychological and social impacts experienced by people who lost a brother or sister to suicide. It is noteworthy that the exploratory nature of this study is mainly due to the limited availability of scientific research on the topic addressed here. From May to August 2022. The results indicate that the impacts on fraternal relationships are diverse, as evidenced by the interviewees in this research. This emotional spectrum can commonly cause disorganization and imbalance in the lives of the siblings. Suicide is an enigma that is studied by several areas of knowledge. However, regarding the reflections on what the surviving siblings and participants of Support Groups think, it is perceived that there is a need for more research on the specific theme aimed at this public.

Keywords: Suicide; Support group; Impacts; Biographical narrative.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Artigos encontrados na pesquisa	22
FIGURA 2 – Título em língua portuguesa, publicado no período de 2011 a 2021, encontrado na base de dados BVS – Psi	53
FIGURA 3 – Títulos em língua portuguesa, publicados no período de 2011 a 2021, encontrados na base de dados Periódicos CAPES	53
FIGURA 4 – Títulos em língua portuguesa, publicados no período de 2011 a 2021, encontrados na base de dados Google Acadêmico.....	55
FIGURA 5 – Títulos em língua portuguesa, publicados no período de 2011 a 2021, encontrados nas bases de dados BVS-Psi, Periódicos CAPES e Google Acadêmico	61
FIGURA 6 – Levantamento dos estudos selecionados conforme a área das ciências em que se encontram identificados	67

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Faixa etária (anos) dos participantes do estudo (n=8)	79
Tabela 2 – Escolaridade dos participantes do estudo (n=8)	80
Tabela 3 – Composição familiar: número de irmãos incluindo o participante do estudo (n=8)...	80
Tabela 4 – Posição familiar ocupada pelo participante do estudo (n=8)	80
Tabela 5 – Posição familiar ocupada pelo irmão(ã) que se matou por suicídio (n=9)	81

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAS	<i>Association of Suicidology</i>
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior
CAVIDA	Centro de Amor à Vida
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
CVV	Centro de Valorização da Vida
ediPUCRS	Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
IASP	<i>International Association for Suicide Prevention</i>
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PEPSIC	Portal Eletrônico de Psicologia
PUC Minas	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
TAE	Tentativa de Autoextermínio
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

PREÂMBULO	13
1 INTRODUÇÃO	16
2 SUICÍDIO, FAMÍLIA E GRUPOS DE APOIO: DIÁLOGOS COM A LITERATURA	20
2.1 Suicídio e Família	24
2.1.1 <i>Os impactos sobre familiares de pessoas que cometeram suicídio</i>	30
2.2 Grupo de apoio a familiares que perderam membros por suicídio	37
2.2.1 <i>Posvenção e os grupos de apoio a familiares enlutados e sobreviventes do suicídio</i>	39
3 NARRATIVAS BIOGRÁFICAS NA PRODUÇÃO BRASILEIRA: RECEPÇÃO DA OBRA DE GABRIELE ROSENTHAL.....	47
3.1 Resultado	53
3.2 Pensando com Rosenthal.....	70
4 APLICAÇÃO DA METODOLOGIA NARRATIVA BIOGRÁFICA DE GABRIELE ROSENTHAL	73
4.1 Método	73
4.1.1 <i>Os critérios de inclusão e exclusão</i>	76
4.1.2 <i>Resultados</i>	79
4.1.2.1 <i>Memo para as entrevistas</i>	82
4.2 Entrevista com Flor Bela Espanca.....	106
4.3 Entrevista com Frida Kahlo.....	107
4.4 Entrevista com Daisy Coleman.....	109
4.5 Entrevista com Ariclê Perez.....	110
4.6 Entrevista com Leila Lopes.....	112
4.7 Entrevista com Maria Vidal.....	115
4.8 Entrevista com Dandara dos Palmares	118
4.9 Entrevista com Kurt Cobain.....	119

4.10 Análise global das entrevistas	120
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
REFERÊNCIAS	127
APÊNDICES	132
APÊNDICE (A): TERMO DE COMPROMISSO	132
APÊNDICE (B): TERMO DE COMPROMISSO DE UTILIZAÇÃO DE DADOS - TCUD	133
APÊNDICE (C): TABELAS E GRÁFICOS DOS DADOS DEMOGRÁFICOS	134
APÊNDICE (D): TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	142
APÊNDICE (E): INSTRUMENTO DE COLETA DE INFORMAÇÕES	144
ANEXOS	146
ANEXO A: PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	146

PREÂMBULO

Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale ser vivida é responder à pergunta fundamental da Filosofia. O resto, se o mundo tem três dimensões, se o espírito tem nove ou doze categorias, vem depois. (Camus, 2002)

Como ponto de partida, gostaria de expor minha trajetória acadêmica. Possuo graduação em Filosofia, Teologia e em Psicologia, e o interesse pelo tema aqui desenvolvido nasceu em minha infância, quando meus pais perderam um compadre por suicídio. O que me intrigava, profundamente, eram os questionamentos por parte dos entes queridos, que eram imbuídos de sentimentos de profunda culpa. O interesse pelo assunto se fortaleceu, ainda mais, por ocasião de minha graduação em Psicologia. Fui designado a trabalhar na missão de Sacerdote, em uma pequena cidade que apresentava um grande índice de suicídio, de modo que, desde o início da graduação, já havia decidido que o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) seria a abordagem sobre esta temática. Isso ocorreu no final do ano de 2016. Assim, fiz a pesquisa sobre suicídio, numa pequena cidade sul-mineira. Foram entrevistados 40 sobreviventes/familiares. Ao desenvolver o trabalho, verifiquei a necessidade de pesquisar essa temática no contexto sul-mineiro, bem como atribuir maior atenção ao apoio para os familiares de pessoas que se mataram.

Nesse sentido, a minha inquietação se intensificou durante o curso de Psicologia quando, no estágio na clínica escola, acompanhei sobreviventes que se questionavam muito por tal ato. Sentiam grande culpa e apresentavam dificuldades em falar sobre o assunto – o qual é visto, pela maioria dos familiares enlutados, como tabu. Outro fator motivador para este estudo é o grande sofrimento e dor que são perceptíveis, no espaço clínico, especialmente, nos familiares, em fase de luto intenso ou até patológico, devido ao suicídio de um ente querido. O sofrimento e a dor se fazem muito presentes quando procuram ajuda psicoterapêutica. A perda de irmãos por suicídio é uma temática importante, pois estes, muitas vezes, sofrem calados, a fim de não despertarem sofrimentos aos pais ou aos demais membros da família.

A morte por suicídio causa nos irmãos marcas indeléveis, por isso, pode-se afirmar que o suicídio não é qualquer morte, mas uma morte em específico, uma determinada morte, como nos convida a pensar Berencheim Netto (2013). E o autor localiza-o em um momento histórico definido, na sociedade capitalista, defendendo que, “nessa sociedade, a morte em geral é vista como um tabu”, ou seja, “as pessoas não gostam e não querem ouvir, ou tampouco falar sobre

a morte” e “dentro disso uma morte voluntária remete a um problema maior” (Berenchtein Netto, 2013, p. 38).

Sbeghen (2015), amparado em sua leitura de Vygotsky, afirma que as emoções só podem ser compreendidas no contexto de toda a dinâmica da vida humana. As emoções humanas se diversificam a cada novo passo dado pelo ser humano e, no seu desenvolvimento histórico, produzem-se alterações em toda a diversidade de conteúdo de sua vida psíquica.

Tomando como base essas reflexões iniciais, pode-se perceber que elas estão relacionadas com o discurso de Flor Bela Espanca¹, numa das entrevistas analisadas nesta dissertação: “Sofro muito quando falo sobre o acontecimento; até não gosto que falem deste assunto. Senti um grande susto misturado com tristeza, sinto-me inconformada e omissa, por acontecer tal coisa”.

Essas afirmações também servem de apoio para justificar o impacto, presente no discurso de outra entrevistada, Frida Kahlo: “No dia do falecimento dele, tive muita tristeza. Nessa hora, a gente precisa de paciência e pedir a Deus proteção e muito juízo. Eu fico me perguntando: o que aconteceu para ele fazer isto? Qual o motivo que o levou a se suicidar? Nunca mais me esquecerei do acontecido... Cheguei a ver o meu irmão na cama, frio, já sem vida...”.

De acordo com Fukumitsu (2013), há de se refletir sobre o fato de o suicídio ser um evento trágico que provoca uma ferida profunda e que, por esse motivo, ocupa um lugar preciso na existência do familiar. O fato de um familiar se matar provoca uma ferida difícil de cicatrizar ou que, talvez, nunca cicatrize. Sabe-se que não é o fato que traumatiza, mas o processo como um todo, pois mostra as nuances de intensidade das emoções quando os familiares mencionam dores, culpa, tristeza, saudade e dificuldades de aceitação.

A maneira de vivenciar e de enfrentar a perda dependerá de alguns fatores, como a relação estabelecida com a pessoa que morreu, o modo como a morte ocorreu, a idade e o sexo do enlutado, sua estrutura psicológica, bem como a sua capacidade de dar sentido àquela perda, como defendido por Bowlby (1985), um dos autores citados por Kovács (2013). Essa afirmação pode ser comprovada no discurso de Frida Kahlo: “Eu presenciei a retirada de seu corpo do quarto sem vida pelo Samu. Neste momento, foi muito doído para mim como irmã, uma dor que não consigo nem expressar. Mas, até hoje, pergunto, e parece que, mesmo diante do sofrimento, não se justifica tirar a vida”.

¹ Para garantir o anonimato dos participantes da pesquisa desenvolvida para esta dissertação, adotou-se nome de artistas e pessoas conhecidas da história que se suicidaram.

A perda de uma pessoa querida é uma das experiências mais dolorosas e mais intensas que qualquer ser humano pode sofrer, e não só dolorosa como vivência, mas também de ser testemunhada, como afirma Bowlby (1980), um dos autores citados por Worden (2008). Percebe-se esse sentimento no seguinte discurso de Flor Bela Espanca: “Senti-me muito abatida. Custou muito, para mim, recuperar esta perda, estou ainda superando, pois como pode uma pessoa fazer o que ele fez, tirar a própria vida?”

Pelo fato de existirem no mundo, as pessoas estão destinadas a dar sentido para suas vidas e não podem fazer nada, nem dizer nada, que não adquirir um nome na história e receber dela marcas indeléveis. Ao analisar as entrevistas, ficou claro que as pessoas que morrem por suicídio deixaram rastros de impactos e sentimentos expressos pelos irmãos não estão fora de suas realidades existenciais.

Tendo em vista o cenário apresentado neste preâmbulo, abordar, trabalhar e analisar estas nuances sentimentais com esses “sobreviventes”, em relação à tamanha tragédia, é, ao mesmo tempo, conferir sentido e motivo para que suas vidas continuem, uma vez que, grande parte dos irmãos, sempre procuram encontrar um motivo, a fim de aliviar a dor da perda. E, para superar essa situação, Fukumitsu (2019) afirma que é preciso que a pessoa tente “plantar e nutrir a esperança em um solo psíquico e emocional arenoso, porém, capaz de (re)-significar o ato de viver.”

Antônio Cássio Vaz

1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, voltamo-nos para os impactos do suicídio na vida de irmãos que perderam um ente querido. A narrativa biográfica, como proposto por Gabriele Rosenthal, é apoio ao estudo, com o propósito de se oferecerem subsídios teóricos empiricamente fundamentados para a posvenção com irmãos, temática de grande necessidade na atual conjuntura. É necessário ressaltar que a ideia de “narrativa biográfica”, de autoria de Rosenthal, constrói-se a partir do tripé: Fenomenologia, Gestalt Terapia e Sociologia, as quais serão descritas a seguir.

A Fenomenologia se desenvolveu devido à necessidade de se solverem problemas que a ciência da época não conseguia solucionar. Essa nova maneira de analisar o mundo, por sua vez, “rompe com a dicotomia estabelecida pelo senso comum e restabelece a relação dialética entre o homem e o mundo, entre sujeito e objeto, entre o subjetivo e o objetivo, compreendendo a especificidade de cada um desses polos e as suas relações intrínsecas” (Peixoto, 2003, p. 23).

A Fenomenologia, de acordo com Husserl, procurou trazer à Filosofia mais rigor, entendendo como fenômeno tudo o que se coloca diante da consciência. Assim, ao olhar o mundo sob esse viés, o autor busca uma compreensão sobre os atos e ações que, até então, não havia sido explorada (Husserl, 1928).

Buscando entender essa abordagem, na Fenomenologia, o foco é o “fenômeno”, e não o fato. Desse modo, buscaram-se compreender as experiências vividas pelos indivíduos (Husserl, 2012). Em relação a essa forma de ver o mundo, há dois posicionamentos possíveis: atitude natural e a atitude fenomenológica.

A primeira, a atitude natural, caracteriza-se pela compreensão do mundo como ele é, sem questionamentos, e entendendo o que se desvela ao redor como fatos inquestionáveis (Schutz, 2012; Bragagnolo, 2014). A visão fenomenológica, por sua vez, consiste em superar essa atitude natural introduzindo a *epoché* no mundo. *Epoché* é o ato de colocar entre parênteses o mundo exterior e todo o suposto conhecimento já adquirido a respeito de determinada realidade para, por reduções, chegar à sua essência. De acordo com Husserl, é preciso “Zu den Sachenselbst”, “ir às coisas mesmas”; ou seja, ao fenômeno puro. Para isso, é preciso suspender o juízo em relação à existência do mundo exterior (*epoché*), descrever o mundo, apenas, como se apresenta na consciência; utilizando-se de redução fenomenológica, em busca da essência (*eidos*). Assim, somente por via do método característico da *epoché*, podemos alcançar o fenômeno puramente (Husserl, 2012).

Para buscar efetivar a ação fenomenológica, é preciso que a pessoa deixe de lado seus valores, crenças, pressupostos, pré-conceitos, descrevendo assim o mundo como se apresenta na consciência, buscando um caminhar na direção à essência do fenômeno (Schneider, Camatta & Nasi, 2007). Em analogia, é possível afirmar que a Fenomenologia de Husserl aponta para a manifestação do que aparece e constrói uma fenomenologia pura, o que permite a “volta às coisas mesmas”, a partir de uma atitude fenomenológica, que o homem se posiciona de maneira natural no mundo. O termo “Coisa”, por sua vez, pode ser compreendido como o que está presente e se mostra consciente. Já sobre o conceito de Consciência, torna-se necessário compreender que esta é sempre intencional; logo, não existe independentemente do objeto, mas é sempre consciência de algo (Husserl, 2012; Martins, Boemer & Ferraz, 1990).

Além disso, Husserl também desenvolveu o conceito de intencionalidade, o qual descreve como a consciência faz referência a algo que não se trata dela mesma, que existe como consciência de algo. Nesse sentido, a consciência se dirige para o fenômeno, que é um objeto; bem como para o significado de tal objeto. Assim, pode-se entender que os fenômenos não são, apenas, os objetos da consciência, mas são demonstrados em consonância com os próprios atos, sejam eles intelectivos, volitivos ou afetivos (Husserl, 2012). Portanto, pode-se compreender a intencionalidade como uma estrutura psíquica fundamental dos atos, que vão em direção não (somente) ao mundo exterior, mas também para os atos imanentes da corrente de vivências da consciência. Por fim, ainda procurando entender como se dão tais relações, faz-se necessário considerar que os objetos da consciência podem fazer referência à realidade empírica ou à ideal (Zilles, 2005).

A Gestalt-Terapia, que é oriunda da Fenomenologia, e a Análise Sociológica nortearão esta pesquisa, partindo do que é proposto por Gabriele Rosenthal. A fenomenologia, de acordo com Husserl (2012), estuda o significado dos sentimentos e vivências (*Erlebnisse*) da consciência, e o filósofo deve orientar-se para o interior que chama transcendental, abordando o “ser transcendente”, o “ser espírito”. A Fenomenologia teve início na Alemanha, no final do século XIX e na primeira metade do século XX, a partir dos estudos do filósofo Edmund Husserl. Husserl é considerado o criador da Fenomenologia. Dentre os principais nomes que também direcionam seus pensamentos e trabalhos sob a perspectiva dessa teoria, estão: Franz Brentano, Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty.

A escolha da narrativa biográfica como forma de procedimento se deu devido ao cerne desse tipo de trabalho, o qual foi desenvolvido pelo sociólogo alemão Fritz Schütz (1984) e, mais tarde, incrementado por Gabriele Rosenthal (Rosenthal, 2008; Rosenthal, 2017), de modo a tornar possível construir tipologias e reflexões, por meio de interpretações do mundo. Ao

considerar o contexto de vida e as experiências do indivíduo como parte real, integrante e essencial da compreensão da sociedade, é possível estabelecer relações para a compreensão dos fatos (Santos, Oliveira & Susin, 2014).

Sendo assim, tendo como base sua nova maneira de analisar os fatos na realidade, Husserl busca tornar a filosofia uma ciência de mais rigor através do método fenomenológico. Nesse sentido, a descrição do mundo como ele se demonstra na consciência em todos os seus aspectos é o caminho encontrado (Zilles, 2005). Também nesse sentido, Schütz explica as ações sociais, utilizando-se também dos estudos de Husserl e da sociologia de Weber, sendo este um dos grandes nomes que contribuíram na busca por meios de compreender, sociologicamente, o sentido das ações no mundo. Segundo tais pensadores, a fim de ser bem-sucedido nessa empreitada, é preciso encontrar causas que determinam as ações sociais.

Ainda buscando meios de desenvolver este estudo, foi possível perceber que a utilização da pesquisa biográfica de Rosenthal é inovadora. Nesse sentido, a Sociologia interpretativa tem início ao considerar que os indivíduos agem com base nas suas interpretações da realidade social, a qual é continuamente produzida na interação, de acordo com determinadas regras (Rosenthal, 2014a). Além disso, o trabalho do indivíduo na interpretação está ligado ao fato de ele ter, à sua disposição, um sistema de relevâncias e tipificações, integrantes daquilo que é transmitido aos membros do grupo interno pela educação (Schütz, 2012). O indivíduo surge no mundo como um construtor, alguém que vem para acrescentar com suas ações novas realidades ao corpo social (Rosenthal, 2014a). Dessa maneira, em relação à realidade, os sujeitos agem de acordo com suas interpretações.

Assim sendo, uma vez que a realidade social é constituída na interação entre a realidade e os indivíduos, para entender como se dá a experiência deles perante os diferentes contextos e ações que ocorrem, é preciso compreender a relação que eles estabelecem com o ambiente e com aqueles nele presentes. Esse sistema de relevância dos indivíduos é o que torna possível compreender a maneira como reagem às diferentes situações a que são expostos (Schutz, 2012). Tal sistema de relevância orienta-se pelos interesses do indivíduo em uma determinada situação. Logo, a abordagem das narrativas biográficas destaca-se como relevante, pois, a partir dela, é possível recuperar as experiências significativas do sujeito (Santos, Oliveira & Susin, 2014). No caso das vivências de familiares relacionadas ao suicídio de um dos membros, foco desta dissertação, a interpretação dos atores é fundamental para o entendimento dessa fase da vida dos familiares. Ainda nesse sentido, aponta-se para importância do referencial teórico de Alfred Schütz, no que se refere ao sistema de relevâncias do sujeito e estoque de conhecimento à mão.

Este estudo teve como objetivo principal compreender os sentimentos vivenciados por irmãos de uma pessoa que cometeu suicídio a partir da abordagem das narrativas biográficas. Como objetivos secundários, procurou-se compreender a vida familiar a partir dos laços fraternos após o suicídio de irmão(a); identificar os impactos causados por suicídio de um irmão na vida familiar e perceber como os familiares superaram a perda de irmãos que tiraram a própria vida.

A presente dissertação se desenvolve em três capítulos. No primeiro, apresenta-se um diálogo com a literatura alinhada ao contexto e tema de pesquisa. No segundo, também de natureza bibliográfica, mapeia-se a presença da perspectiva teórico-metodológica de Gabriele Rosenthal na produção científica brasileira, delimitando-se um recorte temporal entre os anos 2011 e 2021. No terceiro capítulo, há, relatadas e analisadas, entrevistas com sete irmãs e um irmão que participam de Grupo de Apoio a enlutados por suicídio.

Entretanto, apesar dos avanços das pesquisas de posvenção a familiares que perderam membros por suicídio, ainda há necessidade de estudos que escutem experiências de irmãos que se encontram enlutados. A contribuição original desta dissertação está em ter como foco os irmãos e irmãs de pessoas que se suicidaram, utilizando a metodologia proposta por Rosenthal, pois, na revisão de literatura não foi possível encontrar trabalhos semelhantes em psicologia. Analisar e abordar os impactos causados pela morte de entes queridos é, também, solidarizarmos com o sofrimento do outro.

2 SUICÍDIO, FAMÍLIA E GRUPOS DE APOIO: DIÁLOGOS COM A LITERATURA

O suicídio é entendido como a prática que tem a intenção de provocar a própria morte, sendo um ato que provoca um trauma em muitas pessoas e um problema de saúde pública. Durante o curso de graduação em Psicologia do pesquisador, foi provocativo, naquele momento, perceber a possibilidade para mais trabalhos acadêmicos, tanto de pesquisa nacional e internacional, sobre a temática, bem como mais possibilidade de ações de apoio aos familiares, principalmente, se tratando de irmãos de pessoas que cometeram o suicídio. Durante o acompanhamento de familiares sobreviventes, percebeu-se que esses se questionavam muito por tal ato e sentiam grande culpa. Sem contar a dificuldade de se falar sobre o tema, o qual é visto pela maioria dos sobreviventes como tabu. É possível, também, perceber o grande sofrimento e dor expressos no espaço da clínica, especialmente em familiares em fase de luto, ou que não superaram o luto de morte pelo suicídio de um ente querido, quando procuram ajuda psicoterapêutica.

Dar voz aos familiares é uma atitude não apenas humanitária, mas, também, necessária. Neste capítulo, tem-se uma revisão de literatura sobre a relação entre “suicídio e família”, envolvendo irmãos (ãs).

A revisão de literatura divide-se em duas seções. Na primeira, intitulada “Suicídio e Família”, a pergunta que perpassou foi: o que a literatura tem produzido sobre suicídio e família? E o objetivo foi fazer um levantamento sobre essa temática. A segunda, “Grupo de apoio a familiares que perderam membros por suicídio”, objetivou conhecer o funcionamento dos grupos de apoio.

Como explicam Donato e Donato (2019), existem dois critérios essenciais para uma revisão sistemática: a) ser exaustiva, buscando incluir toda a literatura relevante na área e b) ser seguida uma metodologia rigorosa, com a definição da questão de investigação, a descrição de um protocolo, a pesquisa da literatura, o recolhimento e triagem e a análise da literatura, documentando, cuidadosamente, todo o processo.

As etapas do processo de revisão sistemática, segundo as autoras, são: 1. Formular uma questão de investigação; 2. Produzir um protocolo de investigação e efetuar o seu registro; 3. Definir os critérios de inclusão e de exclusão; 4. Desenvolver uma estratégia de pesquisa e pesquisar a literatura – encontrar os estudos; 5. Seleção dos estudos; 6. Avaliação da qualidade dos estudos; 7. Extração dos dados; 8. Síntese dos dados e avaliação da qualidade da evidência; 9. Disseminação dos resultados – Publicação.

Dessa forma, para a realização da primeira seção deste capítulo, propôs-se a seguinte questão de investigação: Quais são as evidências científicas disponíveis na literatura sobre os impactos na vida das famílias que vivenciaram o suicídio de um de seus membros?

Quanto ao protocolo de investigação, destacam-se:

- a. Critérios de inclusão: artigos completos, publicados em periódicos com revisão por pares, entre os anos de 2017 e 2021, nos idiomas português, inglês e espanhol; pesquisas exploratórias qualitativas, que abordem sobre estresse psicológico, na área de psicologia e afins; que apresentem impactos do suicídio nos familiares, especialmente, nos irmãos e atividades terapêuticas realizadas com essas pessoas;
- b. Critérios de exclusão: estudos que divergem dos objetivos e critérios de inclusão da pesquisa; produções repetidas; produções fora do período histórico supracitado;
- c. Estratégia de pesquisa: pesquisa no Portal de Periódicos Capes, SciELO, Conchrane Library, LILACS, BVS Psi e Google Acadêmico; utilizaram-se os termos “suicídio” ou “sobreviventes” ou “família” e, para o inglês, “suicide” or “survivors” or “family”;
- d. Seleção dos estudos: encontradas as obras, foram classificadas conforme a fonte e passou-se para o processo de leitura dos títulos e resumos, para verificar se estavam dentro dos critérios de inclusão. Os textos que atenderam aos critérios foram selecionados. Para textos iguais, porém publicados em fontes diferentes, optou-se pela publicação mais recente;
- e. Avaliação da qualidade dos estudos: a partir da leitura das obras, buscou-se identificar a sua qualidade, no sentido das referências bibliográficas utilizadas e a relevância da pesquisa;
- f. Extração dos dados: foi produzido um formulário no formato de quadro, identificando os dados gerais das obras, como nome dos autores, ano de publicação, título e fonte. Foi realizado o fichamento das obras, buscando destacar as conclusões às quais chegaram os autores;
- g. Síntese dos dados e avaliação da qualidade das evidências: organizou-se o texto a partir dos fichamentos e, com a leitura do referencial teórico para esta pesquisa, fez-se a proposta da discussão, buscando salientar o impacto nas famílias do suicídio de um de seus membros. Utilizou-se, assim, os textos que melhor conseguiram apresentar essas evidências.

Conhecer os impactos do suicídio na vida da família, de acordo com as produções disponíveis na literatura científica, foi o objetivo deste capítulo. O *corpus* de pesquisa foi composto por doze artigos que revelaram consequências psicológicas como medo, raiva,

vergonha e trauma, acarretando problemas de saúde física. Os doze artigos encontram-se listados na Figura 1.

Figura 1

Artigos encontrados na pesquisa

AUTORES	ANO	TÍTULO	FONTE
Costa & Spies	2014	Suicídio: a percepção familiar sobre aquele que deu fim à própria vida	Google Acadêmico – ver. Psicologia em Foco
Dutra et al.	2018	Vivenciando o suicídio na família: do luto à busca pela superação	Periódicos CAP-S - REBEN – Revista Brasileira de Enfermagem
Feijoo	2021	Situações de suicídio: atuação do psicólogo junto a pais enlutados	Google Acadêmico - Revista Psicologia em Estudo
Gonçalves et al.	2018	Os impactos do suicídio no âmbito familiar e social	Google Acadêmico - Revista Eletrônica Acervo Saúde
Kreuz & Antoniassi	2020	Grupo de apoio para sobreviventes do suicídio	Periódicos CAP-S - Psicologia em Estudo
Magalhães, Rafael & Vilella	2019	Sentimento dos familiares ao perder um ente querido por suicídio	Google Acadêmico – Anais do I Seminário de Iniciação Científica Fapemig – Itajubá
Melo & Barros	2017	Consequências do Suicídio para as Relações Socioafetivas dos Familiares na posvenção	Periódicos CAP-S - Revista FSA
Moro et al.	2018	Suicídio. Um fenômeno silencioso e silenciado	Google Acadêmico - Revista Saúde e Meio Ambiente
Ramírez	2017	Proceso de duelo: meta análisis del enfrentamiento a la muerte suicida desde una perspectiva familiar	Periódicos CAPES – Cuadernos

			Hispanoamericanos de Psicología
Rocha & Lima	2019	Suicídio: Peculiaridades do luto das famílias sobreviventes e a atuação do psicólogo	Google Acadêmico - Revista Psicologia Clínica
Ruckert, Frizzo & Rigoli	2019	Suicídio: a importância de novos estudos de posvenção no Brasil	Google Acadêmico - Revista Brasileira de Terapias Cognitivas
Silva et al.	2018	Cuidado a famílias após perda por suicídio: experiência de acadêmicos de Enfermagem	Periódicos CAP-S - REBEN – Revista Brasileira de Enfermagem
Vasconcelos & Ferreira	2021	Reflexões para o psicoterapeuta diante do enlutado pelo suicídio	Google Acadêmico - Revista Vale

Para a segunda parte deste capítulo, também foi realizada uma revisão sistemática da literatura que objetivou buscar, captar, reconhecer e sintetizar a produção do conhecimento acerca dos grupos de apoio a familiares enlutados pelo suicídio de um de seus membros. A pesquisa abarcou o período de 2015 a 2022 e obedeceu às seguintes etapas metodológicas: 1) delimitação dos objetivos e questões norteadoras; 2) seleção das bases de dados/estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão: levantamento, seleção e obtenção de artigos e livros relacionados ao tema; 3) avaliação dos estudos pré-selecionados; 4) discussão dos resultados e apresentação da revisão sistemática. A partir do dia 1º de janeiro de 2022, deu-se início ao levantamento de publicações na área da saúde, consultando artigos e publicações nas bases de dados BVS, SciELO e PsycInfo no Google. Essas plataformas foram escolhidas por concentrarem grau mais elevado de indexação de publicações na área da saúde. O levantamento da bibliografia deu-se também pelo Google, uma vez que esta plataforma disponibiliza também grande número de livros digitalizados, artigos científicos e *sites* específicos sobre a temática em questão. Com relação à literatura estrangeira, foram explorados três artigos publicados *no International Journal of Environmental Research and Public Health*. Também foi realizado levantamento de livros físicos sobre a temática.

As buscas eletrônicas foram feitas por meio de descritores capazes de responder às questões norteadoras, como já citadas anteriormente. Cabe destacar que os critérios de inclusão adotados foram os seguintes: *sites*, publicações e artigos sobre os impactos do suicídio de um ente querido em seu grupo familiar e a importância dos grupos de ajuda aos familiares enlutados

por suicídio de um de seus membros. Foram excluídas fontes que não trataram das temáticas eleitas nesta pesquisa; redigidos em outras línguas que não português; publicados anteriormente a 2011; que não apresentaram fundamentação científica. Nas buscas eletrônicas, foram utilizados os seguintes descritores pesquisados: suicídio, impactos, família, grupos de ajuda suicídio. Como estratégia de busca, os descritores foram cruzados. Nesse levantamento, foram identificados 219 artigos nas bases de dados; cinco livros digitalizados, cinco *sites* considerados relevantes e com credibilidade, sendo eles das seguintes instituições: Associação brasileira de estudos e prevenção do suicídio (ABEPS), Centro de Valorização da Vida (CVV), Organização Pan-Americana de Saúde (PAHO), Literatura Latino-Americana em Ciências da Saúde (LILACS), Base de Dados em Enfermagem (BDENF), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e National Library of Medicine (Pubmed).

Na etapa seguinte, os artigos e livros selecionados foram lidos na íntegra e destacadas as informações para a determinação da produção relativamente ao ano de publicação, proficiência dos autores, país de origem do estudo, ênfase na temática escolhida, pertinência da obra aos objetivos deste estudo, destaque para os resultados e conclusões. A análise dos estudos deu-se da seguinte forma: leitura de cada artigo, objetivando compreensão global; identificação das propostas teóricas relacionadas aos impactos do suicídio no grupo familiar da pessoa que se matou e a importância dos grupos de apoio aos familiares enlutados pela morte por suicídio de um de seus membros; classificação das propostas levantadas em categorias para a comparação entre as fontes; resumo interpretativo dos impactos no grupo familiar pela perda de um de seus membros por suicídio e importância dos grupos de apoio aos familiares enlutados pelo suicídio de um de seus membros.

2.1 Suicídio e Família

Pode-se perceber, na perspectiva da Psicologia Fenomenológica, que a humanidade vive um momento crítico de insegurança em relação ao futuro. É de conhecimento amplo que a crise social na pandemia assolou, e ainda causa impacto em todo o planeta e, principalmente, nos países subdesenvolvidos, dadas as dificuldades que esses países, historicamente, enfrentaram, e as quais têm piorado drasticamente a partir de então.

Conforme destacam Penso e Sena (2020), a compreensão do fenômeno do suicídio tem se apresentado como um grande desafio em diversos sentidos. O suicídio diz respeito a um grave problema de escala mundial de saúde pública. Considera-se que os números que

envolvem essa questão são subestimados, no entanto, mesmo assim, eles são assustadores. Para cada suicídio efetivado, houve entre 10 e 20 tentativas. Estima-se que cada morte por suicídio afeta emocionalmente outras 60 pessoas próximas à vítima.

Segundo Fukumitsu e Kovács (2016, p. 4), o “comportamento suicida abrange o espectro individual, social, cultural, histórico de cada época” e completam que “se há uma morte que acontece por suicídio, outras vidas são impactadas pelo ato de a pessoa se auto aniquilar.” Assim, evidencia-se a necessidade de colocar a família, como o núcleo mais próximo da pessoa que se suicida, no centro da atenção para a realização de ações de posvenção, o que justifica a realização deste estudo.

Cassorla (2021) explica que o ato suicida “constitui o evento final de uma complexa rede de fatores que foram interagindo durante a vida do indivíduo, de formas variadas, peculiares e imprevisíveis”. Entre esses fatores, estariam os genéticos, biológicos, psicológicos, sociais, históricos e culturais. Portanto, não se pode explicar de maneira simplista o suicídio. Tampouco se pode explicar de maneira simplista o luto dos que estavam próximos da pessoa que morre, pois essa fase é abarcada por várias dimensões também, como explicam Fukumitsu e Kovács (2016).

O suicídio é entendido como um problema de saúde pública. A Organização Mundial de Saúde (OMS) afirma que se trata de “um grave problema de saúde pública global” e que “está entre as vinte principais causas de morte em todo o mundo”, causando a morte de cerca de 800 mil pessoas em todo o mundo (World Health Organization, 2019, p. 7). É possível estabelecer que ele é uma das três causas mais recorrentes de óbito entre pessoas com idade entre 15 e 44 anos, além de ser a segunda causa mais frequente entre 10 e 24 anos. Isso levando em consideração os casos que resultam em morte, sem considerar as tentativas não efetivadas, que ocorrem também em grande número – 10 a 20 vezes mais (Kestel & Van Ommeren, 2019).

Segundo Boletim do Ministério da Saúde, divulgado em setembro de 2021 (BRASIL, 2021), entre 2010 e 2019, ocorreram, no país, 112.230 mortes por suicídio, o que significa um aumento de 43% no número anual de mortes, comparando dados de 2010 e 2019. O estudo aponta que “análise das taxas de mortalidade ajustadas no período demonstrou aumento do risco de morte por suicídio em todas as regiões do Brasil”. Os dados revelam que houve maior registro de taxas de suicídio nas Regiões Sul e Centro-Oeste, e que os homens “apresentaram um risco 3,8 vezes maior de morte por suicídio que mulheres”. Quanto à faixa etária, o boletim salienta “um aumento pronunciado nas taxas de mortalidade de adolescentes, que sofreram um incremento de 81% no período”.

Quanto à recorrência, é possível afirmar que os maiores índices estão entre mulheres jovens, sendo motivados, por vezes, devido à violência familiar, bem como doenças mentais e uso de álcool ou drogas; além de englobar também grupos de pessoas sem relacionamentos estáveis. Contudo, é preciso pontuar que, apesar de as mulheres realizarem mais a tentativa de suicídio, os homens são os que mais chegam à morte auto causada em suas tentativas, uma vez que, geralmente, fazem uso de métodos mais agressivos (Botega, 2015).

Diante dos dados apresentados, levanta-se a necessidade de que se compreenda o fenômeno e suas consequências para as pessoas, famílias, grupos e sociedade. Cada vez mais, pesquisadores de vários campos, principalmente ligados à saúde mental, têm se debruçado sobre o tema, por meio de pesquisas, análises e projetos de intervenção.

Esta etapa de revisão sistemática de literatura procura identificar as produções científicas, em língua portuguesa, inglesa e espanhola, no período de 2017 a 2021, que apresentam resultados de pesquisas exploratórias qualitativas, numa abordagem psicológica, seja na Psicologia e áreas afins. A pesquisa foi realizada nas bases de dados Portal de Periódicos Capes, SciELO, Conchrane Library, LILACS, BVS Psi e Google Acadêmico. O objetivo geral é conhecer os impactos do suicídio na vida da família, especialmente, na dos irmãos, de acordo com as produções disponíveis na literatura científica.

Dos doze artigos que são o *corpus* desta pesquisa, foi possível constatar que se trata de pesquisas qualitativas, com diversos referenciais e aportes teóricos. Foram quatro pesquisas de campo, tendo a entrevista como método (Costa e Spies, Dutra et al.; Magalhães, Rafael e Vilella; Moro et al.). Das pesquisas bibliográficas, cinco foram realizadas com o método de revisão integrativa (Feijoo; Gonçalves et al.; Melo & Barros; Rocha & Lima; Ruckert, Frizzo & Rigolli); uma foi revisão teórica (Ramirez) e uma revisão narrativa (Vasconcelos & Ferreira). Há, ainda, um relato de experiência (Kreuz & Antoniassi)

Nas pesquisas encontradas, relata-se o processo de perda dos familiares de pessoas que se mataram, bem como as consequências psicológicas ocasionadas por esse desfecho. No entanto, apenas uma pesquisa cita claramente o vínculo parental de irmãos. As demais citam de forma abrangente o termo “família”, às vezes, como o único sujeito da pesquisa, em outras, como mais um sujeito pesquisado, ao lado de moradores e profissionais da saúde.

De maneira geral, os pesquisadores apontam para o suicídio como um evento que deixaria as famílias vulneráveis a problemas psicológicos, manifestados pela culpa e raiva, mas, também, vergonha e mesmo alívio. A situação levaria ao convívio com o sofrimento e as repercussões da perda, além da possibilidade de um outro suicídio entre os que sobreviveram.

O primeiro momento da informação ou constatação da morte por suicídio do familiar é, também, relatado como “estado de choque” (Dutra et al., 2018), o que pode ser mais fortemente experimentado quando é o familiar que encontra o corpo, o que se pode caracterizar como uma “cena traumática” (Kreuz & Antoniassi, 2020). Haveria, ainda, a busca pela explicação do suicídio.

Os estudos apontaram para a carga de violência e desgaste emocional recebida pelos familiares, levando, inclusive, às repercussões em sua saúde física. No entanto, enfocam, também, o processo de superação das dores, no sentido de reconstruir a vida, a necessidade de atenção na promoção de saúde mental da família assim como suporte social e emocional.

Silva e Marcolan (2021, p. 2) explicam que o “suicídio produz um impacto sobre as famílias, amigos e comunidades”. Pode-se afirmar que:

Os enlutados por suicídio podem ressignificar as sequelas da morte escancarada e interdita. São, portanto, compreendidos como sobreviventes e transcendem a possibilidade de morrer juntamente com aquele que se suicidou. Acredita-se que pessoas que tiveram a experiência de ter alguém que se matou, aprendem a não se entregar ao sentimento de abandono e desamparo provocados pelas reverberações do suicídio. Precisam aprender a se cuidar e a receber cuidados de outras pessoas. (Fukumitsu & Kovács, 2016, p. 11)

Como explica Bertolote (2017), “os sobreviventes do suicídio têm maior probabilidade de desenvolver sentimentos de responsabilidade pela morte do ente querido do que os que perderam alguém por causas naturais, além de se sentirem mais envergonhados e isolados dos demais”.

Sentimentos como culpa e vergonha estão presentes nas pesquisas realizadas por Feijoo; Kreuz e Antoniassi; Magalhães, Rafael e Vilella; Moro et al., (o único artigo que menciona a pesquisa feita com irmãos, entre outros parentes); Costa e Spies; Melo e Barros; Ramírez; Rocha e Lima; Vasconcelos e Ferreira. Outros sentimentos mencionados são o de abandono e rejeição, raiva, medo, ressentimento, fracasso, desespero, confusão, tristeza, angústia, vazio, saudade, impotência, intolerância ou fuga (Costa & Spies; Kreuz & Antoniassi; Magalhães, Rafael & Viella; Moro et al.; Ramírez, Rocha & Lima; Ruckert, Frizzo & Rigolli; Vasconcelos & Ferreira). A pesquisa de Moro et al. mostra que também há a culpabilização da vítima e o sentido que o suicida quis dar ao ato, como o de chamar a atenção ou de castigar o familiar.

Botega (2015) afirma que quando ocorre um suicídio, em média 5 a 10 pessoas têm suas vidas muito afetadas. Os diversos sentimentos envolvidos, bem como o tabu que acompanha a questão, são fatores que acabam por culminar, assim, em uma má aceitação do

fato, isolamento social, vergonha, confusão, raiva e silêncio. Todas essas são características que agravam a situação e podem culminar em uma recorrência do ato, caso não sejam devidamente enfrentadas (Bteshe, 2013). O fato de o suicídio não ser visto como uma forma normal de morte, mas sim como uma quebra na ordem natural das coisas, faz com que seja mais difícil para os sobreviventes familiares encararem a realidade do problema e buscar por ajuda no momento posterior à ocorrência. Por envolver diversos contextos e construções ideológicas (como círculos de amizade, religião, locais de trabalho, dentre outros), há uma tendência muito forte ao medo do julgamento.

Ramírez (2017) descreve o processo de luto utilizando o termo “dinâmicas” e as lista da seguinte forma: dinâmica da negação e do isolamento; dinâmica de raiva e sentimento de vazio; dinâmica de identificação com a morte; dinâmica do medo; dinâmica da culpa; dinâmica da formação reativa. Para o autor, o processo termina quando a família consegue aceitar a morte e se reorganizar para dar continuidade à vida. No entanto, chama a atenção para o fato de que isso vai depender do contexto cultural, da forma como cada sociedade define ou reconhece o suicídio, facilitando ou não a resolução do processo.

Quando há a negação, acompanhada do silêncio autoimposto, bem como do tabu estabelecido socialmente, acaba-se por criar um ambiente não saudável, no qual a proliferação de doenças mentais como a depressão encontram facilidade para se desenvolver. O não tratamento e aceitação do luto podem, assim, culminar em situações nas quais os familiares venham a vivenciar o sentimento de rejeição e abandono, podendo levar a pensamentos circulares em direção ao suicídio como sendo a saída, fazendo com o que o ciclo não se quebre (Botega, 2015).

Nesta pesquisa, viu-se que alguns autores falam de formas diferenciadas de luto, com probabilidades de emergirem patologias, inclusive de novos suicídios (Gonçalves et al.; Vasconcelos & Ferreira), ou peculiaridades no processo de enlutamento (Rocha & Lima); bem como um luto complicado que pode criar problemas de saúde física e mental (Ruckert, Frizzo & Rigolli). Costa e Spies entenderam que os familiares do suicida ficam perturbados emocionalmente e em significativo sofrimento, procurando justificar ou amenizar o acontecimento e identificaram intolerância frente à fatalidade ou a fuga diante da intensidade do sofrimento. Ruckert, Frizzo e Rigolli explicam que a maneira como cada sobrevivente reage pode estar relacionada com o vínculo estabelecido com quem se matou. Há também a busca pelo sentido desse ato e de justificar o valor da própria vida e de compreender como não houve a percepção ou valorização do risco em tempo de alguma intervenção e a dificuldade em tratar com possíveis julgamentos sociais, além do desconforto em ter que falar sobre o ocorrido.

Fukumitsu e Kovács (2016, p. 5) explicam que, “além de ter de lidar com a morte e suas repercussões, o enlutado deve aprender a lidar com a ausência”, da qual “pode vir o desejo de resgatar o vínculo com o morto”, o que chamam de “orientação para a perda”. Segundo as autoras, “o suicídio pode não significar apenas matar a si mesmo: a morte auto infligida é um ato humano que provoca o sofrimento nas pessoas que ficaram e vivenciaram seu impacto.” Para elas, viver “o suicídio de uma pessoa querida causa grandes transformações. O luto pelo suicídio pode criar um hiato se houver falta de cuidado e de amor, um espaço de sofrimento psíquico [...]” (Fukumitsu & Kovács, 2016, p. 10).

Frequentemente, o que ocorre é que os familiares que vivenciaram um suicídio em seu meio não encontram o espaço necessário para conversar e dividir o que estão sentindo; tendo, então, que se isolar e relegar seus sentimentos para o silêncio. Essa realidade contribui para o estabelecimento desse estigma social que não encontra uma válvula de escape e que, muitas vezes, culmina em mais casos de suicídio (Botega, 2015).

Kreuz e Antoniassi (2020) explicam que a vivência do luto para essas pessoas pode se dar como algo silencioso, escondido, interdito. Vasconcelos e Ferreira falam do isolamento social pelo constrangimento.

É por essa razão, em virtude da falta de espaço para tal discussão na sociedade, que se faz essencial a busca pela reflexão e compreensão dos sentimentos vivenciados pelos familiares, bem como a oferta de um espaço de acolhimento para eles.

Nesta pesquisa, praticamente todos os artigos encontrados mencionam a necessidade do cuidado aos familiares enlutados. São citadas as ações de posvenção, por parte dos profissionais de saúde (Dutra et al.; Melo & Barros; Moro et al.; Rocha & Lima; Vasconcelos & Ferreira), como promoção da saúde mental com enfoque na valorização da vida e na formação e manutenção de vínculos (Gonçalves et al.). Houve também a sugestão de programas de intervenção psicossocial que tenham como princípios a promoção de uma sensação de segurança, oferecendo técnicas que ajudem a reduzir a ansiedade, reforçar o senso de competência pessoal e coletiva, estimular o apoio social, o apego e a esperança (Kreuz & Antoniassi). Outra ação apontada é a de incentivo para que os enlutados falem sobre o suicídio e sobre as relações individuais com o ente falecido e a busca de suportes na religião, com amigos e outros familiares (Magalhães, Rafael & Vilella). Também é citado o manejo clínico na perspectiva fenomenológico-existencial (Feijoo) e a participação em grupos de autoajuda com sobreviventes (Ruckert, Frizzo & Rigolli; Vasconcelos & Ferreira).

2.1.1 Os impactos sobre familiares de pessoas que cometeram suicídio

Kovács (2020) destaca que o luto corresponde a uma experiência de natureza universal de elaboração de mortes de pessoas, bichos de estimação ou perda de situações de vida que têm significado especial para o indivíduo enlutado. Mesmo sendo universal, o luto é também singular, individual, único, pois cada pessoa irá vivê-lo de uma determinada forma. Todavia, no que diz respeito à universalidade dessa experiência, de modo geral ela se manifesta como uma forte crise capaz de desorganizar intensamente o equilíbrio pessoal e familiar. No caso do suicídio, diversos fatores estão implicados no processo do luto: a relação que era estabelecida com a pessoa perdida; a natureza do vínculo afetivo; a forma como se deu o suicídio: repentino e violento; o modo como o grupo familiar está habituado a lidar com situações complicadas; variáveis de personalidade e representações e valores culturais e sociais.

A compreensão da elaboração do luto pelo grupo familiar que perdeu um ente querido por suicídio deve levar em consideração dois fatores que comumente são fontes de forte estresse para a família enlutada: (1) de um lado, a perda da pessoa amada e os sentimentos que acompanham esse processo, de outro (2) a necessidade de se ter energia e disposição para conduzir a vida sem a pessoa querida. A morte de um ente querido por suicídio põe a família diante de um desconhecido, assustador, inseguro (Kovács, 2020).

Dentre suas considerações sobre os impactos da morte de um ente familiar querido por suicídio, Fukumitsu (2019, p. 18) faz a seguinte afirmação:

o suicídio provoca impactos cuja profundidade não conseguimos dimensionar, ou seja, não conseguimos compreender as repercussões da morte violenta. No entanto, parti da premissa de que todos estão feridos, machucados ou abalados, sendo o adoecimento uma das respostas ao luto por suicídio.

Em nosso entendimento, os impactos que a morte de um ente querido é capaz de acarretar ao seu grupo familiar não são passíveis de mensuração objetiva; pois a dor, o sofrimento, a carga emocional, os pensamentos, enfim, os significados que surgem, em uma situação como essa, são pessoais e estão adstritos ao universo particular de cada membro sobrevivente. Na empreitada de se compreender o que se passa com uma família que vivencia esse tipo de situação, o caminho que nos parece menos fugidio é o de reunir, através de relatos de sobreviventes e observações feitas por pesquisadores, as experiências narradas por aqueles que sentiram ou sentem na pele os impactos da morte de um ente querido que se matou.

Os familiares que sofrem a perda de um ente querido por suicídio podem experimentar uma verdadeira mudança de identidade. Isso porque eles podem ser obrigados, com o evento, a

desempenhar novos papéis, estabelecer outros relacionamentos e suportar e administrar novas circunstâncias. Nesse sentido, Hybholt et al. (2022) citam estudo japonês que encontrou evidências acerca do modo como as pessoas tendem a reagir em situações de suicídio de um ente familiar. A pesquisa em epígrafe indicou que as pessoas enlutadas pelo suicídio tendem a significar as consequências da ocorrência dentro de um espectro que vai da experiência e sensação de total perda de controle sobre a vida até a redefinição dos sentidos de suas próprias existências. Nesse contexto, foram descritos dois tipos de reações mais comuns nessas situações: (i) “dialogadores”, que são aquelas pessoas que, mesmo estando em profunda tristeza, são capazes de se abrir e receber ajuda e conforto através do diálogo aberto, e (ii) “mudanças de humor”, são os que tendem a esconder suas emoções e sofrimentos. Dessa maneira, esses dados indicam que as necessidades de apoio aos familiares em luto por suicídio de um membro da família dependerão do modo como o indivíduo lida com os desafios trazidos pelo acontecimento.

Segundo os apontamentos de Botega (2015), Silva e Marcolan (2021) e Rocha et al. (2019), os impactos sobre os familiares de pessoas que cometeram suicídio, na quase totalidade das vezes, são brutais, avassaladores, de longo alcance e extensa duração. Para diversas pessoas, dar conta de lidar com a dor desencadeada por um suicídio de um membro familiar querido e atribuir um sentido para o luto decorrente dessa perda nessa circunstância consiste numa tarefa demasiadamente difícil. Essa dificuldade pode ser ampliada se acaso tiver ocorrido algum evento estressante envolvendo o ente que se matou e a família, tal como discussões e desavenças.

Um dos fatores mais dificultadores para que os sobreviventes² façam uma elaboração que lhes seja benéfica quando um ente querido se suicida é a forte rejeição que esse acontecimento encontra na sociedade. Os tabus e preconceitos existentes com relação a esse tema, de modo geral, faz com que os sobreviventes sejam lançados num espaço de silêncio e isolamento. Por muito tempo, o apoio e amparo aos sobreviventes foi praticamente inexistente devido ao estigma e ao não reconhecimento pela sociedade das consequências dolorosas causadas pela perda de um membro familiar por suicídio. Os cuidados e atenção a essas pessoas

² Ao se falar das pessoas que sobreviveram a um suicídio, é necessário abordar duas distinções. A palavra “sobreviventes” pode se referir tanto às pessoas que sobrevivem a uma tentativa de tirar a própria vida como àqueles que sentem os impactos da morte de um ente que se mata. Nesse sentido, Cornejo (2018) destaca que a utilização da expressão sobrevivente enlutado por suicídio é, amplamente, utilizada na literatura especializada e pode evitar equívocos de interpretação e compreensão. Nos limites deste trabalho, utilizaremos a palavra “sobreviventes” para referir-mo-nos às pessoas que sofrem o luto pela perda de um ente querido por suicídio. Quando for o caso, especificaremos tratar-se de referência à pessoa ou pessoas que sobreviveram à tentativa de autoextermínio.

tiveram início por iniciativa dos próprios sobreviventes, especialmente com o aparecimento da Suicidologia, em meados da década de 1960, na América do Norte. Com essa inovação, pesquisas acadêmicas, suporte psicoterapêutico e criação de organizações voltadas para a temática ganharam força e as necessidades dos sobreviventes passaram a ser levadas em maior consideração (Botega, 2015).

Um dos fatores que torna fundamental a necessidade de atenção ao grupo familiar de pessoas que se mataram é o denominado luto não reconhecido. Conforme destaca Casellato, (2020), a morte por suicídio, na maioria dos casos, é rotulada negativamente por parâmetros determinados pela sociedade. Desse modo, no tangente ao suicídio, comumente, mais importantes são as convenções sociais do que os sentimentos das pessoas em sofrimento pela perda, nessas circunstâncias, de um ente querido. Nesse contexto, o espaço social para a vivência do luto é limitado, quando não inexistente. Por essas vias, o luto não elaborado pode se transformar em adoecimentos diversos, desejo de morrer, comportamentos autodestrutivos e inclusive levar ao suicídio os impedidos de expressar sua dor.

Tratando dos impactos no grupo familiar pela perda de um ente querido por suicídio, Kreuz e Antoniassi (2020) indicam que o luto corresponde a uma resposta esperada em decorrência da ruptura de um vínculo afetivo entre os enlutados e a pessoa que se foi. Nessa situação, o luto pode ser visto como um processo dinâmico que se dá com base em uma experiência subjetiva carregada de significados. É importante que se leve em consideração que as reações ao suicídio se dão a partir também de representações e valores culturais. Portanto, os impactos sobre a família são multideterminados. As dimensões da perda têm influência da cultura, mas a forma como cada indivíduo ou grupo familiar vivencia o luto é única, assim como são únicos os vínculos que foram rompidos.

Os impactos sofridos por uma família pela perda de uma pessoa amada por suicídio decorrem da ruptura concreta e física na relação, pois a pessoa que se foi não mais voltará. Há ainda a força do impacto ocasionada pela dimensão simbólica da perda. Os enlutados vivenciam de modo particular e individual as mudanças bruscas e violentas que o evento acarreta, forçosamente e muitas vezes, sem nenhum tipo de preparação ou suspeita prévia de que tal situação poderia ocorrer. O suicídio de um ente querido impõe transformações radicais que a família terá que enfrentar, estando ou não preparada, pois o acontecimento é irreversível. Desafios de ordem social como tabus, preconceitos, estigmas vêm à tona. Questões de ordem material e econômica também são relevantes em grande número de casos, bem como mudanças na rotina ocasionadas pela ausência definitiva de um ente querido (Kreuz & Antoniassi, 2020).

O choque é considerado o primeiro impacto experimentado pela família em decorrência do suicídio de um ente querido. Dutra et al. (2018) apontam que a chegada da notícia da morte de um familiar é, de modo geral, um momento difícil e doloroso. No entanto, quando se trata da morte por um ato suicida, o impacto tende a ser muito maior. Comumente, os membros da família, no primeiro momento, entram em “estado de choque”, a notícia gera desespero. Para os familiares, o suicídio de um membro querido é um ato de surpresa, a qual é potencializada se não houvesse indícios de que o fato ocorreria. O recebimento da notícia pela família da perda repentina e violenta, em seus primeiros momentos, traz à tona um turbilhão de emoções e pensamentos relacionados a desespero, dúvidas, incredulidade, perplexidade.

Botega (2015) enfatiza que o choque inicial experimentado pela família, em decorrência da morte de um ente querido por suicídio, geralmente, é acompanhado por sentimento de culpa e de responsabilidade pelo ocorrido. No caso dos pais, que perderam um filho ou filha nessas circunstâncias, funciona, muitas vezes, a crença de que os genitores seriam os responsáveis pelo trágico acontecimento, uma vez que, em um imaginário falacioso ainda existente, os pais são os responsáveis pelas escolhas de seus filhos. A essa situação comumente somam-se os sentimentos de rejeição e abandono por parte daquele que se suicidou.

Em pesquisa mais recente, Dutra et al. (2018) também destacam a culpa como um sentimento que frequentemente se manifesta na maioria das pessoas enlutadas em decorrência de morte de familiares por suicídio. Os familiares, sobretudo os pais do suicida, tendem a se responsabilizar pela ação de seu ente familiar. Costuma emergir ainda intensa dor entre os familiares nessas circunstâncias por imaginarem que não tomaram nenhuma medida para auxiliar e evitar o suicídio de um membro familiar. Se acentuado, o sentimento decorrente da ideia de uma suposta omissão pode ser significativo indicativo de dificuldades de superação do ocorrido. Isso pode gerar consequências negativas entre todo o ambiente familiar.

Os pais tendem a se sentir traídos e abandonados, porque, na maioria das vezes, jamais supuseram que o filho ou filha pudesse cometer tal ato e que, se cometeu, algo muito ruim estava se passando com a pessoa sem que ela tivesse exposto suas dores e sofrimentos. Não é possível saber qual foi a real motivação do suicídio, porque a verdade se vai com a pessoa que se mata. Então a raiva, o desapontamento, a tristeza e a culpa são sentimentos que se misturam na forma de um forte impacto no grupo familiar quando um ente querido comete suicídio (Botega, 2015).

Geralmente a reação ao suicídio é de surpresa e espanto. Na maioria das vezes, a família não percebeu qualquer indício do risco de que um de seus membros se mataria. Isso ocorre porque, frequentemente, aquele que se matou não dava sinais visíveis de que cometeria tal ato.

Essa situação pode fazer com que os familiares não acreditem que de fato a morte da pessoa querida se deu por suicídio. Com isso, essa incredulidade faz com que outras explicações sejam procuradas. Essa busca por razões alternativas para o ocorrido é reforçada pelos sentimentos de vergonha e pelo forte constrangimento experimentado em razão dos tabus sociais. Um modo comum de se lidar com isso é o silenciamento sobre o acontecimento e, por consequência, o lançamento do suicídio em uma atmosfera de mistério capaz de atravessar gerações (Botega, 2015; Rocha & Lima, 2019).

Estudos mais recentes também destacam as reações de espanto e surpresa quando ocorre o suicídio de um familiar. Kreuz e Antoniassi (2020) indicam que a perplexidade que geralmente acompanha esses eventos traumáticos está relacionada diretamente aos tabus sociais sobre o tema. Por haver forte rejeição social contra o suicídio, o que resta aos grupos familiares muitas vezes é o silenciamento e construção, muitas vezes tácita, de um segredo familiar.

Scavacini (2018) refere-se aos chamados “efeitos adormecidos” que podem afetar o sistema familiar por muito tempo após o cometimento de suicídio por um de seus membros. Nesses casos, o que se observa são mudanças disfuncionais nos padrões de comunicação e nos processos de desenvolvimento da família. Tal situação pode ocasionar a disseminação de uma visão de mundo e de família bastante negativa para futuras gerações. Desse modo, ocorre um impacto deletério transgeracional a partir de tais perdas. A disfuncionalidade verificada nesses efeitos latentes pode ser vista em situações como nos casos em que irmãos sobreviventes, para proteger seus pais da dor, tendem a negar ou postergar a vivência do próprio processo de luto. Eles também podem culpar ou apoiar uns aos outros.

O luto experimentado como o impacto do suicídio de um ente familiar amado pode se tornar ainda mais dilacerante em razão da sobrecarga psíquica de uma morte violenta e repentina geradora de muita culpa. Esse sentimento é demasiadamente difícil de se elaborar e diluir. A depender da sua intensidade, a culpa é capaz de afetar o desejo de se continuar vivendo. A presença sufocante e asfixiante da culpa em situações como essa está atrelada à ideia de que algo poderia ter sido feito e não foi ou que alguma coisa poderia não ter sido feito ou deveria ter se dado de forma diferente. Assim, a culpa se torna um peso excruciante por suposições fantasiosas de que coisas erradas ou falhas foram cometidas contra a pessoa que se matou (Kovács, 2020).

Fukumitsu (2019, p. 23) também destaca a forte presença da culpa nos casos de suicídio de um ente familiar querido. De acordo com ela,

na impossibilidade de agir em prol de quem se matou, o enlutado pode adoecer em consequência da perda de energia pela “página” que parece nunca virar – primeiro pelo

fato de o outro estar morto e, segundo, por não conseguir mais endereçar as energias para cuidar de quem morreu. Assim, a energia é revertida contra a pessoas em forma de culpa, o sentimento unânime dos enlutados.

Há ainda que se considerar o fato de que o peso e o sofrimento nas situações de suicídio de um ente familiar querido podem ser ampliados e se tornar ainda mais graves se o enlutado foi quem encontrou o corpo. Na maioria das vezes, o suicídio ocorre em casa. Um familiar acabará encontrando a pessoa que se suicidou. Para quem encontrou o corpo da pessoa falecida, a consequência pode ser a instalação, de forma duradoura e recorrente, de um quadro de lembranças aterrorizantes, pesadelos e evitação. Essa situação pode se tornar ainda mais crítica pelo surgimento da imaginação dos últimos momentos do falecido, de sua dor para executar o ato, de seu sofrimento e da possibilidade de que a pessoa que se suicidou possa ter se arrependido e não ter conseguido reverter o acontecimento (Botega, 2015, Rocha & Lima, 2019).

Mesmo que a morte por suicídio de um familiar querido gere desânimo em se continuar a vida, dificilmente as providências cotidianas poderão ser arredadas indefinidamente. A vida tem que continuar a existir. Desse modo, assumir as tarefas que eram realizadas pela pessoa que se matou, geralmente, é fonte de aumento do sofrimento, porque é uma constante lembrança da ausência da pessoa querida (Kovács, 2020).

Uma consideração sintética e precisa com respeito aos impactos que o suicídio de um ente querido tende a gerar no seu grupo familiar é destacado por Fukumitsu (2019). De acordo com essa pesquisadora, um dos impactos de maior relevância ocasionado pelo suicídio de um ente familiar querido é o adoecimento dos familiares sobreviventes. Esse fenômeno teria como causa o fato de que

a “montanha-russa” dos sentimentos e pensamentos do processo de luto por suicídio é tão intensa que a imunidade é um dos aspectos mais abalados naquele que se vê obrigado a enfrentar a morte de alguém amado. Durante o processo de luto, a pessoa busca o sentido da existência de quem se foi; por isso, aprende forçosamente a transformar sofrimento em esperança. A fé e a confiança são abaladas quando acontece um suicídio. Parece que tudo desmorona. Ficamos “sem chão”, sem ar e sem sentido para continuar [...] (Fukumitsu, 2019, p. 20).

Como a autora citada mesmo destaca em seu trabalho sobre os impactos do suicídio de um ente querido em seu grupo familiar, o adoecimento, que se verifica nessas situações, deve ser visto em sentido amplo. Cada um reage à sua maneira. De modo geral, os impactos estão associados a uma enorme carga de sofrimento, dor, desolação. Tais experiências podem

inclusive ter suas repercussões somáticas, e ocasionar, ainda, o agravamento de transtornos mentais preexistentes, além de outros modos autodestrutivos de se lidar com a situação. No entanto, o suicídio de um ente familiar querido não está fatalmente ligado ao fim das razões e alegria de viver dos familiares sobreviventes. Mesmo que o caminho seja árduo, é possível que nossos significados e razões para viver sejam descobertos pelos membros sobreviventes. Nas palavras de Fukumitsu (2019, p. 12), por mais trágico e doloroso que seja o acontecimento, o testemunho de muitos familiares sobreviventes indica que é possível “extrair flor de pedras”. Em sentido figurado, essa expressão indica o trabalho de ressignificação proveitosa que muitos familiares foram capazes de fazer. Esse trabalho é facilitado pelos grupos de apoio aos familiares sobreviventes ao suicídio de um ente familiar querido.

Buscaram-se as evidências científicas disponíveis na literatura sobre os impactos na vida das famílias que vivenciaram o suicídio de um de seus membros. A realização do levantamento das obras, leitura e seleção, seguindo um protocolo elaborado para esta pesquisa, levou a algumas constatações sobre o tema. A primeira é que nos últimos anos há várias produções acadêmicas sobre a situação das famílias de pessoas que se mataram por suicídio. E quase nenhuma é especificamente sobre a relação dos irmãos da vítima. As constatações já existentes se referem aos atendimentos desenvolvidos no âmbito da saúde pública e a preocupação com a preparação dos profissionais dessa área para o atendimento aos familiares. Até certo ponto, evidencia-se uma preocupação com a elaboração, desenvolvimento e avaliação de políticas públicas de saúde mental que acompanhem as famílias sobreviventes, como visto em grande parte dos artigos encontrados.

Sendo assim, abordar os levantamentos, que apontam para evidências a partir do diálogo e da escuta dos sujeitos envolvidos com os processos de perda-luto após suicídio na família, ou no atendimento a essas pessoas, torna-se essencial e de fundamental importância. Para as evidências científicas, portanto, são utilizados métodos qualitativos, que apontam para grande sofrimento psíquico, que leva a traumas e isolamentos, bem como para doenças físicas, sendo necessário pensar e desenvolver ações de saúde mental que atendam os familiares.

A pesquisa evidencia a necessidade de se fazerem novas pesquisas que atendam às necessidades de familiares enlutados pelo suicídio de um de seus entes; isto é, a posvenção. Dentre a ajuda a ser fornecida aos familiares, encontram-se os Grupos de Apoio como um dos pilares mais importantes à satisfação dessas necessidades. Por isso, cabe questionar e analisar: Como funciona o Grupo de Apoio a familiares sobreviventes? Uma resposta plausível para tal questionamento encontra-se na seção a seguir.

2.2 Grupo de apoio a familiares que perderam membros por suicídio

O suicídio é considerado uma das maiores causas de morte no mundo. Trata-se de um fenômeno complexo cuja compreensão tem se mostrado um grande desafio para todos. Dentre as incertezas que rondam o tema, é certo que o impacto sobre os familiares que perderam um membro por suicídio geralmente é avassalador, marcado por muito sofrimento, dor, confusão, culpa, rejeição e desolação. Esses efeitos no grupo familiar podem tomar proporções ainda maiores e desencadear ou acentuar transtornos mentais preexistentes como a Depressão. Outra forma de enfrentamento desse fato pelos sobreviventes próximos pode ser o consumo excessivo de álcool.

Desse modo, é de grande importância que existam estruturas capazes de dar suporte, atendimento e orientação aos familiares que perderam um membro por suicídio. Os grupos de apoio são considerados formas de instrumentos de grande validade nessas situações. A presente pesquisa realizou uma revisão sistemática da literatura publicada entre os anos de 2015 e 2022 abordando o tema dos impactos no grupo familiar que perdeu um membro por suicídio. Seguindo a metodologia da revisão sistemática de literatura, foi levantada a questão da importância dos grupos de apoio a familiares nessa situação. Os dados colhidos mostram que há significativa produção sobre os impactos do suicídio de uma pessoa em seu grupo familiar. No entanto, observa-se a possibilidade de mais estudos com relação aos grupos de apoio aos familiares que vivenciam a experiência do luto pelo suicídio de um de seus membros.

Conforme dados fornecidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS), verifica-se aumento significativo das taxas de suicídio no mundo todo. No ano de 2020, ocorreu um aumento de 50% nos registros anuais de morte por suicídio. Nesse contexto, o número de óbitos decorrentes de suicídio a cada ano ultrapassa o número de mortes por homicídio e guerras. É relevante destacar que cada suicídio acaba gerando um impacto na vida de, ao menos, outras seis pessoas. No Brasil, entre os anos de 1996 e 2016 (20 anos), houve o registro de 183.484 mortes por suicídio, esse montante representa um aumento de 69,6% neste período. A taxa de mortalidade por suicídio em 2018 foi de 6,1 por 100.000 habitantes, com o registro de 12.733 mortes por suicídio (Silva & Marcolan, 2021; Rocha et al., 2019).

Dentre os temas relacionados à saúde mental humana e ao impacto que a sociedade gera sobre os indivíduos, o suicídio figura como um dos de maior relevância, controvérsia e curiosidade. Da perspectiva histórica, a atração que o suicídio ocasiona sobre a curiosidade das pessoas perde-se de vista, estando registrada de diversas formas e por meios variados, como

escritos, desenhos, mitos etc. Em época mais recente, destacadamente a partir do século XVIII, esse fenômeno tem sido abordado como uma realidade multifatorial que implica dimensões sociais, históricas, sociológicas, econômicas, religiosas e filosóficas. Nos dias atuais, pode-se constatar a existência de uma variedade de compreensões dos que se dedicam a estudar o suicídio. Em linhas gerais, com relação a esse tema, podem ser discriminadas posições que consideram o autoextermínio a ação mais individual capaz de ser executada pelo ser humano. Há ainda postulações que incluem o suicídio na categoria dos resultados das pressões e opressões sociais, tirando assim o poder da escolha individual como causa última do suicídio. Em meio ao amplo espectro teórico pertinente às tentativas de compreensão existentes, na atualidade, sobre o suicídio, uma conclusão é cabível: trata-se de um fenômeno complexo que ainda comporta muito mais questões do que respostas (Ribeiro & Moreira, 2018).

A realização de uma arqueologia do suicídio para encontrar o seu início talvez seja uma tarefa impossível de se realizar, no entanto, pode-se supor que ele está presente na história desde que a consciência emergiu como um fenômeno humano, isso porque há diversos registros sobre esse acontecimento em culturas e épocas variadas. Uma consideração importante a ser feita sobre o suicídio é que ele, mesmo com sua forte e impactante presença na história humana, ainda não é compreendido plenamente. O que temos hoje, com base nos estudos que foram realizados, é a compreensão praticamente consensual de que se trata de um acontecimento de natureza multifatorial decorrente da confluência de fatores psicológicos, biológicos, genéticos, culturais, religiosos, sociais e ambientais. Nesse sentido, da perspectiva científica, o suicídio deve ser considerado como o resultado da interação de elementos variados dentro de uma individualidade. Dessa maneira, nenhuma variante implicada nesse fenômeno deve ser tomada como a mais importante ou determinante, não podendo ser visto como algo simples, mas sim como o resultado de um processo (Rocha et al., 2019).

De modo geral, o suicídio diz respeito a uma forma de morte violenta, chocante e extremamente agressiva, principalmente, para os membros familiares sobreviventes. Botega (2015), Ribeiro e Moreira, (2018), Cruz, Rezende e Reis (2019) destacam que um dos elementos que tornam o suicídio um fato difícil de ser assimilado, processado e aceito, é a grande rejeição que ainda recai sobre ele em nossa sociedade. A perda de um membro familiar nessas circunstâncias, comumente, lança os familiares sobreviventes em uma atmosfera de enorme luto permeada por sentimentos diversos como tristeza, desamparo, perplexidade, vazio, raiva, indignação, vergonha e rejeição. Dada a grande dimensão da carga emocional que emerge com esse acontecimento, a rotina de quem perde um ente amado por autoextermínio costuma ser marcada pelo silêncio e isolamento. Tais atitudes são indicadoras de mecanismos de defesa que

são utilizados para se enfrentar a dor e a incompreensão do que aconteceu e do que está acontecendo.

Conforme destacado anteriormente, o suicídio ainda se mostra como um fato de terrível carga emocional para os sobreviventes, especialmente para os familiares e mais especialmente ainda quando havia vínculos afetivos entre a pessoa que se matou e os seus entes familiares. Dentre os acontecimentos assombrosos da vida, certamente, o suicídio é um dos mais difíceis de ser assimilado, processado e significado de forma saudável por aqueles que perderam um ente querido dessa forma.

Os familiares das pessoas que se matam certamente são os que mais sofrem os impactos negativos desse trágico acontecimento. Nesse sentido, os chamados familiares sobreviventes necessitam de apoio e ajuda profissional. Uma das formas de ajuda que tem se despontado como valiosa nessas situações são os grupos de apoio. Contudo, essa modalidade de auxílio ainda carece de maior fundamentação científica, com estudos que possam checar sua eficácia e oferecer suporte aos profissionais que atuam e trabalham com a ajuda aos familiares de pessoas que se mataram. Esse é o propósito do presente trabalho.

Diante desse quadro complexo, algumas questões podem ser colocadas: quais os impactos mais frequentes são percebidos nos familiares de pessoas que cometeram suicídio? O que faz com que o suicídio seja tão difícil de ser elaborado de um modo, se não benéfico, ao menos de maneira não tanto deletéria para os familiares sobreviventes? Por que a família sofre tanto com esse acontecimento? Cabe ainda uma questão que consideramos a mais relevante para os limites deste estudo: se o sofrimento experimentado pelos familiares sobreviventes a um ente querido suicida é tão grande e encontra pouco espaço para ser livremente expressado, qual é a importância dos grupos de apoio a familiares de membros que cometeram suicídio?

No que diz respeito aos impactos do suicídio no grupo familiar que perde um ente querido com morte desse tipo, a literatura é relativamente vasta. Há um número significativo de pesquisadores que trataram do assunto. No entanto, os grupos de apoio aos familiares, por suicídio de um de seus membros, ainda são um campo com muitas possibilidades de estudo.

2.2.1 Posvenção e os grupos de apoio a familiares enlutados e sobreviventes do suicídio

Em linhas gerais, os grupos de apoio a familiares enlutados e sobreviventes ao suicídio de um ente familiar querido podem ser vistos como sendo espaços nos quais: é oferecida ajuda aos sobreviventes para que eles possam se sentir menos isolados e sozinhos; estimula-se a esperança de que a recuperação é possível, ao aproximar novos sobreviventes a pessoas com

histórias mais antigas; oferece-se suporte à ideia de que a dor do luto é esperada e aceitável; cria-se a oportunidade de que sobreviventes falem abertamente sobre suas experiências com pessoas que passaram pela mesma situação e, portanto, são capazes de maior compreensão. Esses grupos também permitem que cada sobrevivente aprenda com as histórias alheias.

Os grupos de ajuda a familiares sobreviventes são espaços estruturados e articulados para oferecer suporte na forma de escuta, troca de experiências e de informações. Dessa maneira, esses elementos constitutivos desses espaços funcionam também como ingredientes fortalecedores da rede de acompanhamento. A pessoa que se sente acolhida, compreendida e inserida em meio a outras pessoas que sabem da sua experiência de dor, tende a se vincular ao trabalho que está sendo realizado.

Diversas são as consequências sobre os sobreviventes familiares por esse acontecimento. De modo geral, pode-se afirmar que o grupo familiar sofre uma verdadeira devastação quando um membro seu se suicida. Dor, sofrimento, desolação, dúvidas, revolta, raiva, culpa, vergonha são tonalidades que compõem o triste espectro emocional e afetivo vivenciado nessas circunstâncias pelos que perderam, por meio do autoextermínio, alguém amado. Com base nos levantamentos feitos, nesta pesquisa, é adequado e cabível afirmar que, num sentido amplo, a saúde do grupo familiar que perdeu um membro por suicídio, na quase totalidade das vezes, é gravemente afetada. Por essa razão, é imprescindível medidas e redes de apoio que ofereçam atenção, suporte e ajuda aos familiares sobreviventes ao suicídio de um ente.

Botega (2015) destaca que é de fundamental e imprescindível importância que medidas sejam tomadas para se evitar e/ou tratar os graves efeitos, que geralmente os membros familiares enfrentam como consequências do suicídio de um membro querido. Nesse sentido, conforme destaca o referido pesquisador, existe a denominada posvenção. Esta consiste no conjunto de providências que podem e devem ser tomadas para oferecer aos familiares sobreviventes, a terapêutica necessária para ajudar as pessoas da família a reestabelecerem a saúde e o equilíbrio psicológico ou para se evitar danos maiores para a saúde mental e física do grupo familiar nessas circunstâncias.

Kovács (2020) destaca que as pessoas enlutadas se sentem vulneráveis; psicologicamente inseguras, desorientadas, ansiosas, com raiva, perturbadas por questionamentos existenciais dolorosos e por ideação suicida. Todo esse quadro gera significativa desestruturação familiar, trazendo inclusive o risco de que alguém mais possa se matar. Indubitavelmente o cuidado aos sobreviventes é fundamental, e deveria ser oferecido

sempre, pois a situação existencial trágica vivenciada pelos familiares enlutados pode ser a do ente querido que se matou.

A posvenção, também, se dá como forma de acompanhamento daquelas pessoas que tentaram o suicídio, e que não obtiveram o resultado morte. Portanto, em sentido amplo, a posvenção se refere ao conjunto de práticas e atividades úteis que são realizadas após uma situação estressante ou perigosa. No caso específico do suicídio, seriam as medidas que são tomadas relativamente às consequências danosas à saúde, após um evento suicida; podendo elas serem voltadas para aqueles que sobreviveram à tentativa de suicídio (Kreuz & Antoniassi, 2020).

A posvenção não é voltada, apenas, para os familiares sobreviventes; ela está aberta para oferecer ajuda a todos os sobreviventes que sentiram o impacto da morte de alguém por suicídio e também às próprias pessoas que tentaram se suicidar e não conseguiram. No entanto, o foco do trabalho é o grupo familiar sobrevivente, pois, de modo geral, é ele o que sofre as consequências mais drásticas pela morte nessa circunstância.

Conforme se procura destacar, o isolamento e o silêncio, em muitos casos, acabam sendo o único meio que resta à família para enfrentar o suicídio de um ente querido. Esse silêncio advém da complexidade do acontecimento. O suicídio envolve questões muito sensíveis e difíceis. Morte; finitude; vulnerabilidade humana; violência auto infligida; dor; sofrimento; tabus sociais, culturais e religiosos são alguns temas espinhosos que emergem diante do suicídio de alguém. Dessa maneira, é preciso que se considere que poucas pessoas, independentemente do grau de instrução, estão preparadas ou têm condições de lidar com as questões trazidas pelo suicídio. São questões de natureza psicológica, filosófica, sociológica e religiosa com grande profundidade. Sendo assim, é compreensível a dificuldade que, geralmente, as pessoas apresentam para dirimi-las. O isolamento e o silêncio acabam sendo efeitos diretos desse despreparo e incapacidade para se abordarem as dimensões do acontecimento. Nesse contexto, a posvenção se apresenta como um conjunto de procedimentos de elevada importância para o enfrentamento dessa situação.

Fukumitsu (2019) destaca que a palavra posvenção foi proposta pelo fundador da Suicidologia, o Psicólogo americano Edwin Shneidman. De acordo com a referida autora, o termo posvenção, ainda, é pouco utilizado no Brasil, mas indica as propostas de manejo que objetivam cuidar e mitigar os impactos e consequências da morte auto infligida, a qual geralmente é vivenciada como um trágico incidente.

Kovács (2020) também destaca o fato da posvenção ser ainda pouco conhecida no Brasil, mesmo sendo abordada na literatura estrangeira especializada há muitos anos. De acordo

com essa estudiosa, a posvenção diz respeito, em sua essência, aos cuidados preventivos voltados para as próximas gerações dos sobreviventes ao suicídio de um ente familiar. O desconhecimento dessas práticas, em nosso país, deve-se, principalmente, ao fato de as campanhas nacionais não mencionarem o termo. Em muitos casos, essa falha publicitária faz com que os enlutados não busquem cuidados para o seu sofrimento.

A posvenção tem por principal objetivo minimizar as graves consequências vivenciadas pelos sobreviventes ao suicídio de um ente familiar querido. Desse modo, ela se estrutura como uma série de intervenções planejadas que visam abordar as espinhosas questões e consequências do suicídio. As ações próprias da posvenção envolvem acolhimento aos enlutados e reequilíbrio do sistema familiar. Um outro ponto de fundamental importância referente à posvenção é que ela visa reduzir os comportamentos autodestrutivos e, também, o risco de novos suicídios. Isso porque, como já apontado, em sentido amplo, a saúde do grupo familiar, geralmente, é bastante prejudicada pelo suicídio de um de seus membros. Essa situação pode funcionar como elemento catalizador de possíveis eventos de suicídio por membros familiares sobreviventes. Nesse sentido, a posvenção feita nesses grupos funciona, também, como medida de prevenção (Fukumitsu, 2019).

Os grupos de apoio aos familiares enlutados por suicídio têm suas raízes mais remotas no ano de 1960, quando foi fundada a *International Association for Suicide Prevention* (IASP), pelo suicidologista austríaco Erwil Ringel, em Viena. Posteriormente, a IASP tornou-se uma das instituições mais importantes na área de prevenção e posvenção do suicídio. Na atualidade, ela colabora com a OMS e conta com membros de sessenta países, promovendo congressos internacionais e diversas atividades na área. No ano de 1968, a *American Association of Suicidology* (AAS) foi criada por Edwin Shneidman. A partir de então, essa instituição passou a desenvolver, entre outras atividades, padrões e critérios para certificar centros de tratamento na crise pelos Estados Unidos e Canadá. Desde o ano de 1976, já foram certificados mais de cento e sessenta centros nesses países por sua excelência no atendimento ou treinamento de profissionais (Scavacini, 2018).

Mais especificamente, os grupos de ajuda aos familiares enlutados por suicídio de um de seus membros surgiram e se disseminaram nos Estados Unidos a partir da década de 1970. Esses grupos são constituídos por sobreviventes enlutados por causa de um suicídio, e têm se mostrado como importante medida de posvenção, capaz de fornecer suporte psicológico aos familiares que se encontram na situação de luto por suicídio (Botega, 2015).

No Brasil, os grupos de apoio aos sobreviventes enlutados, atualmente, encontram-se espalhados por diversos estados brasileiros. Alguns deles são: GASS (Grupo de Apoio aos

Sobreviventes de Suicídio) do Centro de Valorização da Vida (situado em diversos estados brasileiros); Grupo de Apoio ao Sobrevivente Enlutado pelo Suicídio Vita Alere (São Paulo/SP e Rio de Janeiro/RJ); Nomoblidis (São Paulo – SP); FASS – Fênix Apoio aos Sobreviventes de Suicídio (São Paulo – SP); Sociedade de Medicina e Cirurgia de Campinas – SMCC (Campinas – SP); Grupo Luta em Luto de Apoio aos Sobreviventes do Suicídio (Santos – SP); Grupo de Apoio a Enlutados por Suicídio – GAES (Minas Gerais – MG); AMBACS Lagunho – Grupo de Acolhimento aos Sobreviventes do Suicídio (Macapá – AP); Grupo de Apoio às Famílias Sobreviventes do Suicídio Bia Dote (Fortaleza – CE); Grupo Vida que Segue (Teresina – PI); Grupo de Apoio aos Sobreviventes Enlutados pelo Suicídio – NIVV e Clínica Ágape (Juiz de Fora – MG); Transformador em Amor (São Paulo – SP); Resignificar Grupo de apoio – Sobre(viver) (Araras – SP)³

Os grupos de apoio constituem, na atualidade, a principal forma de suporte buscada por pessoas impactadas pelo suicídio no Brasil e no mundo. Devido à pandemia de Covid-19, atualmente, muitos desses grupos prestam seus serviços pela internet. Na maioria dos casos, a orientação e condução dos grupos é feita por Profissionais da Área da Saúde, por sobreviventes enlutados ou por voluntários. O principal propósito desses grupos é a troca de experiências em um ambiente sigiloso, com empatia e sem julgamento.

O convite para que as pessoas participem desses grupos é feito por participantes, por pessoas que sabem da existência dos grupos e da necessidade de alguém e aí faz-se a indicação, através de divulgação na internet, ONGs e em espaços públicos. Os participantes se inscrevem e todo o trabalho é conduzido de maneira gratuita. Existem também os grupos de apoio em que o critério de participação depende do vínculo da perda, sendo alguns exemplos deles: grupo de apoio às mães em luto, grupo de apoio a pais em luto.

Basicamente, os grupos de apoio são de três tipos: abertos, fechados e híbridos. Os grupos abertos são o tipo mais comum. As suas reuniões acontecem, regularmente, de acordo com um calendário; sendo comum elas serem em dia e horário fixos. Nessa modalidade de grupo, os participantes são livres para participarem de acordo com a frequência que escolherem. Os grupos fechados pré-estabelecem os sobreviventes que irão participar e seu funcionamento é cíclico, o que significa que esses grupos têm um tempo determinado de duração, durante o qual não são admitidos novos participantes. Geralmente, esses grupos duram entre 8 e 12 reuniões. Por fim, existem os grupos denominados híbridos, nos quais ocorre junção de aspectos

³ Fonte: <https://posvencaodosuicidio.com.br>. Acesso em: 09 jan. 2023.

dos grupos fechados e abertos. É importante destacar que cada tipo de grupo tem as suas vantagens e desvantagens (Botega & Scavacini, 2020).

Quanto à participação de pessoas de uma mesma família em um único grupo, não há regras preestabelecidas. Se dois ou mais membros de um grupo familiar decidirem participar do mesmo grupo, não haverá restrições. Nesse caso, o fator que será decisivo é o modo como esses familiares irão se sentir com a presença do outro. Se não houver inibição, não haverá razões para que frequentem o mesmo grupo.

No que diz respeito aos recursos materiais, de modo geral, os grupos funcionam com subsídios voluntários da iniciativa privada, como empresas e clínicas particulares; do poder público; de ONGs e dos próprios sobreviventes (Botega & Scavacini, 2020).

As pessoas que conduzem as reuniões desses grupos são chamadas de Facilitadores. Estes são de fundamental importância para os grupos, porque são os responsáveis pela direção das reuniões, bem como pela parte operacional, tais como encontrar o local das reuniões, divulgar o grupo, adquirir os recursos e insumos necessários. Em muitos casos, essa função é exercida por sobreviventes enlutados. De modo geral, eles se mostram com elevada dedicação, motivação e capacidade de compreender as exigências dos demais participantes. Essas características funcionam, geralmente, de forma muito positiva, pois os enlutados, principalmente os que tiveram a experiência mais recente, tendem a se sentir bem acolhidos e compreendidos ao verem que a coordenação do grupo é feita por alguém que passou pela experiência de perda também (Botega & Scavacini, 2020).

Todavia, os grupos podem ser conduzidos também por Profissionais da Saúde e outras pessoas devidamente preparadas. Existe ainda a figura do cofacilitador, que consiste em uma pessoa que forma uma dupla com o coordenador. Essa parceria pode ser feita entre, por exemplo, um profissional da saúde e um sobrevivente (Botega & Scavacini, 2020).

As reuniões dos grupos podem ocorrer em diversos locais, tais como igrejas, hospitais, clínicas, centros comunitários e a própria residência dos facilitadores e participantes. As reuniões costumam acontecer cerca de uma vez por mês ou a cada quinze dias, e são menos frequentes os grupos que funcionam com encontros semanais. Com relação ao número de participantes, o que os guias, como o do Centro de Valorização da Vida (CVV), recomendam é que tenham entre 8 e 15 integrantes (Botega & Scavacini, 2020).

O funcionamento do grupo segue um roteiro semelhante aos de outros encontros em grupo. Há a fase do acolhimento, da apresentação, e a chamada discussão, que é quando os integrantes irão compartilhar seus sentimentos, pensamentos e experiências como sobreviventes. Os grupos funcionam a partir de regras básicas, sendo as principais delas:

respeito ao cronograma, confidencialidade, disposição para ouvir, não julgar, respeitar a opinião dos demais, participar, disposição para compartilhar a própria experiência e dividir o tempo da reunião com os demais participantes sem monopolizar o encontro (Botega & Scavacini, 2020).

Kovács (2020) destaca que um dos manejos mais importantes de serem feitos com familiares enlutados por suicídio de um ente querido é a legitimação dos sentimentos e pensamentos emergentes da situação que estão vivenciando. Sendo assim, as pessoas que frequentam esses grupos costumam encontrar grande conforto, principalmente nos grupos que são voltados exclusivamente para pessoas em luto por suicídio. O acolhimento e conforto, usualmente experimentados, acontecem, principalmente, devido ao encontro com outras pessoas que vivenciaram o mesmo tipo de perda. Desse modo, a possibilidade de se expressar, livremente, tudo o que está sendo vivido, mostra-se como uma poderosa ferramenta terapêutica.

Fukumitsu (2019) faz relevantes indicações acerca do modo como a ajuda pode ser oferecida aos familiares enlutados nos grupos de ajuda. De acordo com essa pesquisadora, em seus estudos, ela verificou algumas das principais necessidades dos sobreviventes: o não poder falar devido aos tabus e preconceitos; o medo de que o suicídio possa se repetir na família; a exposição pública de questões íntimas da família; dificuldades relativas a questões burocráticas, judiciais, financeiras e emocionais.

Os familiares enlutados pelo suicídio de um de seus membros lidam com estigmas e preconceitos. Existe, ainda, a vergonha de se mencionar a causa da morte do ente querido pelo receio de acusação e julgamento. Com tudo isso, essa situação constitui um enorme emaranhado de dor, vergonha, preconceito, tabus, exposições vexatórias, curiosidade das pessoas e desamparo (Fukumitsu, 2019).

Pela gravidade e intensidade dessas experiências, os grupos de apoio aos familiares sobreviventes se pautam em princípios de acolhimento respeitoso e suspensão de julgamentos e acusações. Nesses espaços, os enlutados têm a oportunidade de encontrar compreensão de seus sentimentos. Eles também podem experimentar os salutareos efeitos do compartilhamento de experiências. Sendo um lugar onde se encontra conforto, liberdade e espaço para se falar do que se está vivenciando, os grupos de apoio aos familiares enlutados podem ser considerados como um dos principais antídotos contra um dos maiores sofrimentos ocasionados pela morte de um membro por suicídio: o silêncio e o desamparo.

Ao se fazer tal levantamento, verifica-se que há significativo número de trabalhos científicos de qualidade que abordam os impactos do suicídio de uma pessoa em seu grupo familiar. Todavia, ainda há muitas possibilidades de pesquisas científicas sobre os grupos de apoio a essas pessoas. Pensamos que contribuir com uma pesquisa sobre o tema se insere em

uma questão humanitária profunda de solidariedade e compaixão para com os que sofrem pela morte por suicídio de um membro da sua família.

No que diz respeito à formação profissional, há que se ter em vista ser algo de fundamental importância. É comum verificar-se que muitos profissionais da saúde têm medo da realidade do suicídio. Assim, oferecer a eles subsídios científicos de qualidade consiste num valioso auxílio a eles e às pessoas com as quais irão trabalhar. Como apontado acima, os grupos de apoio são conduzidos muitas vezes por pessoas que passaram pela experiência de perda de um ente querido por suicídio.

Contudo, consideramos ser de fundamental importância que os grupos também contem com o apoio de profissionais habilitados para lidar de modo científico com questões psicológicas profundas que surgem nesses espaços. Ou seja, a presença de alguém que vivenciou o suicídio de um membro familiar é muito válida e até mesmo necessária. No entanto, os rumos dos trabalhos precisam ser determinados por parâmetros científicos criteriosos. Dessa maneira, propomos que a formação profissional para habilitar pessoas a trabalharem com esses grupos é uma necessidade premente que deve incluir aulas presenciais bem como estágios obrigatórios, incluindo contato com os grupos de apoio. Constatamos que os grupos de apoio aos familiares são uma das medidas mais importantes para o enfrentamento dos impactos experimentados por eles com esse evento. Por isso, esses grupos precisam e merecem mais atenção de pesquisadores que tenham condições e estejam dispostos a colocar a ciência a serviço da vida.

3 NARRATIVAS BIOGRÁFICAS NA PRODUÇÃO BRASILEIRA: RECEPÇÃO DA OBRA DE GABRIELE ROSENTHAL

Este capítulo objetiva realizar uma revisão sistemática de literatura que busca identificar as produções científicas em língua portuguesa, no período de 2011 a 2021, que utilizaram o método desenvolvido pela socióloga alemã Gabriele Rosenthal, de entrevistas narrativas biográficas. O objetivo é conhecer as áreas e os temas em que ele tem sido utilizado, em vista de compreender sua contribuição para a pesquisa qualitativa.

O método de Rosenthal se insere na pesquisa social interpretativa que, por sua vez, se fundamenta na fenomenologia de Husserl e na sociologia de Alfred Schütz. Uma das técnicas utilizadas para dar vida ao método de Rosenthal é a entrevista narrativa biográfica. Para a realização da revisão sistemática, propôs-se como questão: de que maneira esse método é empregado nas pesquisas realizadas no Brasil e como contribui para a compreensão de fenômenos próprios da realidade do país?

Na estratégia de pesquisa, utilizaram-se as bases eletrônicas de pesquisas acadêmicas, com a coleta de dados realizada entre janeiro e março de 2022, resultando num corpus de pesquisa formado por 44 obras. A pesquisa revelou que os estudos, utilizando o método de Rosenthal, no Brasil, inicialmente, estavam concentrados na região Sul, mas, após 2017, surgiram trabalhos em outras regiões do país. Grande parte desses trabalhos se desenvolveu nas áreas de Ciências Sociais e Sociologia, e houve uma maior utilização junto a sujeitos em condições de vulnerabilidade social e econômica. No entanto, foi possível observar seu uso em diversos campos de pesquisa e com diferentes tipos de entrevistados.

A fenomenologia e a análise sociológica nortearão esta pesquisa, partindo do que é proposto por Gabriele Rosenthal. Assim, tendo como base sua nova maneira de analisar os fatos na realidade, Husserl busca tornar a filosofia uma ciência de mais rigor através do método fenomenológico. Nesse sentido, a descrição do mundo como ele se demonstra na consciência em todos os seus aspectos é o caminho encontrado (Zilles, 2005). Também nesse sentido, Schütz explica as ações sociais, utilizando-se também dos estudos de Husserl e da sociologia de Weber, sendo este um dos grandes nomes que contribuíram na busca por meios de compreender sociologicamente o sentido das ações no mundo. A saber, segundo tais pensadores, a fim de ser bem-sucedido nessa empreitada, é preciso encontrar causas que determinam as ações sociais.

Nesse sentido, a Sociologia interpretativa tem início ao considerar que os indivíduos agem com base nas suas interpretações da realidade social, a qual é continuamente produzida

na interação, de acordo com determinadas regras (Rosenthal, 2^a14a). Além disso, o trabalho do indivíduo na interpretação está ligado ao fato de ele ter à disposição um sistema de relevâncias e tipificações, integrante daquilo que é transmitido aos membros do grupo interno pela educação (Schutz, 2012). O indivíduo surge no mundo como um construtor, alguém que vem para acrescentar, com suas ações, novas realidades ao corpo social (Rosenthal, 2014). Assim, em relação à realidade, os sujeitos agem de acordo com suas interpretações.

Por fim, uma vez que a realidade social é constituída na interação entre a realidade e os indivíduos, para entender como se dá a experiência deles perante os diferentes contextos e ações que ocorrem, é preciso compreender a relação que estabelecem com o ambiente e com aqueles nele presentes. Esse sistema de relevância dos indivíduos é o que torna possível compreender a maneira como reagem às diferentes situações a que são expostos (Schutz, 2012).

Tal sistema de relevância orienta-se pelos interesses do indivíduo em uma determinada situação. Logo, a abordagem das narrativas biográficas destaca-se como relevante, pois a partir dela é possível recuperar as experiências significativas do sujeito (Santos, Oliveira & Susin, 2014). No caso das vivências de familiares relacionadas ao suicídio de um dos membros, foco desta dissertação, a interpretação dos atores é fundamental para o entendimento dessa fase da vida dos familiares. Ainda nesse sentido, aponta-se para importância do referencial teórico de Alfred Schütz no que se refere ao sistema de relevâncias do sujeito e estoque de conhecimento à mão.

A revisão sistemática de literatura procurou identificar as produções científicas em língua portuguesa, no período de 2011 a 2021, que utilizaram o método desenvolvido pela socióloga alemã Gabriele Rosenthal, de entrevistas narrativas biográficas com a análise reconstrutiva e sequencial, por meio do princípio da reconstrução da forma da história de vida vivenciada e da história de vida narrada. O objetivo é conhecer as áreas e os temas em que ele tem sido utilizado, em vista de compreender sua contribuição para a pesquisa qualitativa.

As investigações de Rosenthal situam-se no campo da sociologia e se trata de “praticar uma sociologia necessariamente ligada à história, ou melhor, de tornar clara a necessidade de uma perspectiva histórica na análise sociológica de trajetórias de vida” (Rosenthal, 1987, p.14 *apud* Alberti, 1996, p. 10). Esse método é composto de análises de biografias e de entrevistas “através de uma curiosa reconstrução por hipóteses: as informações biográficas são trabalhadas em passos curtos, de acordo com as sequências que oferecem do ponto de vista teórico”. (Alberti, 1996, p. 10).

Susin (2014, p. 384) explica que o esforço essencial de Rosenthal “reside no enfoque daqueles métodos qualitativos que seguem especificamente os princípios metodológicos e

teóricos que partem do próprio objeto investigado para a descoberta de hipóteses e teorias”. O que Rosenthal propõe é explorar as “possibilidades de ‘roteiros abertos’, baseados em escolhas que buscam atender às especificidades e relevâncias dos próprios sujeitos pesquisados”.

Esse método se insere na pesquisa social interpretativa, pois, segundo Rosenthal, tem os mesmos princípios de outros métodos dessa linha, quais sejam:

[...] o princípio comunicacional, onde o mundo social é interpretado e constituído em processos de interação (trabalha com autores como Alfred Schütz e Goffman); e o princípio de abertura na coleta e na análise dos materiais empíricos, onde acontece a recusa de geração de dados a partir de hipóteses, e as hipóteses são explicações provisórias a posteriori, originadas na reconstrução sequencial e abductiva. (Susin, 2014, p. 384)

No entanto, a própria Rosenthal distingue, entre os métodos de pesquisa qualitativa, os que são alinhados a um paradigma social interpretativo porque “buscam a generalização teórica no caso particular em detrimento de generalizações com base na frequência estatística com que determinado fenômeno social se repete” (Rosenthal, 2014 *apud* Sangalli & Rinaldi, 2018, p. 108).

Sangalli e Rinaldi (2018, p. 108) colocam o método de Rosenthal entre a “variedade de métodos orientados por um paradigma de uma pesquisa social interpretativa (*interpretative Sozialforschung*) de língua alemã, que tem Max Weber (1864-1920) como um de seus pioneiros” e ressaltam que esse tipo de pesquisa é pouco conhecido e aplicado no Brasil. Os autores explicam a abordagem teórica do método, a partir de Alfred Schütz, como uma aproximação da “sociologia compreensiva de Max Weber, a partir de seu entendimento de ação social, da filosofia fenomenológica de Edmund Husserl (1859-1938).” (p.113). Como Weber, Schütz compreende que os sujeitos agem a partir do sentido que atribuem à sua ação e “aprofunda a compreensão de como o sentido se constitui para o sujeito se valendo da fenomenologia de Husserl”. Assim,

[...] o sentido da ação se constitui na interação social a partir de certos mecanismos e regras, como o manuseio de um estoque de conhecimento socialmente compartilhado e de um sistema de relevância, ambos instrumentalizados em processos de tipificação. Assim, surge a concepção de ação na sociologia interpretativa, a qual se torna base teórica e metodológica para os métodos instrumentalizados em seu nome. (Sangalli & Rinaldi, 2018, p. 113).

Sangalli e Rinaldi (2018, p. 113) informam que, deste fundamento, “surgem dois princípios metodológicos básicos, denominados o princípio da comunicação e o princípio da

abertura (Hoffmann-Riem, 1980), que orientam a pesquisa social interpretativa nas fases de geração e análise dos dados”.

Segundo Rosenthal, a pesquisa social interpretativa segue “uma lógica da descoberta de hipóteses e teorias desenvolvidas a partir do objeto investigado” (2014, p. 30). As várias abordagens da pesquisa social interpretativa compartilhariam a ideia de que “indivíduos agem com base em suas interpretações da realidade social, a qual, por sua vez, é continuamente produzida na interação, mas de acordo com determinadas regras” (Rosenthal, 2014, p. 89). E ressalta os dois princípios fundamentais desse tipo de pesquisa: o princípio da comunicação (a comunicação cotidiana seria orientada por um sistema de regras) e o princípio da abertura (a estrutura teórica do objeto pesquisado deve ser adiada até que ocorra a estruturação do objeto de pesquisa pelo sujeito pesquisado). Esse último princípio é o que leva a evitar a geração e a coleta de dados a partir de hipóteses (Rosenthal, 2014, p. 89).

Uma das técnicas utilizadas para dar vida ao método de Rosenthal é a entrevista narrativa biográfica, apresentada por Fritz Schütz, na década de 1970, com a qual são solicitadas aos entrevistados sequências narrativas mais longas, sendo papel do pesquisador apoiá-los no processo de narração e recordação (Rosenthal, 2014, p. 231). Ela elenca princípios para a realização de entrevistas biográficas: 1. Espaço para o desenvolvimento da Gestalt; 2. Estímulo a processos de recordação; 3. Estímulo à verbalização de domínios temáticos delicados; 4. Uma solicitação de relato temporalmente e tematicamente aberta; 5. Escuta ativa e atenta; 6. Perguntas de verificação sutis e geradoras de relato; 7. Oferecer apoio à recordação cênica. (Rosenthal, 2017, p. 226).

Para a análise dos dados, Rosenthal (2017, p. 252) propõe o princípio da reconstrução da forma, tanto da história de vida vivenciada quanto da história de vida narrada. E explica:

Sempre que voltamos nossa atenção a um segmento da história de vida narrada [...], somos confrontados com a questão do significado funcional dessa sequência para a forma geral da exposição autobiográfica. Em sentido oposto, ao interpretarmos uma vivência biográfica em seu significado dentro do curso de vida, necessariamente nos deparamos com o problema do significado funcional dessa sequência para a forma geral da história de vida vivenciada (Rosenthal, 2017, p. 252).

Dessa forma, para a análise dos dados coletados nas entrevistas narrativas biográficas, devem-se considerar os seguintes princípios: 1. O princípio da reconstrução – o qual tem por base o procedimento da abdução – da história de vida narrada e da história de vida vivenciada. 2. O princípio da sequencialidade, isto é, da análise sequencial tanto da estrutura temporal

quanto da estrutura temática da história de vida narrada e da história de vida vivenciada. 3. O princípio do contraste da Gestalt da história de vida narrada e da história de vida vivenciada.

Para diferenciar a história de vida vivenciada da história de vida narrada, pode-se refletir sobre o que Rosenthal explica:

Enquanto que o recém-ocorrido [...] ainda são dados na recordação, é necessário um ato de chamá-los de volta à memória” [...] para que voltem novamente à consciência dias ou anos depois do vivenciado. [...] não se trata de recuperar algo previamente gravado; antes, o recordar-se se baseia em um processo de reprodução no qual o ocorrido sofre uma modificação contínua, tomando como referência o presente da situação de recordação e o futuro antecipado. (Rosenthal, 2017, p. 89)

Assim, a história de vida vivenciada se dá no tempo e no espaço vivido, enquanto a história de vida narrada é uma interpretação, por assim dizer, do que ocorreu naquele espaço e naquele tempo, mas que agora, no momento da narrativa, não é posto de forma objetiva, mas numa leitura interpretativa de quem o vivenciou.

Rosenthal, a partir de seus estudos sobre e com esse método, publicou diversos livros e artigos, alguns poucos foram traduzidos no Brasil, pela Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (ediPUCRS). Com a PUCRS, Rosenthal construiu vínculos como pesquisadora, trazendo seu método ao país e construindo parcerias para uma rede de pesquisadores que inclui os de nacionalidade brasileira e de outros países. A temática de pesquisa dessa rede tem sido a migração – ou as histórias de vida dos migrantes. Mas seu método tem sido utilizado para abordar outras questões, como foi possível conferir por meio deste trabalho.

Para realizar este trabalho, optou-se pela revisão sistemática de literatura que, como explicam Donato e Donato (2019, p. 227), é um método pré-definido “para identificar sistematicamente todos os documentos relevantes publicados e não publicados para uma questão de investigação” e que “avalia a qualidade desses artigos, extrai os dados e sintetiza os resultados.”

Dessa forma, para a realização desta revisão sistemática, propôs-se como questão de investigação: De que maneira esse método é empregado nas pesquisas realizadas no Brasil e como contribui para a compreensão de fenômenos próprios da realidade do país? Ao apresentar a metodologia deste trabalho, visa-se responder à etapa da produção de um protocolo de investigação. Assim:

1. Critérios de inclusão: produções científicas (artigos, capítulos de livros, dissertações e teses) que utilizaram o método de pesquisa de entrevistas narrativas biográficas, com a

reconstrução da forma da história de vida vivenciada e história de vida narrada, em língua portuguesa, no período entre 2011 e 2021, na realização de pesquisas qualitativas de campo;

2. Critérios de exclusão: produções não científicas, produções científicas em outros idiomas, produções científicas no idioma selecionado, mas fora do período de 2011 a 2021; estudos não caracterizados como pesquisas qualitativas de campo;
3. Estratégia de pesquisa: utilizaram-se as bases eletrônicas de pesquisas acadêmicas mais conhecidas – SciELO; Conchrane Library, LILACS, Periódicos Capes, BVS Psi e Google Acadêmico. Para verificar possíveis outras fontes, utilizou-se também o mecanismo de busca Google. Foram utilizados os seguintes termos-chave: “Gabriele Rosenthal”; “pesquisa social interpretativa”; “entrevista narrativa biográfica” e “narrativas- biográficas”;
4. Seleção dos estudos: encontradas as obras, foram classificadas conforme a fonte e passou-se para o processo de leitura dos títulos, resumos e sumários, para verificar se estavam dentro dos critérios de inclusão. Os textos que atenderam aos critérios foram selecionados. Para textos iguais, porém, publicados em fontes diferentes, optou-se pela publicação mais recente;
5. Avaliação da qualidade dos estudos: a partir da leitura das obras, buscou-se identificar a sua qualidade, no sentido das referências bibliográficas utilizadas, a relevância da pesquisa e o uso do método de Rosenthal;
6. Extração dos dados: foi produzido um formulário no formato de quadro, identificando os dados gerais das obras, como nome dos autores, ano de publicação, título e fonte. Foi realizado o fichamento das obras, buscando destacar o uso do método de Rosenthal e as conclusões a que chegaram os autores;
7. Síntese dos dados e avaliação da qualidade das evidências: organizou-se o texto a partir dos fichamentos e, com a leitura do referencial teórico para esta pesquisa, fez-se a proposta da discussão, buscando salientar o uso do método de Rosenthal e sua contribuição para a pesquisa qualitativa no Brasil. Utilizaram-se, assim, os textos que melhor conseguiram apresentar essas evidências.

3.1 Resultado

A pesquisa dos dados foi realizada entre 10 de janeiro a 06 de março de 2022. Nas bases de dados do SciELO, Conchrane Library e LILACS não foram encontradas obras que se adequassem aos critérios de inclusão desta pesquisa.

Na base de dados BVS-Psi, foi encontrado apenas um (01) estudo, como é demonstrado na Figura 2:

Figura 2

Título em língua portuguesa, publicado no período de 2011 a 2021, encontrado na base de dados BVS – Psi

AUTORES	ANO	TÍTULO	FONTE
Sangalli	2015	O desaparecimento de Alain: movimento e pertencimento na vida de um migrante	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUCRS (Mestrado)

Na base de dados Periódicos Capes, foram encontrados nove (09) estudos, que atenderam aos critérios de inclusão, como apresentado na Figura 3.

Figura 3

Títulos em língua portuguesa, publicados no período de 2011 a 2021, encontrados na base de dados Periódicos CAPES

AUTORES	ANO	TÍTULO	FONTE
Ludwig	2015	Filhos da violência conjugal: pesquisa biográfica com órfãos	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da PUCRS (Mestrado)
Reif	2016	Em liberdade: Narrativas biográficas de mulheres com experiências de encarceramento	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUCRS (Mestrado)

Reif	2020	Interpretações de mulheres sobre a prisão: narrativas biográficas de presas e de egressas	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Escola de Humanidades da PUCRS (Doutorado)
Rinaldi	2018	A interpretação da catação pelos catadores: um estudo biográfico	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Escola de Humanidades da PUCRS (Mestrado)
Samuel	2016	Trabalho voluntário e biografia: Compreendendo a constituição da ação de engajamento no voluntariado através do método da narrativa biográfica	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUCRS (Mestrado)
Sangalli	2015	O desaparecimento de Alain: movimento e pertencimento na vida de um migrante	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUCRS (Mestrado)
Sangalli & Rinaldi	2018	Pesquisa social interpretativa alemã: os métodos de entrevista narrativa biográfica e de reconstrução biográfica de caso	Revista Em Tese
Susin	2014	Construções familiares e experiências de violência: Pesquisa biográfica em uma favela carioca	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da PUCRS (Mestrado)
Ugalde	2015	Aspectos sociológicos da venda direta no setor de produtos de higiene pessoal, perfumaria e cosméticos: uma análise a partir das narrativas biográficas	Programa de Pós-Graduação em Administração, Contabilidade e Economia da PUCRS (Doutorado)

Na base de dados do Google Acadêmico, o resultado retornou com quarenta e quatro (44) obras que se encontram listadas na Figura 4.

Figura 4

Títulos em língua portuguesa, publicados no período de 2011 a 2021, encontrados na base de dados Google Acadêmico

AUTORES	ANO	TÍTULO	FONTE
Almeida	2020	Transcidadania: transformando o cis-tema? A percepção da cidadania das pessoas trans-beneficiadas pelo Programa em São Paulo	Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade de São Paulo (Mestrado)
Almeida	2016	Orfandade por violência doméstica contra a mulher Uma pesquisa biográfica	Revista Civitas
Assis	2017	Uma origem, diferentes destinos: uma análise sociológica das singularidades em trajetórias de vida dessemelhantes	18º Congresso Brasileiro de Sociologia – GT Biografia e Sociedade
Bahia	2017	Desrespeito moral, afetividade e luta por reconhecimento: a vida de prostitutas na Cidade do Recife	Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco (Mestrado)
Bojunga	2013	Educação profissional na era da flexibilidade: estudo de caso do Projeto Pescar	Mestrado em Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS
Cardoso & Silva	2020	Trajetórias biográficas de mulheres feministas	Revista Conjectura: Filosofia e Educação

		atuantes em movimentos sociais	
Coimbra	2019	Trajetórias laborais e precarização do trabalho: o caso dos refugiados sírios no Brasil	Associação Brasileira de Estudos Populacionais – ABEP: anais Encontro intermediário dos GTs da ABEP 2019
Coimbra & Orchard	2020	Um estudo sobre os Refugiados Sírios na cidade de São Paulo e Florianópolis: trajetórias laborais e precarização do trabalho	Revista Ideias
Cruz & Santos Junior	2021	Afetos em narrativas de parto: percepções da violência obstétrica	Revista Perspectivas da Contemporaneidade
Fay & Castro	2019	Fragmentos de memórias e história de vida: experiências com história oral [recurso eletrônico]	Editora Fi
Gonçalves & Sangalli	2018	A abordagem biográfica das migrações transnacionais: os casos haitiano e senegalês no Brasil	Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica
Govari	2021	“Alô, tchurma do Bom Fim”: Memórias de uma cena musical porto-alegrense	Revista Brasileira de Estudos em Música e Mídia
Krahn	2021	Uma vida atrás das grades: Trajetórias de vida entrecortadas por internações e prisões	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas,

			Universidade Federal da Bahia (Doutorado)
Lavall	2019	Experiências vivenciadas por familiares de pessoas que cometeram suicídio: abordagem de narrativas biográficas	Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Doutorado)
Leal	2017	A construção das identidades dos homossexuais masculinos a partir do consumo das divas pop	Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco (Mestrado)
Ludwig	2015	Filhos da violência conjugal: pesquisa biográfica com órfãos	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da PUCRS (Mestrado)
Medeiros	2017	Voluntariado e engajamento: estudo sobre motivações a partir de uma perspectiva fenomenológica	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Mestrado)
Menezes & Susin	2019	As casas de Rafael: a subjetivação de “morar” e do “se mudar”	Revista Conversas e Controvérsias
Menezes	2019	Remoção de moradias e composição das práticas cotidianas em comunidades de baixa renda: Narrativas biográficas de moradores de favelas de Porto Alegre (RS)	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Doutorado)
Morais	2018	Sindicato dos metalúrgicos de Santa Luzia (1998-2011): história oral,	Revista Opsi

		memórias operárias e trabalho em modificação	
Nieves & Lemos	2019	Religião como oferta de sentido em casos de violência	Revista Estudos Teológicos
Rego	2020	“Do lado de fora”: trajetórias de vida de jovens que cumpriram a medida socioeducativa de liberdade assistida em Samambaia-DF	Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania da Universidade de Brasília (Mestrado)
Reif	2016	Em liberdade: Narrativas biográficas de mulheres com experiências de encarceramento	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUCRS (Mestrado)
Reif	2020	Interpretações de mulheres sobre a prisão: narrativas biográficas de presas e de egressas	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Escola de Humanidades da PUCRS (Doutorado)
Santos et al.	2020	Tipos de trajetória de trabalhadores da indústria de óleo e gás: um estudo empírico sobre fatores humanos e resiliência em contexto interdisciplinar	X Congreso Internacional de Conocimiento e innovación (anais)
Silva	2018	O ser e o estar catador: experiências sociais no trabalho e nas tramas urbanas	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Unisinos (Doutorado)
Rinaldi	2016	Trabalho e Geração de renda nas classes populares a exemplo do grupo de catadores de resíduos	Revista Contraponto

Rinaldi	2018	A interpretação da catação pelos catadores: um estudo biográfico	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Escola de Humanidades da PUCRS (Mestrado)
Rocha	2020	Voz, batida e movimento: narrativas de vida e a formação de sujeitos no rap	Programa de Pós- Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Mestrado)
Samuel	2016	Trabalho voluntário e biografia: Compreendendo a constituição da ação de engajamento no voluntariado através do método da narrativa biográfica	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUCRS – Mestrado
Sangalli	2015	O desaparecimento de Alain: movimento e pertencimento na vida de um migrante	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUCRS (Mestrado)
Sangalli & Gonçalves	2019	Cursos migratórios e novas circularidades: Migrantes da África ocidental no sul do Brasil	REMHU, Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana
Sangalli	2018	A construção social do espaço para si: pertencimento na biografia de um migrante	Revista Mosaico
Sangalli & Rinaldi	2018	Pesquisa social interpretativa alemã: os métodos de entrevista	Revista Em Tese

		narrativa biográfica e de reconstrução biográfica de caso	
Santos	2012	Ação e relevância em narrativas de adolescentes autoras de atos infracionais	Revista Contemporânea
Santos	2016	Mulheres como autoras de violência: Evidências e agenda de pesquisa	Revista Civitas
Santos & Esteves	2019	Tensões presentes nos “achados” de uma pesquisa sobre redes de cooperação em matéria de qualidade da educação superior na América Latina	39ª Reunião Nacional da Anped (anais)
Schlachta	2019	A Comissão Estadual da Verdade e as memórias sobre a ditadura no Oeste e Sudoeste do Paraná	Programa de Pós-Graduação em História, Unioeste (Doutorado)
Simon	2019	De prosa com as imagens: constelação de comunicação circular entre imagens de uma exposição, narrativas biográficas do público visitante e seus contextos socioculturais	Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social pela Escola de Comunicação, Arte e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Doutorado)
Silva	2020	A formação social da personalidade empreendedora em startups	Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco (Mestrado)
Souza	2014	Entre o Espírito Santo e Brasília: mulheres, carreiras políticas e o	Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Naturais da Universidade

		legislativo brasileiro a partir da redemocratização	Federal do Espírito Santo (Mestrado)
Sobottka	2015	Desrespeito e luta por reconhecimento	Revista Civitas
Susin	2014	Construções familiares e experiências de violência: Pesquisa biográfica em uma favela carioca	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da PUCRS (Mestrado)
Ugalde	2015	Aspectos sociológicos da venda direta no setor de produtos de higiene pessoal, perfumaria e cosméticos: uma análise a partir das narrativas biográficas	Programa de Pós-Graduação em Administração, Contabilidade e Economia da PUCRS (Doutorado)

Após o levantamento, o resultado do processo de análise, de acordo com os critérios de inclusão eleitos por esta pesquisa, encontra-se apresentado na Figura 5, que resulta nos 44 estudos que foram investigados nesta pesquisa:

Figura 5

Títulos em língua portuguesa, publicados no período de 2011 a 2021, encontrados nas bases de dados BVS-Psi, Periódicos CAPES e Google Acadêmico

AUTORES	ANO	TÍTULO	FONTE
Almeida	2020	Transcidadania: transformando o cis-tema? A percepção da cidadania das pessoas trans beneficiadas pelo Programa em São Paulo	Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade de São Paulo (Mestrado)
Almeida	2016	Orfandade por violência doméstica contra a mulher	Revista Civitas

		Uma pesquisa biográfica	
Assis	2017	Uma origem, diferentes destinos: uma análise sociológica das singularidades em trajetórias de vida dessemelhantes	18º Congresso Brasileiro de Sociologia – GT Biografia e Sociedade
Bahia	2017	Desrespeito moral, afetividade e luta por reconhecimento: a vida de prostitutas na Cidade do Recife	Programa de Pós- Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco (Mestrado)
Bojunga	2013	Educação profissional na era da flexibilidade: estudo de caso do Projeto Pescar	Mestrado em Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS
Cardoso & Silva	2020	Trajetórias biográficas de mulheres feministas atuantes em movimentos sociais	Revista Conjectura: Filosofia e Educação
Coimbra	2019	Trajetórias laborais e precarização do trabalho: o caso dos refugiados sírios no Brasil	Associação Brasileira de Estudos Populacionais – ABEP: anais Encontro intermediário dos GTs da ABEP 2019
Coimbra & Orchard	2020	Um estudo sobre os Refugiados Sírios na cidade de São Paulo e Florianópolis: trajetórias laborais e precarização do trabalho	Revista Ideias
Cruz & Santos Junior	2021	Afetos em narrativas de parto: percepções da violência obstétrica	Revista Perspectivas da Contemporaneidade
Fay & Castro	2019	Fragmentos de memórias e história de vida: experiências	Editora Fi

		com história oral [recurso eletrônico]	
Gonçalves & Sangalli	2018	A abordagem biográfica das migrações transnacionais: os casos haitiano e senegalês no Brasil	Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica
Govari	2021	“Alô, tchurma do Bom Fim”: Memórias de uma cena musical porto-alegrense	Revista Brasileira de Estudos em Música e Mídia
Krahn	2021	Uma vida atrás das grades: Trajetórias de vida entrecortadas por internações e prisões	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia (Doutorado)
Lavall	2019	Experiências vivenciadas por familiares de pessoas que cometeram suicídio: abordagem de narrativas biográficas	Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Doutorado)
Leal	2017	A construção das identidades dos homossexuais masculinos a partir do consumo das divas pop	Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco (Mestrado)
Ludwig	2015	Filhos da violência conjugal: pesquisa biográfica com órfãos	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da PUCRS (Mestrado)
Medeiros	2017	Voluntariado e engajamento: estudo sobre motivações a partir de uma perspectiva fenomenológica	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Mestrado)

Menezes	2019	Remoção de moradias e composição das práticas cotidianas em comunidades de baixa renda: Narrativas biográficas de moradores de favelas de Porto Alegre (RS)	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Doutorado)
Menezes & Susin	2019	As casas de Rafael: a subjetivação de “morar” e do “se mudar”	Revista Conversas e Controvérsias
Morais	2018	Sindicato dos metalúrgicos de Santa Luzia (1998-2011): história oral, memórias operárias e trabalho em modificação	Revista Opsi
Nieves & Lemos	2019	Religião como oferta de sentido em casos de violência	Revista Estudos Teológicos
Rego	2020	“Do lado de fora”: trajetórias de vida de jovens que cumpriram a medida socioeducativa de liberdade assistida em Samambaia-DF	Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania da Universidade de Brasília (Mestrado)
Reif	2016	Em liberdade: Narrativas biográficas de mulheres com experiências de encarceramento	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUCRS (Mestrado)
Reif	2020	Interpretações de mulheres sobre a prisão: narrativas biográficas de presas e de egressas	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Escola de Humanidades da PUCRS (Doutorado)
Rinaldi	2016	Trabalho e Geração de renda nas classes populares a exemplo do grupo de catadores de resíduos	Revista Contraponto

Rinaldi	2018	A interpretação da catação pelos catadores: um estudo biográfico	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Escola de Humanidades da PUCRS (Mestrado)
Rocha	2020	Voz, batida e movimento: narrativas de vida e a formação de sujeitos no rap	Programa de Pós- Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Mestrado)
Samuel	2016	Trabalho voluntário e biografia: Compreendendo a constituição da ação de engajamento no voluntariado através do método da narrativa biográfica	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUCRS (Mestrado)
Sangalli	2015	O desaparecimento de Alain: movimento e pertencimento na vida de um migrante	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUCRS (Mestrado)
Sangalli	2018	A construção social do espaço para si: pertencimento na biografia de um migrante	Revista Mosaico
Sangalli & Gonçalves	2019	Cursos migratórios e novas circularidades: Migrantes da África ocidental no sul do Brasil	REMHU, Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana
Sangalli & Rinaldi	2018	Pesquisa social interpretativa alemã: os métodos de entrevista narrativa biográfica e de reconstrução biográfica de caso	Revista Em Tese
Santos	2012	Ação e relevância em narrativas de adolescentes autoras de atos infracionais	Revista Contemporânea

Santos	2016	Mulheres como autoras de violência: Evidências e agenda de pesquisa	Revista Civitas
Santos et al.	2020	Tipos de trajetória de trabalhadores da indústria de óleo e gás: um estudo empírico sobre fatores humanos e resiliência em contexto interdisciplinar	X Congreso Internacional de Conocimiento e innovación (anais)
Santos & Esteves	2019	Tensões presentes nos “achados” de uma pesquisa sobre redes de cooperação em matéria de qualidade da educação superior na américa latina	39 Reunião Nacional da Anped (anais)
Schlachta	2019	A Comissão Estadual da Verdade e as memórias sobre a ditadura no Oeste e Sudoeste do Paraná	Programa de Pós-Graduação em História, Unioeste (Doutorado)
Silva	2018	O ser e o estar catador: experiências sociais no trabalho e nas tramas urbanas	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Unisinos (Doutorado)
Silva	2020	A formação social da personalidade empreendedora em startups	Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco (Mestrado)
Simon	2019	De prosa com as imagens: constelação de comunicação circular entre imagens de uma exposição, narrativas biográficas do público visitante e seus contextos socioculturais.	Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social pela Escola de Comunicação, Arte e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Doutorado)

Sobottka	2015	Desrespeito e luta por reconhecimento	Revista Civitas
Souza	2014	Entre o Espírito Santo e Brasília: mulheres, carreiras políticas e o legislativo brasileiro a partir da redemocratização	Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo (Mestrado)
Susin	2014	Construções familiares e experiências de violência: Pesquisa biográfica em uma favela carioca	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da PUCRS (Mestrado)
Ugalde	2015	Aspectos sociológicos da venda direta no setor de produtos de higiene pessoal, perfumaria e cosméticos: uma análise a partir das narrativas biográficas	Programa de Pós-Graduação em Administração, Contabilidade e Economia da PUCRS (Doutorado)

Os estudos selecionados foram organizados conforme a área das ciências em que estão identificados. O resultado desse levantamento está na Figura 6:

Figura 6

Levantamento dos estudos selecionados conforme a área das ciências em que se encontram identificados

ÁREA DA PESQUISA	N. DE ESTUDOS	ESTUDOS
Administração	01	Ugalde (2015)
Ciências da Comunicação	02	Govari (2021); Simon (2019)
Ciências da Religião	01	Nieves; Lemos (2019)
Ciências Sociais	24	Almeida (2016);

		Bojunga (2013); Cruz & Santos Junior (2021); Gonçalves & Sangalli (2018); Krahm (2021); Ludwig (2015); Medeiros (2017); Menezes (2019); Menezes & Susin (2019); Reif (2016); Reif (2020); Rinaldi (2016); Rinaldi (2018); Samuel (2016); Sangalli (2015); Sangalli (2018); Sangalli & Gonçalves (2019); Sangalli & Rinaldi (2018); Santos (2012); Santos (2016); Santos et al. (2020); Silva (2018); Souza (2014); Susin (2014)
Direito	01	Almeida (2020)
Direitos Humanos e Cidadania	01	Rego (2020)
Educação	02	Cardoso & Silva (2020); Santos & Esteves (2019)
Enfermagem	01	Lavall (2019)
História	03	Fay & Castro (2019); Morais (2018); Schlachta (2019)
Sociologia	08	Assis (2017);

		Bahia (2017); Coimbra (2019); Coimbra & Orchard (2020); Leal (2017); Rocha (2020); Silva (2020); Sobottka (2015)
--	--	--

O uso da metodologia proposta por Rosenthal, nos títulos encontrados, aplica-se a diversos temas e áreas de pesquisa, como visto na Figura 6. Interessa-nos, aqui, verificar se há objetivos semelhantes, quais seriam eles e a forma como os estudos aplicam o método.

Entre os objetivos semelhantes, podemos identificar que todas as pesquisas buscam compreender as experiências vivenciadas dos sujeitos pesquisados, suas interpretações, motivações e explicações que têm ou tiveram sobre eventos ocorridos individual ou coletivamente. Os pesquisadores ouvem os sujeitos em diversas condições, observam como esses percebem sua própria trajetória e explicam os fenômenos vivenciados a partir do levantamento histórico-biográfico. Há, também, um trabalho que visou entender o próprio método, o de Sangalli e Rinaldi (2018).

Buscando compreender como temas ligados à cidadania são entendidos e vivenciados, encontramos o trabalho de Almeida (2020), Bahia (2017), Medeiros (2017), Menezes (2019), Rego (2020), Samuel (2016), Santos e Esteves (2019), Schlachta (2019) e Sobottka (2015).

Para escutar os sujeitos sobre como vivenciaram determinada situação em um contexto específico, tem-se o trabalho de Almeida (2016), Krahnn (2021), Lavall (2019), Ludwig (2015), Menezes e Susin (2019), Reif (2016 e 2020), Santos (2012 e 2016) e Susin (2014).

Entender trajetórias de vida foi o objetivo de Assis (2017), Cardoso e Silva (2020) e Fay e Castro (2019).

A busca da compreensão sobre como sujeitos, em condições coletivas, se organizam no mundo do trabalho temos em Bojunga (2013), Coimbra e Orchard (2020), Morais (2018), Santos et al. (2020), Silva (2018), Rinaldi (2016 e 2018), Silva (2020) e Ugalde (2015).

O tema dos imigrantes, migrantes e refugiados está presente no trabalho de Coimbra (2019), Gonçalves e Sangalli (2015, 2018 e 2018) e Sangalli e Gonçalves (2019).

Os modos de se referir e nomear situações e sujeitos foram abordados por Cruz e Santos Junior (2021).

As relações entre as pessoas, arte e comunicação, bem como da religião foram temas dos trabalhos de Govari (2021), Nieves e Lemos (2019), Rocha (2020) e Simon (2019).

O tema de identidade de gênero está presente no trabalho de Leal (2017) e de Souza (2014).

Em relação ao método de análise das narrativas, citaram explicitamente o de Rosenthal: Ludwig (2015), Medeiros (2017), Menezes e Susin (2019), Menezes (2019), Reif (2016 e 2020), Rinaldi (2018), Rocha (2020), Samuel (2016), Sangalli (2015), Sangalli e Rinaldi (2018), Santos (2016), Silva (2020), Sobottka (2015), Susin (2014) e Ugalde (2015).

Explicitaram utilizar o método de reconstrução biográfica, narrativa biográfica e entrevista narrativa, porém, sem citar diretamente Rosenthal: Almeida (2016), Coimbra (2019), Fay e Castro (2019), Gonçalves e Sangalli (2018), Krahm (2021), Lavall (2019), Leal (2017), Rego (2020), Santos et al. (2020), Rinaldi (2016), Sangalli e Gonçalves (2019), Sangalli (2018), Santos (2012) e Simon (2019).

Apontaram o uso de entrevistas estruturadas, semiestruturadas e narrativas, no entanto, não mencionaram o uso do método de Rosenthal: Almeida (2020), Assis (2017), Bahia (2017), Bojunga (2013), Cardoso e Silva (2020), Coimbra e Orchard (2020), Cruz e Santos Junior (2021), Govari (2021), Moraes (2018), Nieves e Lemos (2019), Silva (2018), Santos e Esteves (2019), Schlachta (2019) e Souza (2014).

3.2 Pensando com Rosenthal

Esta pesquisa revelou que os estudos utilizando o método de Rosenthal, no Brasil, inicialmente, estavam concentrados na região Sul do país, devido à ligação da pesquisadora com a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). É dessa universidade os trabalhos iniciais utilizando o método, em linha de pesquisa com forte presença da bibliografia de Rosenthal e da própria pesquisadora. Assim, infere-se que o núcleo de onde se expande o conhecimento do método e sua aplicação no Brasil é a PUCRS, principalmente nos programas de mestrado e doutorado da instituição, resultando, também, em publicação de artigos em revistas científicas. Salienta-se que a primeira publicação da obra *Pesquisa social interpretativa: uma introdução*, de Gabriele Rosenthal, em português, foi realizada em 2014, pela ediPUCRS.

Grande parte desses trabalhos desenvolveu-se nas áreas de Ciências Sociais e Sociologia, visto que Rosenthal pertence também a essas áreas como pesquisadora. Foram trinta e dois (32) estudos encontrados. Como explica Alberti (1996, p. 10), “as investigações de

Rosenthal situam-se no campo da sociologia, mais do que no da história, mas, segundo ela, trata-se de praticar uma sociologia necessariamente ligada à história, ou melhor, de tornar clara a necessidade de uma perspectiva histórica na análise sociológica de trajetórias de vida”. A própria Rosenthal afirma que o método é uma “pesquisa biográfica no sentido mais amplo do conceito, não estando restrita apenas ao tema de pesquisa ou à reconstrução da história de vida de um indivíduo”. Nesse sentido, salienta que interessa também as “demais experiências biográficas em sua dimensão social” (Rosenthal, 2014, *apud* Sangalli & Rinaldi, 2018, pp. 115-116). Pelo que se pode compreender, o método contribui com várias áreas do conhecimento, possibilitando seu uso em diversos campos de pesquisa.

Foi possível encontrar, em outras áreas, o emprego do método como na comunicação social, na educação, na história, na administração, no direito, na enfermagem e na cultura, o que parece revelar que sua aplicabilidade pode ser ampla. Por se tratar de entrevista, o método de Rosenthal foi utilizado para as narrativas biográficas, então, em campos diversos, no Brasil. Embora, ainda, com maior aplicação na sociologia e nas ciências sociais. Em outras áreas, porém, foram poucas pesquisas descobertas.

Sobre os sujeitos entrevistados, as pesquisas focaram em moradores de favelas e de comunidades de baixa renda, catadores de material reciclável, mulheres vítimas de violência obstétrica, mulheres e adolescentes autoras de violência, de atos infracionais e egressas de prisão, prostitutas, migrantes e refugiados, trabalhadores em indústrias e comércio, órfãos, homossexuais e transexuais, feministas, mulheres na política, artistas, familiares de pessoas que cometeram suicídio, voluntários em projetos sociais, integrantes da Comissão da Verdade e participantes de exposição. Infere-se que há uma maior utilização do método junto a sujeitos em condições de vulnerabilidade social e econômica, mas o método é também aplicado junto a outros grupos de pessoas. Assim, nota-se que sua aplicação pode se dar com diferentes tipos de entrevistados.

Foi possível perceber também que, nos últimos anos da década de 2010, o número de pesquisas com o método foi sendo ampliado. Dos 44 estudos, 31 deles foram publicados no período entre 2017 e 2021. Isso pode revelar a crescente escolha pelo método, o que ainda poderá ser desenvolvido com maiores riquezas de detalhes.

Dessa forma, pode-se concluir que é válido o emprego do método desenvolvido por Rosenthal, para o desenvolvimento de pesquisas também na área da psicologia, como é o intuito deste autor. Pode servir, para atestar essa empregabilidade, um dos trabalhos do levantamento realizado, que trata também sobre o tema do suicídio (Lavall, 2019).

Neste capítulo, buscamos identificar as produções científicas em língua portuguesa, no período de 2011 a 2021, que utilizaram o método desenvolvido por Rosenthal: as entrevistas narrativas biográficas com a análise reconstrutiva e sequencial, por meio do princípio da reconstrução da forma da história de vida vivenciada e da história de vida narrada. O objetivo foi o de conhecer as áreas e os temas em que ele tem sido utilizado, em vista de compreender sua contribuição para a pesquisa qualitativa. Após a seleção de 44 pesquisas, que constituíram o corpus da discussão aqui apresentada, compreendeu-se que o núcleo de onde se expandiu, pelo menos inicialmente, o conhecimento do método e sua aplicação no Brasil é a PUCRS. As linhas de pesquisa de programas de Doutorado e Mestrado da instituição são, por assim dizer, propulsoras do uso do método de Rosenthal.

Outra compreensão adquirida por esta pesquisa foi a de que, por se tratar de entrevista, o método foi utilizado em campos diversos, no Brasil, mas com maior aplicação na sociologia e nas ciências sociais. Houve uma maior utilização do método junto a sujeitos em condições de vulnerabilidade social e econômica, mas também ele foi aplicado junto a outros grupos de pessoas. Entende-se, então, que o método contribui com várias áreas do conhecimento, possibilitando seu uso em diversos campos de pesquisa e que sua aplicação pode se dar com diferentes tipos de entrevistados. Observa-se, também, a crescente escolha pelo método, em diversas instituições de ensino em outras regiões do Brasil, o que vem sendo ampliado a partir de 2017, como revela o resultado desta pesquisa.

Assim, já é possível perceber que o método desenvolvido por Rosenthal contribui, significativamente, com a pesquisa qualitativa no país. Ao realizar a pesquisa proposta por este autor, será possível, então, verificar essa aplicação também na área da Psicologia, ao propor ouvir irmãos de pessoas que se suicidaram, para que reelaborem a experiência do luto, da dor e do sofrimento, ao mesmo tempo que fornecem valiosa contribuição para que se possa compreender esse fenômeno e melhor ajudar outras pessoas que vivenciam esse tipo de luto. Após apresentar o levantamento das produções científicas, as quais foram utilizadas sob a Metodologia Narrativo-Biográfica de Gabriele Rosenthal, no Brasil, não se encontrou nenhuma pesquisa científica na área de Psicologia. Acena-se, portanto, para a contribuição original que esta pesquisa oferece ao produzir material empírico nessa área, apoiada no método proposto pela pesquisadora, envolvendo a temática de irmãos enlutados por suicídio. O material empírico será apresentado e discutido no próximo capítulo.

4 APLICAÇÃO DA METODOLOGIA NARRATIVA BIOGRÁFICA DE GABRIELE ROSENTHAL

Conforme apresentado nos capítulos anteriores, esta análise abordará os procedimentos relacionados à narrativa biográfica de autoria de Gabriele Rosenthal, que favorece a análise com foco nas interpretações das experiências dos sujeitos. As ações do sujeito no mundo fazem parte dessas experiências e ocorrem “com base em suas interpretações, as quais estão em constante produção, a partir da interação” (Rosenthal, 2004).

Procederemos à reconstrução do caso, passo a passo, por Rosenthal. O método de coleta de informações escolhido para este trabalho é a entrevista biográfica proposta pelo sociólogo alemão Fritz Shütz (1983) e aprimorada, posteriormente, pela pesquisadora Gabriele Rosenthal, que modificou a análise. Os pressupostos metodológicos utilizados serão baseados na pesquisa biográfica interpretativa (Rosenthal, 2014), fazendo uso dos princípios de abertura e comunicação. Nesse sentido, este trabalho se diferencia de pesquisas que se orientam a partir de abordagens dedutivas, em que o pesquisador entra em campo com hipóteses já formuladas (Rinaldi, 2018). Neste trabalho, procura-se estabelecer conclusões a partir dos dados coletados.

4.1 Método

Inicialmente, não se procura delimitar especificidades sobre os sujeitos que farão parte da pesquisa, sendo estes não definidos nem restritos por sexo, escolaridade, classe social etc. Busca-se uma diversidade de pessoas, a fim de compreender uma ampla gama social de análise. Ainda nesse sentido, deixar que os participantes inicialmente se expressem de modo livre e não direcionado, de modo a colher os dados de maneira o mais espontânea possível, constitui-se no princípio de abertura (Ludwig, 2015). Por meio da entrevista narrativa, torna-se possível acessar o sistema de relevâncias dos participantes. Esse é um princípio básico para a pesquisa biográfica reconstrutiva, em que o sistema de relevância do sujeito é central tanto na entrevista como na análise reconstrutiva.

A entrevista narrativa biográfica procura, em primeiro plano, orientar-se para o sistema de relevâncias dos sujeitos em seu cotidiano, indo além do instrumento. Esse tipo de abordagem tenta refletir-se, também, na postura do investigador e no ambiente de confiança que deve ser estabelecido durante a entrevista (Susin, 2014).

Como ponto norteador do trabalho, foi utilizada a seguinte fala introdutória para as entrevistas:

Você está sendo convidado para participar da pesquisa realizada com pessoas que perderam irmãos ou irmãs por suicídio. Porém, eu gostaria que você me contasse sobre o conjunto da sua história de vida, desde quando você nasceu até os dias de hoje, tudo o que é importante para você. Neste momento, eu não vou lhe fazer nenhuma pergunta, somente fazer alguns registros que serão retomados na segunda fase da entrevista. Então, fique à vontade, para me contar tudo o que você quiser. (adaptação do autor a partir da proposição de Rosenthal, 2014, p. 226).

Quanto à metodologia escolhida, as entrevistas biográficas foram realizadas nas três etapas propostas por Rosenthal (2014):

Em um primeiro momento, foi feita a proposição de uma pergunta aberta, a partir da qual foi possível o relato das experiências importantes da vida das entrevistadas e entrevistado, constituindo, assim, sua biografia. Durante essa etapa, não houve interrupções ou comentários. Tal parte foi a narrativa principal, a qual aconteceu autonomamente. A maneira escolhida pelo falante, para se expressar, bem como detalhes relativos ao que ele compartilhava em sua fala, foram o foco de anotações breves para posterior análise e maior desenvolvimento. Em tais anotações, foram levados em consideração o uso de palavras-chave, tendo como referência o sistema de relevâncias e as experiências das entrevistadas e do entrevistado. Mais tarde, com base nas anotações feitas, um roteiro para maior aprofundamento da entrevista foi desenvolvido. Outro aspecto importante é considerar que a modalização da linguagem utilizada foi de acordo com o perfil do entrevistado e não com a do entrevistador; logo, foram abertas as possibilidades para uso de quaisquer variantes e registros da língua portuguesa, para temas que sejam importantes para o estudo. Uma vez encerrada a primeira parte, o(a) entrevistado(a) foi informado(a) quanto à dinâmica da continuidade do processo e, devidamente, cumprimentado(a) pela atitude e desempenho em sua fala. A seguir, postula-se a colocação a ser feita no dito momento da entrevista.

Como lhe falei antes de iniciar a entrevista e você deve ter percebido durante sua fala, eu fiz algumas anotações e gostaria agora de fazer algumas perguntas. Se você concordar, vou começar agora pela primeira anotação e depois seguir a sequência das anotações realizadas a partir de sua fala. Eu tomei nota, por exemplo, da menção que você fez sobre... Será que você poderia dar alguns detalhes a esse respeito? (Rosenthal, 2014, p. 228).

Nessa segunda etapa, com base nas informações colhidas previamente, colocações e perguntas foram desenvolvidas a fim de verificar, comprovar e expandir o conhecimento acerca

das experiências mencionadas. Nesse ponto, foi respeitada a ordem dos elementos dispostos nas anotações feitas na primeira etapa do processo.

Por fim, na terceira e última fase, realizou-se a colocação de perguntas externas às questões anteriormente discutidas. Tais questionamentos se focaram nas informações que o pesquisador desejava obter; porém ainda não haviam sido abordadas em momentos anteriores da entrevista. Esses questionamentos, embora ainda não discutidos, foram também ligados à vivência das entrevistadas e entrevistado, bem como às questões das experiências por eles vivenciadas.

Ao encerrar a entrevista, contudo, não foram feitas quaisquer interrupções bruscas, de modo a deixar os entrevistados em algum ponto que poderia ser traumático e doloroso dentro de sua história. Procurou-se, de maneira cuidadosa, dar todo o apoio e abertura para que nenhuma questão ficasse incompleta e mal expressa, bem como para que se sentissem acolhidos e bem-vindos a compartilharem quaisquer sentimentos que pudessem causar desconforto. Nesse momento, as crenças, valores e manifestações do indivíduo foram ouvidas e devidamente respeitadas. Essa manifestação de solidariedade e estabelecimento de um lugar seguro foram mantidos durante todo o contato com as entrevistadas e entrevistado, a fim de prestar-lhes o devido respeito e gratidão (Rosenthal, 2004).

Desse modo, estas entrevistas visam, a partir das narrativas de experiências vivenciadas pelos irmãos de indivíduos que cometeram suicídio, trazer referências tanto à forma atual de lidar com esse passado, quanto ao que foi vivenciado na época do ocorrido.

Foram realizadas duas entrevistas com oito pessoas: sete irmãs e um irmão de pessoas que se mataram e que participam de grupos de apoio a sobreviventes do suicídio.

A entrevista aconteceu da seguinte forma: o pesquisador fez contato com a coordenação de um grupo de apoio, cuja identidade, por questões éticas, não será aqui revelada. A partir desse contato, verificou-se a viabilidade de divulgação e desenvolvimento desta pesquisa entre os membros do referido grupo. Tendo havido anuência da coordenação, com o assinalamento positivo dessa mediação, a coordenadora foi convidada a assinar o Termo de Anuência.

No desenvolvimento da pesquisa, as pessoas se enquadraram nos critérios de inclusão e, ao assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), foram convidadas a falarem a respeito das implicações e dos impactos diante dos sentimentos e experiências vivenciadas pelo suicídio de seu(a) irmão(ã).

Cabe, também, destacar como as entrevistas foram realizadas: o pesquisador entrou em contato *online* com os participantes a fim de agendar o dia e horário de acordo com a disponibilidade deles, após assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TLCE)

em formulário *online*. Em seguida, o pesquisador entrevistou, de forma online pela plataforma Skype, individualmente, cada um dos participantes.

As entrevistas deste estudo aconteceram de modo *online* por razão de estar o grupo de apoio escolhido para esta pesquisa situado em um estado brasileiro bem distante da Instituição de ensino onde o trabalho se desenvolveu, bem como igualmente distante da localidade onde mora e reside o pesquisador responsável. Outra razão para a realização das entrevistas de modo *online* é a insegurança e restrição causada pela pandemia de Covid-19. Mesmo tendo havido recuo nos números da pandemia, ainda havia muitas restrições quanto à aproximação e aglomeração social.

4.1.1 Os critérios de inclusão e exclusão

Os critérios de inclusão adotados para esta pesquisa foram:

- a) Familiares, acima de 18 anos de idade, que perderam irmão(ã) em decorrência de morte por suicídio.
- b) Irmãos que concordaram participar dessa pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), pois toda pesquisa científica empírica de entrevista a participantes deve permitir que estes se sintam livres a participar, tornando, desta forma, exigida a assinatura documental.
- c) Todos os entrevistados, obrigatoriamente, são integrantes de Grupos de Apoio.
- d) Irmãos que se dispuseram a conceder ou relatar sua experiência no formato *online*.

Os critérios de exclusão adotados foram:

- a) Não havia a necessidade de se entrevistar pessoas as quais não satisfaziam os critérios descritos anteriormente.
- b) Os entrevistados não podiam ter menos de 18 anos de idade.
- c) É importante, aqui citar, que embora não exista superação completa do luto por suicídio, para essa pesquisa, estabeleceu-se o período de seis meses da perda do ente, bem como a participação do entrevistado em Grupo de Apoio.
- d) Pessoas que não se dispuseram a relatar *online* suas experiências, tendo em vista os termos da proposta de pesquisa.

Foram realizadas 8 (oito) entrevistas com pessoas que passaram pelo suicídio de irmão e estão participando de um grupo de apoio. As entrevistas foram realizadas de forma remota, com a gravação e, depois, foi feita a sua transcrição.

Os oito irmãos entrevistados fazem parte de um grupo de apoio que, a partir da pandemia, está funcionando online. Por tal motivo, os participantes são oriundos de diversas cidades e estados do Brasil. Os critérios usados para escolhas dos sujeitos foram pessoas: de idade distintas, que moram em cidades distantes, que trouxeram temas distintos.

O grupo de apoio funciona semanalmente, com a presença de 22 pessoas, podendo participar todos os membros de uma mesma família. Há pessoas que participam assiduamente das reuniões; outras, não. A maioria dos participantes são mulheres. O propósito do grupo é acolher o enlutado, deixar que ele fale, caso ele queira, e de maneira bem espontânea, acerca de seus sentimentos. Os presentes têm a missão de não tecer nenhuma forma de julgamento. Os grupos contam com outros enlutados que contam suas histórias, suas dores e mostram ao outro que ele não está só em suas angústias, sofrimentos e sentimentos confusos. Pelo fato de haver essas trocas de experiências, possibilita-se às vezes a empatia entre os participantes. Afirmam a mentora e coordenadora do grupo: “temos dois encontros, um aberto e outro fechado com tema específico. O aberto recebe novos enlutados e o fechado elege temas e, durante os encontros, desenvolve os temas escolhidos. Este ano de 2022 foram refletidos sentimentos e emoções considerados negativos: a raiva, a culpa, o medo, a vergonha, a inveja e a desesperança”.

Por conta da pandemia, os grupos tanto o fechado quanto o aberto estão acontecendo toda a segunda e quarta-feira de cada mês das 19h30 até as 21h30. Os participantes são adultos acima dos 18 anos de idade, familiar, amigo ou colega de trabalho de uma pessoa que se matou. Segundo a coordenadora do grupo de apoio, nunca foi escrito nada sobre o funcionamento do grupo. Mas ela afirma: “o diferencial que creio existir é de que não prometo nada, não vou consertar nada, não tenho fórmulas, mapas, receitas de como viver o luto. É um lugar de compartilhamento, de acolher a dor, sem julgamentos”.

No grupo de apoio de enlutados por suicídio a pessoa pode entrar em qualquer momento. Os participantes preenchem o formulário de inscrição que está postado no link do grupo ou entrar em contato com o Programa do grupo pelo telefone.

Seguindo a proposta metodológica de Rosenthal, com a transcrição, foi realizada a análise dos dados, primeiramente, com a análise sequencial dos dados biográficos, sendo produzidos quadros buscando organizar as falas pelos fatos vividos (da infância ao momento atual com os grupos de apoio), a relação com o irmão/ irmã que se suicidou; os sentimentos e as ações envolvidos nesse processo.

Buscou-se, então, formular a hipótese para a vida vivenciada, procurando um padrão seguido pelos entrevistados. Apontou-se, então, para a hipótese de que se busca uma explicação para o acontecimento (fato vivido), o que leva a uma interpretação de fatos ocorridos já na

infância, dentro do convívio familiar e social, mas também da dor sentida diante do suicídio e a dificuldade e necessidade em superar essa dor, destacando-se a relação de proximidade e afeto com esse irmão.

Feito isso, foi realizada a análise sequencial de texto e do campo temático. Em relação à forma e estrutura das narrativas, verificou-se que, ao lembrar de fatos da infância, há uma certa dificuldade, num primeiro momento, mas, depois, essas vivências vão sendo narradas com mais facilidade. Há, também, a busca por encontrar, nos fatos da infância, sinais de sofrimento psíquico/emocional desse irmão/irmã; narrativas que identificam, principalmente nos pais, fraquezas e dificuldades que seriam formas de explicar os problemas vivenciados por quem se suicidou e, por fim, o sofrimento vivenciado diante do suicídio e a busca por superá-lo.

Passou-se, então, para a identificação dos temas abordados pelos entrevistados e como o relato é estruturado a partir disso. Destaca-se a narrativa sobre a relação entre os irmãos, de companheirismo e intimidade, para demonstrar como a perda foi significativa; narrativas como: “sempre fomos muito amigos, desde a infância”; “cuidávamos uns dos outros”; “estávamos sempre juntos”; “sabíamos segredos um do outro”. Também sobre como se manifestou a dor da perda: “quando aconteceu, senti que levaram parte de mim...”, “era meu melhor amigo/amiga” etc. Foram, então, selecionados trechos que interessam agora, a partir dos temas a serem investigados (relacionamento com o irmão/irmã que morreu; a dor pela perda; busca e dificuldade em superar essa dor).

Foram levantadas as hipóteses para cada trecho selecionado. O que se deseja é chegar ao interesse de apresentação do biografado: a forma (manifesta ou latente) como o parceiro de entrevista quer ser percebido quando apresenta sua biografia ao seu interlocutor, na situação da entrevista. Percebe-se que se procura demonstrar a relação entre a dor, o sofrimento experimentados no luto com a relação próxima entre os irmãos na infância e os conflitos ocorridos na família.

Dessa forma, passou-se à reconstrução do caso, optando-se pelo “Estudo comparativo de contraste mínimo”, ou seja, apontar semelhanças entre os casos estudados: dificuldades desde a infância; relações familiares conturbadas; aproximação entre o entrevistado e a pessoa que morreu; sentimento de busca pela superação do luto e a dificuldade que ainda tem em relação a isso.

A seguir, foi feita a reconstrução da vida vivenciada, com a análise da narrativa, desejando-se reconstruir os significados das experiências no presente e a ordem temporal da história no momento da entrevista.

Depois, foi verificado o contraste entre vida vivenciada e vida narrada e construção tipológica, utilizando o problema de pesquisa para estabelecer uma tipologia, cujo foco são as experiências subjetiva e social do indivíduo. Retomaram-se as análises anteriores para apontar possíveis respostas ao problema de pesquisa, produzindo, assim, uma síntese dos momentos anteriores, ou seja, explicar o objeto da pesquisa, a partir dos casos estudados que, neste trabalho, é a relação dos irmãos de pessoas que vivenciaram o suicídio com o sentimento de perda.

Chegou-se ao corpus de análise desta pesquisa, com as oito entrevistas, sendo sete mulheres e um homem. Os trechos selecionados para a análise serão apresentados separadamente. Depois, será feita a análise global das entrevistas selecionadas. Os nomes foram alterados, para manter o anonimato dos entrevistados. Nesta etapa do trabalho, foi feita a análise de todas as entrevistas.

4.1.2 Resultados

O roteiro das entrevistas (APÊNDICE D) se divide em quatro partes: a primeira solicita os dados pessoais demográficos, a segunda, a questão norteadora proposta por Gabriela Rosenthal, a terceira traz pergunta para sanar dúvidas do pesquisador e a quarta e última apresenta questões ligadas à pesquisa propriamente dita.

Sobre os dados demográficos, dos oito pesquisados, sete são mulheres, o que representa 87,5 dos entrevistados, e um do sexo masculino, sendo 12,5% dos entrevistados. Em relação à faixa etária, uma pessoa está entre 20 e 30 anos; três estão entre 30 e 40 anos, duas estão entre 40 e 50 anos e duas acima dos 50 anos, conforme Tabela 1. Vê-se que há uma variação significativa de idade entre os participantes.

Tabela 1 – Faixa etária (anos) dos participantes do estudo (n=8)

Variáveis	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
[20, 30)	1	12,5
[30, 40)	3	37,5
[40, 50)	2	25
<i>Acima de 50</i>	2	25

Os dados de escolaridade revelam que três entrevistados possuem pós-graduação, dois, o ensino superior e três o ensino médio e técnico.

Tabela 2 – Escolaridade dos participantes do estudo (n=8)

Variáveis	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Pós-graduação	3	37,5
Ensino superior	2	25
Ensino médio e técnico	2	25
Ensino médio	1	12,5

Com relação ao estado civil, três são solteiros, quatro são casados e um divorciado. Foram feitas perguntas sobre a composição familiar dos entrevistados. Em uma família, tem-se dois irmãos (sendo que um se suicidou), quatro famílias apresentam a composição com três irmãos (sendo que, em uma, dois se suicidaram), outra família é composta por quatro irmãos e duas, por cinco, conforme Tabela 3.

Tabela 3 – Composição familiar: número de irmãos incluindo o participante do estudo (n=8)

Variáveis	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
2 irmãos(ãs)	1	12,5
3 irmãos(ãs)	4	50
4 irmãos(ãs)	1	12,5
5 irmãos(ãs)	2	25

Sobre a posição familiar ocupada pelo irmão participante do estudo (Tabela 4), um respondeu ser o mais velho, três são do meio e quatro são caçulas.

Tabela 4 – Posição familiar ocupada pelo participante do estudo (n=8)

Variáveis	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Irmão(ã) mais velho	1	12,5
Irmão(ã) do meio	3	37,5
Irmão(ã) caçula	4	50

Quanto à posição ocupada pelo irmão que se matou (Tabela 5), seis eram mais velhos, dois eram do meio e um era caçula. Salienta-se aqui o fato de que um participante tem dois irmãos que cometeram suicídio.

Tabela 5 – Posição familiar ocupada pelo irmão(ã) que se matou por suicídio (n=9)

Variáveis	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Irmão(ã) mais velho	6	66,7
Irmão(ã) do meio	2	22,2
Irmão(ã) caçula	1	11,1

Perguntou-se, também, qual era a idade do irmão que cometeu suicídio. Dois estavam entre 20 e 30 anos; quatro, entre 30 e 40 anos; e dois acima de 50 anos. Também, questionou-se a idade do entrevistado quando seu irmão cometeu suicídio. Um tinha menos de 20 anos; um tinha entre 20 e 30 anos; dois estavam entre 30 e 40 anos; dois também estavam entre 40 e 50 anos e um tinha mais de 50 anos de idade. Um não respondeu a essa questão.

Perguntou-se ao entrevistado há quanto tempo este participa do grupo de apoio. Dois responderam que há um ano ou menos; dois responderam que entre um a dois anos e quatro não responderam.

Outra pergunta destinada aos participantes foi quanto à “ocupação/profissão de cada um”. Foram coletadas as seguintes respostas: professor(a), secretário(a), psicólogo(a), comerciante, enfermeiro(a), do lar, técnico(a) em TI - Tecnologia da Informação - e aposentado(a).

Sobre esses dados demográficos, pode-se observar que os entrevistados possuem características diferentes, tanto quanto à faixa etária, como a escolaridade e profissão, o que nos ajuda a compreender como o evento do suicídio impacta as famílias em situações sociais diferentes. Já de início, percebe-se que o fenômeno está presente em diversas dessas situações e em fases diferentes da vida (da infância à maturidade).

A seguir usou-se, como orienta a professora Gabrielle Rosenthal, o memo de cada participante ou colaborador da pesquisa.

4.1.2.1 Memo para as entrevistas

A) Florbela Espanca

1. Reflexão sobre a situação da entrevista

1.1. Duração da entrevista: 42 Minutos.

1.2 Local da entrevista e descrição do local: Forma online pela plataforma Skype.

1.3 Maneira como transcorreu o contato inicial: A entrevistada teve um pouco de dificuldade em adequar o som do seu computador, a entrevistada se encontrava na tranquilidade de seu quarto.

1.4 Interação antes e depois de ligar e desligar o gravador/reação ao projeto, perguntas antes e comentários posteriores: O encontro foi marcado desmarcado e depois remarcado pela entrevistada, essa alegou que ocorreu imprevistos. A entrevistada estava aguardando em seu quarto pela entrevista, afirmou a entrevistada que antes da entrevista abaixou o aplicativo do Skype para a entrevista. Após a entrevista, a entrevistada esperou o entrevistador desligar antes de desligar a câmera de seu aplicativo.

1.5 Circunstância externa: No momento da entrevista o seu cachorrinho começou a latir a ponto de atrapalhar a entrevista e ela pediu um instante para retirá-lo de dentro de casa. Após a retirada do cachorro, a entrevista seguiu normalmente.

1.6 Sentimentos do entrevistador sobre o entrevistado e a situação/transcorrer da entrevista: O entrevistador teve sentimento de solidariedade com o sofrimento manifestado pela entrevistada decorrente da perda de seu irmão pelo suicídio.

2. Dados do entrevistado

2.1 Composição do grupo doméstico: Flor Bela Espanca tem mais dois irmãos.

2.2 Dados sobre os integrantes do mesmo: É a única filha mulher, o seu irmão que morreu por suicídio é o mais velho dos irmãos.

2.3 Dados biográficos do próprio entrevistado: Ela tem 26 anos de idade, a única filha mulher da família, formada em pedagogia, mas exerce a profissão de confeitaria.

3. História de vida apresentada

3.1 Reconstrução rápida da sequência do conteúdo dos temas mencionados, com base nas anotações (diferenciando entre apresentação de si em resposta à pergunta inicial e a fase de perguntas). Poucas lembranças do nascimento e infância, brincadeiras, mudança de bairro, brigas, conflitos familiares, envolvimento do irmão com as drogas, problema de se sentir sozinha, perdas da tia e da avó, depressão, suicídio do irmão, grupo de apoio.

3.2 Quais as ideias com base nestas informações: como é que o/a irmão (a)entrevistado(a) se apresenta. Apresenta com tranquilidade, embora evidencia o forte sofrimento pela perda de seu irmão para o suicídio, houve momento que a entrevistada se emocionou ao relatar sobre o irmão que se matou por suicídio.

4. Qual a relação entre as informações obtidas e o objetivo da pesquisa? Bastante pertinentes, pois pela entrevista ficou claro, por meio dos temas, os impactos na vida da irmã deixados pelo suicídio do irmão.

4.1 Existem primeiros resultados/suspeitas? Sim.

4.2 O que ainda não foi compreendido? Sim.

4.3 A entrevista tem informações suficientes para análise aprofundada? Tem sim

5. Comentários especiais

5.1 O que levar em conta para a próxima entrevista? Para a próxima entrevista seria interessante acrescentar no roteiro que idade tinha o seu irmão quando ele suicidou, e quantos anos tinha a entrevistada quando o irmão ou irmã morreu por suicídio, bem como, quanto tempo faz que participa do grupo de apoio.

5.2 Com quem se deve fazer a próxima entrevista? Continuar as entrevistas no grupo de apoio porque esse é o campo de nossa pesquisa.

B) ARICLÊ PEREZ

1. Reflexão sobre a situação da entrevista

1.1 Duração da entrevista: 27min 15 seg.

1.2 Local da entrevista e descrição do local: Online pela plataforma Skype

1.3 Maneira como transcorreu o contato inicial: Tivemos problemas no uso do aplicativo tendo que remarcar para um outro dia e horário. Essa entrevista aconteceu à noite, senti que a entrevistada estava um pouco cansada.

1.4 Interação antes e depois de ligar e desligar o gravador/reação ao projeto, perguntas antes e comentários posteriores: Antes da entrevista a pessoa agradeceu pela entrevista, bem como, elogiou a pesquisa por se tratar de uma pesquisa que envolve irmãos que perderam familiar por suicídio. A entrevistada esperou o entrevistador desligar a câmera.

1.5 Circunstância externa: O volume do som do computador estava um pouco baixo.

1.6 Sentimentos do entrevistador sobre o entrevistado e a situação/transcorrer da entrevista: O entrevistador percebeu que a entrevistada estava bastante cansada, pois estava chegando do trabalho. Na entrevista evidenciou bastante sofrimento por parte da entrevistada em relatar sobre o suicídio de seu irmão, várias vezes durante a entrevista a entrevistada chorou.

2. Dados do entrevistado

2.1 Composição do grupo doméstico: Família composta por quatro irmãos, sendo que a entrevistada ocupa a posição de caçula.

2.2 Dados sobre os integrantes do mesmo: A entrevistada afirma que sua família é bastante unida, e a morte do seu irmão pelo suicídio trouxe grande impacto, sobretudo, em sua mãe. Mas não só, a entrevistada sofre muito com a perda do irmão porque ela o tinha como pai além de ser colega de trabalho, trabalhavam na mesma universidade como professores universitários.

2.3 Dados biográficos do próprio entrevistado: Ariclê Perez tem 48 anos, nasceu no Rio Grande Sul, os pais, ambos, funcionários públicos, o pai policial, a mãe professora filha caçula, professora universitária e pesquisadora. Casou-se jovem, conheceu ex-marido com 22 anos, moraram juntos depois se casaram, ficaram 22 anos casados, tiveram um filho que hoje está

com 20 anos. Em 2018 ela descobriu uma traição do então marido e em 2019, separaram e aí foi procurar terapia apoio psicológico e psiquiátrico: “Fui procurando esse apoio e aí estou vivendo nessa situação e em outra situação o meu irmão mais velho era o meu colega de universidade além dele ser meu irmão colega e professor ele era professor na universidade onde eu trabalho, ele trabalhou 32 anos, ele sempre foi o meu apoio, hoje eu me dou conta de que eu perdi um pai aos 18 e perdi outro pai de novo.”

3. História de vida apresentada

3.1 Reconstrução rápida da sequência do conteúdo dos temas mencionados, com base nas anotações (diferenciando entre apresentação de si em resposta à pergunta inicial e a fase de perguntas).

- Nasceu no Rio Grande do Sul
- Os seus pais tiveram 5 filhos
- Sofrimento pela separação dos pais
- A entrevistada casou-se muito jovem
- Separação do marido
- Filho de 20 anos mora junto
- O suicídio do irmão

3.2 Quais as ideias com base nestas informações: como é que o/a irmão (a)entrevistado(a) se apresenta. Uma pessoa muito trabalhadora, que se dedicou bastante a sua formação acadêmica. Tenta passar tranquilidade, sobretudo, para sua mãe que sofre muito com a perda de seu filho e irmão da entrevistada. Deixa transparecer que o cuidado a convivência com o filho é um grande apoio para a superação da depressão.

4. Qual a relação entre as informações obtidas e o objetivo da pesquisa?

Ariclê Perez expõe dos impactos causado pelo suicídio de seu irmão não só em sua vida, mas também na vida e mudança de rotina de toda a família. A entrevistada se encontra em luto pela perda do irmão pelo suicídio.

4.1 Existem primeiros resultados/suspeitas?

A entrevista possibilita a reconstrução de sua biografia. Percebe vários impactos causado pelo suicídio do irmão na vida de Ariclê Perez

4.2 O que ainda não foi compreendido?

Toda a entrevista foi muito bem compreendida, mesmo que com um tempo curto de fala ficou tudo muito bem esclarecido.

4.3 A entrevista tem informações suficientes para análise aprofundada?

Sim, sem sombra de dúvidas, a entrevista traz elementos narrativos bem eloquentes que possibilitam a construção cronológica.

5. Comentários especiais

5.1 O que levar em conta para a próxima entrevista? Fica evidente nesse tipo de metodologia que tudo que o entrevistado falar é de suma importância para a análise posteriormente.

5.2 Com quem se deve fazer a próxima entrevista? Continuar as entrevistas no grupo de apoio porque esse é o campo da pesquisa.

C) FRIDA KAHLO

1. Reflexão sobre a situação da entrevista

1.1 Duração da entrevista: 1h30min.

1.2 Local da entrevista e descrição do local: Online pela plataforma Skype. Frida estava no sossego de seu quarto, ela usou o celular para participar da entrevista.

1.3 Maneira como transcorreu o contato inicial: O contato inicial se deu por meio da coordenadora do Grupo, ela avisou todos os membros do grupo via WhatsApp, deixando o número do WhatsApp do pesquisador e as pessoas que gostariam de participar poderiam entrar em contato com o pesquisador pelo mesmo veículo de comunicação. Todos os participantes marcaram com o entrevistador a fim de agendar a data da entrevista. Frida assim apresentou, “me chamo Frida faço parte do grupo de apoio X, eu gostaria de participar de sua pesquisa como entrevistada”. O entrevistador respondeu a mensagem de Frida e perguntou que dia e horário ela teria disponibilidade, ela propôs a data e o entrevistador agendou a entrevista com Frida.

1.4 Interação antes e depois de ligar e desligar o gravador/reação ao projeto, perguntas antes e comentários posteriores: Frida no início da entrevista afirmou que para ela é sempre muito difícil falar do suicídio de seu irmão. Ela estava bastante apreensiva em falar desse assunto. O entrevistador disse para ela que ela poderia falar de qualquer assunto que a deixassem à vontade. O entrevistador pediu antes da entrevista que ela lesse o “Termo de Consentimento Livre Esclarecido” e se concordasse assinasse. A entrevistada leu e assinou. Antes de ligar a câmera a entrevistada disse que morava em São Paulo e trabalhava como enfermeira. Frida esperou o entrevistador desligar o seu computador primeiro.

1.5 Circunstância externa: Antes da entrevista Frida estava ouvindo músicas ao iniciar a entrevista ela desligou a música, durante a entrevista o som do microfone da entrevistada ficou bastante baixo não conseguindo ser auditivo por parte do entrevistador.

1.6 Sentimentos do entrevistador sobre o entrevistado e a situação/transcorrer da entrevista: No momento da entrevista emergiu por parte do entrevistador em relação a entrevistada os sentimentos de solidariedade e empatia diante dos sofrimentos emocionais causados pela perda

do irmão. No decorrer da entrevista o entrevistador percebeu que a entrevistada sentiu grande necessidade de falar em detalhes sobre toda a vida de seu irmão.

2. Dados do entrevistado

2.1 Composição do grupo doméstico: Frida teve um irmão, mais novo e se matou pelo suicídio, atualmente mora sozinha.

2.2 Dados sobre os integrantes do mesmo: Frida mora sozinha, entretanto cuida mesmo que a distância de sua mãe.

2.3 Dados biográficos do próprio entrevistado: Frida nasceu em São Paulo, tem 34 anos de idade, tem segundo grau completo, técnica em enfermagem. É filha de pedreiro, a única menina da família, o seu único irmão morreu de suicídio. Mora na grande São Paulo. Trabalho como enfermeira numa clínica em São Paulo. Casou-se, mas não deu certo o relacionamento.

3. História de vida apresentada

3.1 Reconstrução rápida da sequência do conteúdo dos temas mencionados, com base nas anotações (diferenciando entre apresentação de si em resposta à pergunta inicial e a fase de perguntas).

- Nasceu em São Paulo;
- Infância;
- Violência doméstica;
- Gravidez do irmão;
- Rejeição da gravidez;
- Ciúme do irmão;
- Nascimento do irmão;
- O irmão na UTI;
- Alergia na família;
- Relacionamento com o irmão bebê;
- Infância com o irmão;
- Protege o irmão;
- Relação com os pais;
- Violência da mãe;
- Adolescência;
- Abuso sofrido pela mãe;

- Surra da mãe;
- Relacionamento com o irmão;
- Automutilação;
- Separação dos pais;
- Curso de enfermagem;
- Primeira tentativa de suicídio do irmão;
- Avó com Alzheimer;
- Doença da tia;
- Diagnóstico de depressão;
- Melhora do irmão;
- Dificuldades de relacionamento;
- Irmão que vai morar com o pai;
- Dificuldade para estudar;
- Tratamento psicológico;
- Busca de ajuda para mãe;
- Grupo de apoio;

3.2 Quais as ideias com base nestas informações: como é que o/a irmão (a)entrevistado(a) se apresenta. Frida se apresenta como uma pessoa muito esforçada diante daquilo que almeja. Uma pessoa com grande facilidade de se comunicar. Mesmo diante das dificuldades tenta captar coisas positiva das experiências da vida.

4. Qual a relação entre as informações obtidas e o objetivo da pesquisa?

Tem muita relação, a entrevistada relatou com detalhes sua experiencia dos impactos deixado pelo irmão que se matou pelo suicídio.

4.1 Existem primeiros resultados/suspeitas? Sim, sem sombra de dúvidas, a entrevista traz elementos narrativos bem eloquentes que possibilitam a construção cronológica.

4.2 O que ainda não foi compreendido? Tudo o que a entrevistada relatou foi extremamente importante para a pesquisa.

4.3 A entrevista tem informações suficientes para análise aprofundada? Continuar as entrevistas com mais membros do grupo de apoio.

5. Comentários especiais

5.1 O que levar em conta para a próxima entrevista? Continuar usando a mesma metodologia

5.2 Com quem se deve fazer a próxima entrevista? Continuar as entrevistas no grupo de apoio porque esse é o campo da pesquisa.

D) LEILA LOPES

1. Reflexão sobre a situação da entrevista

1.1 Duração da entrevista: 1h47min.

1.2 Local da entrevista e descrição do local: Online pela plataforma Skype. Leila estava em seu quarto, ela usou o computador para participar da entrevista.

1.3 Maneira como transcorreu o contato inicial: O contato inicial se deu por meio da coordenadora do Grupo. Leila assim se apresentou, “me chamo (x) faço parte do grupo de apoio (x), eu gostaria de participar de sua pesquisa como entrevistada”. O entrevistador respondeu a mensagem de Leila e perguntou que dia e horário ela teria disponibilidade, ela propôs a data e o entrevistador agendou a entrevista com Leila.

1.4 Interação antes e depois de ligar e desligar o gravador/reação ao projeto, perguntas antes e comentários posteriores: Leila, no início da entrevista, afirmou que para ela é sempre muito difícil falar do suicídio de seu irmão. Ela estava bastante apreensiva em falar desse assunto. O entrevistador disse para ela que ela poderia falar de qualquer assunto que a deixassem à vontade. O entrevistador pediu antes da entrevista que ela lesse o “Termo de Consentimento Livre Esclarecido” e se concordasse assinasse. A entrevistada leu e assinou. Antes de ligar a câmera a entrevistada disse que morava em São Paulo e trabalhava como enfermeira. Leila esperou o entrevistador desligar sua câmera primeiro.

1.5 Circunstância externa: não houve nenhum entrave externo que atrapalhasse a entrevista.

1.6 Sentimentos do entrevistador sobre o entrevistado e a situação/transcorrer da entrevista: Tranquilidade, o entrevistador ficou preocupado com o tempo que a entrevistada falou, falou sem nenhuma interrupção por 1 hora. No decorrer da entrevista o entrevistador percebeu que a entrevistada sentiu grande necessidade de falar em detalhes sobre toda a vida de seu irmão.

2. Dados do entrevistado

2.1 Composição do grupo doméstico: Leila é a única filha mulher de sua família, teve dois irmãos e ambos morreram por suicídio.

2.2 Dados sobre os integrantes do mesmo: Leila mora sozinha, no passado sofreu muito por conta de um relacionamento abusivo por parte de seu ex companheiro. Perdeu os dois pais e os dois irmãos, convive pouco com seus sobrinhos.

2.3 Dados biográficos do próprio entrevistado: Leila nasceu em São Paulo, tem 60 anos de idade, advogada, filho de delegado de polícia, única menina da família os seus dois irmãos morreram por suicídio. Mora na grande São Paulo. Casou-se, mas não deu certo o relacionamento.

3. História de vida apresentada

3.1 Reconstrução rápida da sequência do conteúdo dos temas mencionados, com base nas anotações (diferenciando entre apresentação de si em resposta à pergunta inicial e a fase de perguntas).

- Família;
- Irmão mais velho;
- Internação do irmão mais velho;
- Volta do irmão mais velho para casa;
- O irmão que busca o espiritismo;
- O casamento do irmão mais velho;
- Vontade de sair de casa;
- O irmão mais velho se separa;
- O irmão mais velho mata a esposa;
- Após o assassinato da cunhada;
- A morte do pai;
- Relacionamento abusivo;
- Depressão;
- Cuidados da mãe;
- Casamento do irmão mais novo;
- Dificuldade nos relacionamentos amorosos;
- Crises com os sobrinhos;
- Relacionamento com o irmão mais velho;
- Acidente do irmão mais novo;
- Relacionamento com o irmão mais novo após o acidente;
- Relacionamento com a cunhada;

- Novo namorado;
- Doença e morte da mãe;
- Mudança para a cidade da família;
- Crise no casamento do irmão mais novo;
- Nova namorada do irmão mais novo;
- Suicídio do irmão mais novo;
- Luto;
- Grupo de apoio;

3.2 Quais as ideias com base nestas informações: como é que o/a irmão (a)entrevistado(a) se apresenta. Leila é uma pessoa muito dedicada em seu trabalho e estudos. Mesmo diante das dificuldades tenta captar coisas positivas das experiências da vida.

4.Qual a relação entre as informações obtidas e o objetivo da pesquisa?

Pelos números de temas levantados acima percebe-se com tranquilidade que a entrevista alcançará os seus objetivos.

4.1 Existem primeiros resultados/suspeitas? Sim, sem sombra de dúvidas, a entrevista traz elementos narrativos bem eloquentes que possibilitam construções vivenciadas pela participante.

4.2 O que ainda não foi compreendido? Tudo o que a entrevistada relatou será importantíssimo para a análise da pesquisa.

4.3 A entrevista tem informações suficientes para análise aprofundada? Continuar as entrevistas com mais membros do grupo de apoio.

5. Comentários especiais

5.1 O que levar em conta para a próxima entrevista? Continuar usando a mesma metodologia.

5.2 Com quem se deve fazer a próxima entrevista? Continuar as entrevistas no grupo de apoio porque esse é o campo da pesquisa.

E) DAISY COLEMAN

1. Reflexão sobre a situação da entrevista

1.1 Duração da entrevista: 55 minutos

1.2 Local da entrevista e descrição do local: Online pela plataforma Skype. Daisy estava em seu quarto aguardando pela entrevista, ela fez o uso do computador para a entrevista.

1.3 Maneira como transcorreu o contato inicial: Como oa das demais entrevista, o contato inicial deu via coordenadora do Grupo. Daisy assim se apresentou: “me chamo (x) faço parte do grupo de apoio (x), eu gostaria de participar de sua pesquisa como entrevistada”. O entrevistador respondeu a mensagem de Daisy e perguntou que dia e horário ela teria disponibilidade, ela propôs a data e o entrevistador agendou a entrevista com Daisy.

1.4 Interação antes e depois de ligar e desligar o gravador/reação ao projeto, perguntas antes e comentários posteriores: Daisy estava bastante apreensiva em falar sobre o suicídio de seu irmão. A fim de tranquilizar Daisy o entrevistador disse que ela poderia falar de qualquer assunto que a deixasse à vontade. O entrevistador pediu antes da entrevista que ela lesse o “Termo de Consentimento Livre Esclarecido” e se concordasse assinasse. A entrevistada leu e assinou. Antes de ligar a câmera a entrevistada disse que morava em São Paulo e trabalhava como enfermeira. Daisy esperou o entrevistador desligar a sua câmera primeiro.

1.5 Circunstância externa: Daisy teve dificuldade no início da entrevista de colocar tanto a câmera quanto o som para funcionar, depois de 7 minutos iniciou-se a entrevista.

1.6 Sentimentos do entrevistador sobre o entrevistado e a situação/transcorrer da entrevista: Por estar entrevistando uma psicóloga o entrevistador ficou mais tranquilo. Mas Daisy em vários momentos da entrevista chorou fortemente, por tal motivo o entrevistador ficou bastante comovido e tentou estabelecer empatia e acolhida aos sentimentos de Daisy.

2. Dados do entrevistado

2.1 Composição do grupo doméstico: A família de Daisy é constituída de cinco irmãos, ela é a quinta filha, o irmão mais velho morreu por suicídio aos 22 anos de idade.

2.2 Dados sobre os integrantes do mesmo: Daisy tem 58 anos de idade, é casada e mãe de um filho. Moram na mesma casa Daisy, seu filho e seu marido.

2.3 Dados biográficos do próprio entrevistado: Daisy nasceu em Osorio município de Rio Grande do Sul, tem 58 anos de idade, psicóloga e especialista em Suicidologia, terapia de família, avaliação psicológica, gestão em saúde pública.

3. História de vida apresentada

3.1 Reconstrução rápida da sequência do conteúdo dos temas mencionados, com base nas anotações (diferenciando entre apresentação de si em resposta à pergunta inicial e a fase de perguntas).

- Nascimento;
- Morte da irmã na infância;
- Crescimento;
- Morte do pai;
- Irmão sai de casa;
- Faculdade;
- Suicídio do irmão;
- Encontro do corpo;
- Morte do outro irmão;
- Entrega dos telegramas de condolências pela morte da irmã;
- Doença do terceiro irmão;
- Doenças na família;
- Depois do suicídio do irmão.

3.2 Quais as ideias com base nestas informações: como é que o/a irmão (a)entrevistado(a) se apresenta. Daisy é uma pessoa muito dedicada em seu trabalho e estudos. Mesmo diante das dificuldades tenta captar coisas positivas das experiências da vida.

4. Qual a relação entre as informações obtidas e o objetivo da pesquisa? Essa entrevista possibilitou o levantamento de vários temas conforme acima.

4.1 Existem primeiros resultados/suspeitas? Sim, sem sombra de dúvidas, a entrevista traz elementos narrativos bem eloquentes que possibilitam construções vivenciadas pela participante.

4.2 O que ainda não foi compreendido? Tudo o que Daisy expressou em sua entrevista será muito bem explorado na análise.

4.3 A entrevista tem informações suficientes para análise aprofundada? Continuar as entrevistas com mais membros do grupo de apoio.

5. Comentários especiais

5.1 O que levar em conta para a próxima entrevista? O roteiro usado está bem organizado, por tal motivo continuaremos usando a mesma estratégia.

5.2 Com quem se deve fazer a próxima entrevista? Continuar as entrevistas no grupo de apoio porque esse é o campo da pesquisa.

F) MARIA VIDAL

1. Reflexão sobre a situação da entrevista

1.1 Duração da entrevista: 1h05 min.

1.2 Local da entrevista e descrição do local: Online pela plataforma Skype. Maria estava se encontrava em seu quarto pela entrevista, ela fez o uso do celular para a entrevista.

1.3 Maneira como transcorreu o contato inicial: Como as demais entrevista, o contato inicial se deu via coordenadora do Grupo. Maria assim se apresentou, “me chamo (x) faço parte do grupo de apoio (x), eu gostaria de participar de sua pesquisa como entrevistada”. O entrevistador respondeu a mensagem de Maria e perguntou que dia e horário ela teria disponibilidade, ela propôs a data e o entrevistador agendou a entrevista com Maria.

1.4 Interação antes e depois de ligar e desligar o gravador/reação ao projeto, perguntas antes e comentários posteriores: Maria estava também acompanhada de seu filhinho de colo, ela se apresentava bastante tranquila em falar sobre o suicídio de sua irmã. O entrevistador pediu antes da entrevista que ela lesse o “Termo de Consentimento Livre Esclarecido” e se concordasse assinasse. A entrevistada leu e assinou.

1.5 Circunstância externa: Maria, no início da entrevista, várias vezes, parou para agradecer seu filhinho que estava chorando, mas depois o pai do menino pegou o menino enquanto a entrevista acontecia.

1.6 Sentimentos do entrevistador sobre o entrevistado e a situação/transcorrer da entrevista: Sentimento de muita solidariedade, acolhimento e empatia. O entrevistador ficou bastante comovido com a experiência existencial bem sofrida de Maria, mas ao mesmo tempo percebeu o quanto essa mulher é resiliente e lutadora diante dos dissabores da vida.

2. Dados do entrevistado

2.1 Composição do grupo doméstico: A família de Maria é constituída de três irmãos, a irmã que morreu por suicídio era a segunda da família. Hoje, Maria é casada e tem dois filhos.

2.2 Dados sobre os integrantes do mesmo: Maria tem 35 anos de idade é casada e mãe de dois filhos. Moram na mesma casa Maria, os seus filhos e marido e a sua avó que foi a mãe que a criou.

2.3 Dados biográficos do próprio entrevistado: Maria mora em Taquaritinga, tem 35 anos de idade, fez o segundo grau completo, é do lar cuida de seus dois filhinhos. A mãe engravidou de Maria com 14 anos de idade. Maria foi criada pela avó e trabalhou muito, desde sua adolescência, para ajudar a avó a manter a casa.

3. História de vida apresentada

3.1 Reconstrução rápida da sequência do conteúdo dos temas mencionados, com base nas anotações (diferenciando entre apresentação de si em resposta à pergunta inicial e a fase de perguntas).

- Nascimento;
- Infância;
- Trabalhos;
- A irmã que procurou o pai;
- Conheceu o esposo, casou e teve filhos;
- A vó (mãe) se casa;
- Reencontro com o pai;
- Primeira tentativa de suicídio da irmã;
- Suicídio da irmã;
- Pós suicídio da irmã;
- Grupo de apoio;
- Impacto após o suicídio.

3.2 Quais as ideias com base nestas informações: como é que o/a irmão (a)entrevistado(a) se apresenta. Maria é uma pessoa muito resiliente e dedicada tanto a família quanto ao trabalho e a família. Passou pela depressão, mas soube superar muito bem e dar a volta por cima e construiu um lar e desse lar tem dois filhos.

4. Qual a relação entre as informações obtidas e o objetivo da pesquisa? A entrevista foi bastante satisfatória diante dos objetivos que a pesquisa se propõe.

4.1 Existem primeiros resultados/suspeitas? Sim, muitos elementos narrativos apareceram que possibilitaram construções vivenciadas dos participantes.

4.2 O que ainda não foi compreendido? Tudo o que Maria expressou em sua entrevista será muito bem explorado na análise.

4.3 A entrevista tem informações suficientes para análise aprofundada? Continuar as entrevistas com mais membros do grupo de apoio.

5. Comentários especiais

5.1 O que levar em conta para a próxima entrevista? O roteiro usado está bem organizado, por tal motivo continuaremos usando a mesma estratégia.

5.2 Com quem se deve fazer a próxima entrevista? Continuar as entrevistas no grupo de apoio porque esse é o campo da pesquisa.

G) DANDARA DOS PALMARES

1. Reflexão sobre a situação da entrevista

1.1 Duração da entrevista: 45 min.

1.2 Local da entrevista e descrição do local: Online pela plataforma Skype. Dandara se encontrava em seu quarto pela entrevista, ela fez o uso do computador para a entrevista. A entrevistada trocou de sala a fim de melhorar o sinal do internet.

1.3 Maneira como transcorreu o contato inicial: Como as demais entrevista, o contato inicial se deu via coordenadora do Grupo. Dandara assim apresentou, “me chamo (x) faço parte do grupo de apoio (x), eu gostaria de participar de sua pesquisa como entrevistada”. O entrevistador respondeu a mensagem de Dandara e perguntou que dia e horário ela teria disponibilidade, ela propôs a data e o entrevistador agendou a entrevista com Dandara.

1.4 Interação antes e depois de ligar e desligar o gravador/reação ao projeto, perguntas antes e comentários posteriores: Dandara se encontrava numa sala de seu trabalho para participar. Saiu da sala que estava no início para uma sala mais próxima ao wi-fi. Ela se apresentava bastante tranquila em falar sobre o suicídio de seu irmão. Só confirmou se era um trabalho que iria acontecer de forma sigilosa. O entrevistador esclareceu a dúvida explicando que a entrevista e depois o uso da mesma para o trabalho iria resguardar o sigilo, usado para a análise fictício. O entrevistador pediu a entrevistada que lesse novamente o “Termo de Consentimento Livre Esclarecido” e se concordasse, fizesse a assinatura. A entrevistada leu e assinou.

1.5 Circunstância externa: Dandara mudou de sala para uma mais próxima do wi-fi a fim de melhorasse a qualidade da internet.

1.6 Sentimentos do entrevistador sobre o entrevistado e a situação/transcorrer da entrevista: Eu senti que a entrevistada estava bastante cansada. Ela estava usando o seu horário de almoço para conceder a entrevista e preocupada com o tempo para voltar logo para o seu trabalho. Por tal motivo tive um sentimento de que a entrevistada estava bastante dispersa.

2. Dados do entrevistado

2.1 Composição do grupo doméstico: A família é constituída por cinco irmãos. O irmão mais velho é que morreu por suicídio.

2.2 Dados sobre os integrantes do mesmo: Dandara, 45 anos de idade, é casada, não tem filho.

2.3 Dados biográficos do próprio entrevistado: Dandara nasceu em São Paulo, capital, é mais velha das mulheres, tem curso superior completo, é formada em administração, é secretária de uma clínica oncológica.

3. História de vida apresentada

3.1 Reconstrução rápida da sequência do conteúdo dos temas mencionados, com base nas anotações (diferenciando entre apresentação de si em resposta à pergunta inicial e a fase de perguntas).

- Nascimento;
- Pais;
- Mudança para a Bahia;
- Retorno para São Paulo;
- Escola e trabalho;
- Nascimento da irmã;
- Separação dos pais;
- Registro da irmã;
- Seguindo a vida;
- A irmã que se matou;
- Doença e morte do pai;
- Antes do suicídio;
- Suicídio da irmã;
- Grupo de apoio;
- Busca pela superação;
- Intensão;
- Família depois do suicídio;
- Impacto do suicídio.

3.2 Quais as ideias com base nestas informações: como é que o/a irmão (a)entrevistado(a) se apresenta. Dandara é uma pessoa bastante comunicativa. Parece ser a pessoa que oferece o apoio emocional para a família atingida pelo suicídio de seu ente querido.

4. Qual a relação entre as informações obtidas e o objetivo da pesquisa? A entrevista foi bastante satisfatória diante dos objetivos que a pesquisa se propõe.

4.1 Existem primeiros resultados/suspeitas? Sim, muitos elementos narrativos apareceram que possibilitaram construções vivenciadas do participante.

4.2 O que ainda não foi compreendido? Tudo o que Dandara expressou em sua entrevista será muito bem explorado na análise.

4.3 A entrevista tem informações suficientes para análise aprofundada? Continuar as entrevistas com mais membros do grupo de apoio.

5. Comentários especiais

5.1 O que levar em conta para a próxima entrevista? O roteiro usado está bem organizado, por tal motivo continuaremos usando a mesma estratégia.

5.2 Com quem se deve fazer a próxima entrevista? Continuar as entrevistas no grupo de apoio porque esse é o campo da pesquisa.

H) KURT COBAIN

1. Reflexão sobre a situação da entrevista

1.1 Duração da entrevista: 1h30 min.

1.2 Local da entrevista e descrição do local: Online pela plataforma Skype. Kurt (o único homem entrevistado) se encontrava em seu quarto para entrevista, ele fez o uso do computador para a entrevista. No início houve problemas de conexão de internet de Kurt. Depois de aproximadamente cinco minutos, foi solucionado o problema da internet.

1.3 Maneira como transcorreu o contato inicial: Como as demais entrevistas, o contato inicial se deu via coordenadora do Grupo. Kurt assim apresentou, “me chamo (x) faço parte do grupo de apoio (x), eu gostaria de participar de sua pesquisa como entrevistada”. O entrevistador respondeu a mensagem de Kurt e perguntou que dia e horário ele teria disponibilidade, ele propôs a data e o entrevistador agendou a entrevista com Kurt.

1.4 Interação antes e depois de ligar e desligar o gravador/reação ao projeto, perguntas antes e comentários posteriores: Kurt se encontrava em seu quarto para participar da entrevista. Ele se apresentava bastante tranquilo em falar sobre o suicídio de seu irmão. O entrevistador pediu o entrevistado que lesse novamente o “Termo de Consentimento Livre Esclarecido” e se concordasse fizesse assinatura. Kurt leu e assinou.

1.5 Circunstância externa: Kurt teve dificuldade no início da entrevista conectar a sua internet, mas após aproximadamente cinco minutos, foi solucionado a conexão da internet e a entrevista prosseguiu na normalidade.

1.6 Sentimentos do entrevistador sobre o entrevistado e a situação/transcorrer da entrevista: O entrevistador usou a empatia e acolhida ao sofrimento do entrevistado.

2. Dados do entrevistado

2.1 Composição do grupo doméstico: A família é constituída por três irmãos. O irmão mais velho que morreu por suicídio.

2.2 Dados sobre os integrantes do mesmo: Kurt tem 33 anos de idade é casado, tem dois filhos.

2.3 Dados biográficos do próprio entrevistado: Kurt nasceu em São Paulo Capital, é o filho do meio de três irmãos, tem segundo grau completo, fez curso técnico, trabalho com TI (Técnico de Informação).

3. História de vida apresentada

3.1 Reconstrução rápida da sequência do conteúdo dos temas mencionados, com base nas anotações (diferenciando entre apresentação de si em resposta à pergunta inicial e a fase de perguntas).

- Infância;
- Nascimento da irmã;
- Faculdade;
- Juventude;
- Saiu de casa;
- Primeiro filho;
- Depressão do irmão;
- Casamento do irmão;
- Suicídio do irmão;
- Pós suicídio;
- Momento atual;

3.2 Quais as ideias com base nestas informações: como é que o/a irmão (a)entrevistado(a) se apresenta. Kurt é bastante comunicativo. Trouxe bastante experiência de narrativa biográfica muito rica. Por ser o único homem que foi entrevistado seu olhar e suas experiências vivenciais serão muito caras na análise final das entrevistas. Kurt se apresenta como uma pessoa bastante resiliente diante das perdas, e de modo especial em relação a perda do irmão.

4. Qual a relação entre as informações obtidas e o objetivo da pesquisa? A entrevista foi bastante satisfatória diante dos objetivos que a pesquisa se propõe.

4.1 Existem primeiros resultados/suspeitas? Sim, muitos elementos narrativos apareceram que possibilitaram construções vivenciadas do participante.

4.2 O que ainda não foi compreendido? Tudo o que Kurt expressou em sua entrevista será muito bem explorado na análise.

4.3 A entrevista tem informações suficientes para análise aprofundada? Continuar as entrevistas com mais membros do grupo de apoio.

5. Comentários especiais

5.1 O que levar em conta para a próxima entrevista? O roteiro usado está bem organizado, por tal motivo continuaremos usando a mesma estratégia.

5.2 Com quem se deve fazer a próxima entrevista? Continuar as entrevistas no grupo de apoio porque esse é o campo da pesquisa.

Após ter apresentado os memos de cada participante da entrevista, conforme orienta Rosenthal, eles foram usados juntamente com os quadros elaborados a partir também de cada entrevista dos sujeitos. Passou-se a fazer a análise dos impactos na vida de cada irmão.

4.2 Entrevista com Flor Bela Espanca⁴

Nesta parte, serão apresentados os fragmentos selecionados das entrevistas com os irmãos de pessoas que cometeram suicídio. Também, há uma breve discussão de cada uma das entrevistas, buscando seguir um movimento analítico de reconstrução das histórias. Os nomes dos entrevistados foram trocados por nomes de personalidades que cometeram suicídio, buscando garantir seu anonimato. Da mesma forma, quando na entrevista são mencionados nomes de pessoas, esses foram excluídos.

O meu irmão do meio acabou sendo o foco, por muito tempo. Assim, acho que minha mãe percebeu que não dava atenção aos outros filhos, quando meu irmão mais velho faleceu.

Meu irmão mais velho, a gente era muito reservado, acaba tenho um certo medo de se relacionar, né. A gente acabou não vivendo muito essas coisas. Foi muito conturbado psicologicamente. Na minha adolescência, era muito com o do meio, com o [nome do irmão], e, depois de tantas internações e tantas coisas aconteceram e as brigaiadas. Assim, acabou que eu e o mais velho, a gente virou inseparável.

A minha mãe contava sobre meu irmão mais velho que tinha alguns traços de depressão, ele ficava no cantinho sozinho. Assim, é uma avalanche, coisas da infância vai te puxando, até você entender alguma coisa.

A morte do meu irmão é incomparável com qualquer outra perda. Não consigo palavras para descrever, porque uma coisa assim. No momento, ali, eu senti que eu tinha ido junto, o meu coração tinha arrancado a frio. Foi uma verdadeira montanha russa que, até hoje, eu estou bem, a manhã não sei. Então, a gente tenta lidar bastante com isso.

Eu perdi o grande amor da minha vida. Assim, foi muito difícil para mim, tá. Ainda é, com a terapia. Sem a terapia, eu não sei. Lido com muita coisa. Ela já teve que lidar com o suicídio comigo, fazer um tratamento. Eu tomo remédio. [...] É algo, assim, além do fato dele ter ido, eu tenho os meus pais que falam que a mãe que tem que suportar tudo [...] eu, na minha cabeça, eu não posso chorar, senão, minha mãe cai, senão, meu pai cai. Acontece que eu fico achando que sou a forte, mas, à noite, eu sempre choro. [...] é um impacto não só da morte dele, mas de um geral.

⁴ A primeira personagem que se homenageou aqui com o nome fictício, Flor Bela Espanca, se automeinou Flor Bela D'Alma da Conceição Espanca e foi uma poetisa portuguesa, teve uma brilhante formação em Letras e em Direito. Espanca tentou o suicídio por duas vezes, em outubro e novembro de 1930, na véspera de publicação de sua obra prima, *Charneca em Flor*, após o diagnóstico de um edema pulmonar, a poetisa perdeu definitivamente a vontade de viver. Não resistiu à terceira tentativa do suicídio. Faleceu no seu 36º aniversário, no dia 8 de dezembro de 1930.

Mas, eu procuro sempre estar olhando o que a coordenadora do grupo manda, porque ficar acompanhando depoimento, palestra, vídeo, pra mim, não rola. [...] são coisas construtivas, assim, e me ajuda e acompanhada de forma online. Eu estou também fazendo terapia, eu já fazia antes do suicídio de meu irmão [...].

A entrevistada começa relatando a infância. Nesse período, um dos irmãos apresentou problemas e isso fez com que a família focasse seus cuidados e atenção para essa pessoa. No entanto, o suicídio ocorreu com o outro irmão. Parece haver aí a tentativa de explicar que houve um processo de um “esquecimento” com as outras crianças, por parte dos pais. Mas, também, nasce daí a explicação da amizade entre a entrevistada e o irmão que tirou a própria vida. A entrevistada busca apresentar os laços que a uniram a esse irmão.

Em seguida, busca-se explicar que, desde a infância, o irmão mais velho já apresentava sinais de depressão. Novamente, tem-se a necessidade de identificar possíveis causas para o suicídio. Os “sinais” que foram sendo observados desde muito cedo no comportamento desse irmão.

A narrativa sobre a perda é simbolizada por uma sensação de “montanha russa”, que denota confusão de sentimentos e emoções. A leitura é de que se perdeu um grande amor, alguém sobre quem nutria um forte sentimento. Essa perda é intensa e a pessoa sente que não conseguiria vivê-la sem a ajuda da terapia. Mas também há a relação com a família, de dor e sofrimento coletivo e o sentimento de que é preciso cuidar dos demais. Percebe-se na narração da irmã, um sofrimento silencioso para não provocar dor e desarranjo emocional nos pais.

O grupo de apoio é apresentado de forma positiva, na busca de superar o luto, mas narra-se uma dificuldade em acompanhar as atividades, principalmente a de escutar outras pessoas que também passaram por perdas, como se essas narrativas provocassem a lembrança de suas próprias dores.

4.3 Entrevista com Frida Kahlo⁵

Quando o meu irmão veio, foi meio difícil a adaptação, mas eu me adaptei e, depois, também ele brincava comigo de boneca e eu brincava com ele de carrinho e estava tudo certo.

⁵ A segunda personagem do nome fictício, Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderón, mais conhecida como Frida Kahlo, nasceu em 6 de julho de 1907 e faleceu em 13 de julho de 1954. Frida foi uma pintora mexicana conhecida pelos muitos retratos, autorretratos e artefatos do México. Contraiu poliomielite, sofreu acidente de ônibus, há suspeita de que ela morreu por suicídio na forma de overdose. Em seu último diário assim escreve, “Espero que minha partida seja feliz, e espero mais regressar - Frida”

A gente cresceu bem, assim, muito amigo, uma amizade muito grande. Ele sempre foi um menino muito, ele era nervoso. Era sempre muito inteligente, muito autodidata.

[...] eu tentei, no meio dessa convivência, proteger meu irmão. Eu protegia quando eles [os pais] começavam a brigar e gerava aquele ambiente.

Ele [o irmão] falava as coisas para mim, sem muito esforço, porque nós éramos muito amigos. [...]. Era uma coisa de amizade mesmo.

Ele se automutilava, né. Então, as automutilações, ele mostrava pra mim também, né? Eu ficava perdida. Eu não sabia o que fazer, se eu falava pra minha mãe ou não. Eu não queria também perder a confiança dele. Escondi muito tempo da minha mãe. Eu acho que não era uma coisa legal, mas também eu era uma menina, né? Eu não sabia o que fazer dessa informação.

Ele se matou em julho. Em maio, eu mesmo escrevi uma carta. Eu mesmo elaborei meu suicídio. Eu mesma estava com tudo isso na cabeça. [...] Ele já estava entregue a tudo aquilo, aquela tristeza e tal e ele sempre gostou. Ele sempre dizia: eu gosto da escuridão, eu gosto, eu gosto disso.

Ele fez muito bem-feito o que ele fez, e ele tentou despistar, porque eu vi uma luva e remédios e quando eu chorei, eu disse: mãe, isso aqui é remédio pra dor. Ah, ele tentou meio que despistar o que ele fez, mas, a gente não encontrou. Eu acredito que foi... ah, esqueci o nome do veneno.

No dia do suicídio, eu fiquei sem chão. Parece que era uma mentira para mim, aquilo. Minha mãe ficou arrasada, meu pai também. Foi uma fase muito difícil, eu acho que ainda é porque vai fazer quatro anos, né, em julho, que ele faleceu. Enfim, é muito complicado, porque ele era o meu melhor amigo. Hoje, tô tentando mudar minha cabecinha, meu. Eu preciso continuar, continuar vivendo. Eu acho que viver a vida. Mas, no começo, a gente tem a sensação que não está respeitando a pessoa que morreu.

A gente tem que aprender lidar com tudo isso sozinha, foi uma luta solitária. Os grupos que participei, através da dor, me ensinaram a valorizar a vida, através da dor, infelizmente. Porque, na verdade, eu não consegui achar ninguém que me entendesse como o pessoal no grupo, porque as pessoas do grupo estão expondo um luto que é comum de todos, o luto por suicídio.

A infância é narrada com a dificuldade de aceitar o irmão mais novo, que é superada e daí nasce um laço de afeto profundo entre os dois. Ao narrar a infância, os conflitos familiares também são apresentados de forma tanto a explicar os problemas vivenciados como o fortalecimento dos laços entre os irmãos.

A narrativa da infância e da adolescência permite observar os problemas que esse irmão vai apresentando e que ajudarão a explicar o suicídio. Há, inclusive, tentativas anteriores de suicídio que não se concretizam, mas que apontam para um problema a ser observado no comportamento não só do irmão, mas também da própria entrevistada.

Ao narrar o sentimento com o suicídio do irmão, a entrevistada diz que ficou “sem chão”, o que revela sentimentos profundos de perda. Há uma tentativa de negar a realidade, mas a necessidade de enfrentar o sentimento familiar, quando todos estão “arrasados”.

A entrevistada passa a narrar sua busca por superar o ocorrido, mas apresenta o dilema entre o sofrimento pela morte do irmão e a necessidade de continuar a viver. O grupo é apresentado de forma positiva, pois encontra nele pessoas que passam por situações semelhantes, o que facilita a compreensão dos sentimentos vivenciados.

4.4 Entrevista com Daisy Coleman⁶

Então, seis crianças, assim, todas gestações bem próximas. Nós sofremos um acidente de carro, no qual veio a falecer a minha segunda irmã. Ela e meu irmão mais velho eram muito ligados, todos nós éramos. Praticamente, tínhamos um jardim de infância dentro de casa, crescemos e íamos para escola juntos. Ele foi morar fora, sozinho, aos 15 anos. Minha mãe deixou, porque, primeiro, que ninguém conseguia, ela não tinha controle.

Então, a gente também não sabia muito da vida dele. Depois, voltou. Meu pai, que controlava um pouco, morreu. Então, isso tudo ficou muito misturado, incompreendido [a entrevistada chora]. Aos olhos de todos, ele era uma pessoa mal educada e ele não era. Nós éramos muito ligados, muito amigos, sempre fomos.

Desde a morte da minha irmã, quando ele era pequeno, até a morte dele, nesses 20 anos, ele demonstrava o adoecimento, ele tinha uma bipolaridade do tipo II, muito descontrolada, nunca tratada. Foi uma criança difícil, ou se tornou, com a dor, com o luto.

Ele [marido] estava comigo quando encontrei meu irmão morto. Ele [o marido] me esperou para entrar no apartamento. Ele chegou antes de mim no apartamento e viu o carro do meu irmão estacionado. Ele teve esse pressentimento, o meu irmão não estava bem já. E, aí, a gente que teve que chamar minha mãe, chamar meus irmãos. Avisar todas as pessoas,

⁶ A terceira personagem do nome fictício, Catherine Daisy Coleman, nascida em 30 de março de 1997 e falecida em agosto de 2020, foi uma defensora americana de vítimas de agressão sexual, tema do documentário de 2016 “Audrie & Daisy”, pelo qual recebeu um “cinema Eye Honor”. Coleman cofundou a organização sem fins lucrativos SafeBAE, que visava prevenir a agressão sexual nas escolas. Ela se suicidou aos 23 anos.

acionar tudo. Toda parte da polícia, toda parte que é muito doloroso. Tudo que acontece após uma morte por suicídio, que é muito diferente das mortes que não são violentas.

A gente conseguiu quebrar [...] Sou eu que trago como é que as coisas aconteceram, porque ninguém quer falar nisso. A gente tá vivendo luto recente. Mas, claro, tenho que cuidar muito de mim. Depois da morte, o medo de que alguém mais se suicide.

A entrevistada narra o período da infância destacando a morte, por acidente, de uma das irmãs, numa família numerosa. Destaca, aí, a amizade entre o irmão mais velho e esta irmã, buscando apresentar a situação que, provavelmente, tenha originado um problema emocional que culminará no suicídio desse irmão. E ressalta que, entre todos os irmãos, havia uma relação de proximidade muito forte. Relata, então, o problema do irmão e a falta de controle sobre ele por parte de sua mãe.

A morte da irmã na infância passa a ser sua tentativa de explicar as atitudes do irmão e seu adoecimento psíquico. A relação entre ela e o irmão torna-se mais próxima, embora destaque, com sofrimento ao lembrar disso, as atitudes do irmão que não são compreendidas.

O suicídio do irmão é narrado de forma a demonstrar seu sofrimento, ao ser a primeira pessoa a encontrá-lo, e como foi difícil todo o processo seguinte.

Sobre a relação da família com o suicídio, a entrevistada narra seu papel ao tentar fazer com que a família fale sobre seus sentimentos diante do ocorrido, o que parece ter sido uma atitude não aceita pela própria família. Há uma tentativa de buscar superar o sofrimento pela perda, mas também o medo de que possa ocorrer com outra pessoa. Narra-se a proposta de superar e curar-se.

4.5 Entrevista com Ariclê Perez⁷

Era privilegiada, eu tinha tudo de bom na vida. Minha mãe estava grávida de mim, o meu pai arrumou uma outra pessoa. O meu irmão mais velho que descobriu, ficou sabendo. Pra ele [irmão mais velho] foi algo muito pesado. Virou uma bagunça em nossa vida, um desmoronamento familiar.

[com a morte do pai, ainda jovem] a gente foi seguindo as nossas vidas. Os meus irmãos mais apartados, aí, depois, a gente foi conduzindo a relação. Meu irmão [mais velho] teve muito esse papel de pai, ele sempre foi o meu apoio. A gente batalhou muito para que ele [irmão

⁷ Ariclê Perez Rangel foi uma atriz brasileira que atuou no teatro, cinema e televisão. A atriz morreu, aos 62 anos de idade, em março de 2006, ao “cair da janela” do escritório de seu apartamento. Há a hipótese de suicídio, visto que estava passando por uma profunda depressão.

mais velho] ficasse conosco. Ele tinha muito episódio de uso de drogas e álcool. [com o suicídio do irmão] me dou conta de que eu perdi um pai aos 18 e perdi outro pai de novo, né. O meu sofrimento se deu muito por isso, pela relação que nós tínhamos de intimidade.

Eu comecei a ler muito sobre suicídios. Eu não encontrei nada sobre os familiares. Entrei no grupo muito sofrida, muito doida, muito revoltada. Fui participando de várias reuniões. O que eu fui percebendo? Esses grupos têm muitas mães. Ganha um protagonismo muito grande, é tudo em torno da mãe. O luto de irmãos é um luto não reconhecido. Isso, para mim, foi assustador, eu me coloquei, inclusive. Eu sinto que não é falado do sofrimento dos irmãos.

Estou acompanhando as sugestões de leituras do grupo. A gente também vai chegando a uma exaustão de ler só aquilo, isso dá um cansaço. Foi muito bom para mim participar do grupo, porque conheci pessoas muito legais. Foi e está sendo muitíssimo doloroso. Superei muito esse baque, mas, tem dia que dói profundamente. A minha família, sobretudo minha [mãe], carrega uma tristeza indescritível. Sempre pergunta do “porquês” e do “se”. É um buraco que fica que não conseguimos preencher na nossa alma, a falta de nosso irmão.

A entrevistada contrapõe a situação da infância entre “ser privilegiada” e o “desmoronamento familiar”. Nesse processo, marcado pela traição do pai, a narrativa mostra o impacto em toda a família, mas, de modo mais forte, sobre o irmão que se suicidou. Busca, assim, explicar alguns motivos que o levaram a tomar a decisão de se matar.

Num segundo momento, a narrativa mostra a relação entre a entrevistada e esse irmão, como “seu apoio”. E, em seguida, o uso de álcool e drogas pelo irmão. Busca revelar mais motivos que poderiam explicar a atitude do irmão.

Ao falar de seu sofrimento pela morte do irmão, a entrevistada o relaciona com o nível de intimidade que tinha com ele.

Depois, passa a relatar sobre seu processo de busca de compreensão do que houve: leitura sobre o tema e o grupo de apoio. Ao falar do grupo, apresenta seu ponto de vista de que os irmãos não parecem ser considerados em sua dor, afirmando que o “luto de irmãos é um luto não reconhecido”. E que, nesses grupos, o foco é a dor e a perda sofridas pelas mães. Sobre sua participação no grupo, apresenta as duas ideias: de um lado, que conheceu pessoas legais e, de outro, que está exausta das leituras propostas. Ainda, fala sobre o luto na família, que se questiona sobre os “porquês” e de um “buraco” que não se preenche, que é a falta do irmão.

4.6 Entrevista com Leila Lopes⁸

Eu nasci em uma família de classe média alta, né. Digamos, nós tivemos tudo, né, eu, meus irmãos, dentro das possibilidades, lógico. Mas, o meu irmão mais velho, ele apresentava problemas de comportamento, eram uns problemas diferentes que não era esquizofrenia. Meus pais fizeram de tudo para solucionar. Eles o levaram em São Paulo, numa comunidade terapêutica em infância. Os anos ficou tudo bem, alguns anos da minha adolescência, eu acho que ficou normal. Mas, eu vi a minha mãe sempre preocupada, meu pai preocupado que algo podia desandar, não sei, né. Então, era aquela tensão o tempo todo.

[irmão mais velho] conheceu uma moça que não tinha nada a ver com a gente, assim, com um social totalmente diferente: tipo de educação, de valores, de tudo. A convivência em casa, depois, começou a ficar muito ruim, depois que ele conheceu essa pessoa de nível diferente, casou-se com ela.

Eu percebi que, eu acho que a vontade maior era de fugir mesmo. De sair daquele clima de problema, porque, depois que meu irmão se casou, virou um caos. Então, eu ficava mais longe possível desses assuntos. Eu estava morando em São Paulo, estava com emprego, um emprego bom. E aí eu soube de uma tragédia medonha: o meu irmão, ele matou a mulher dele.

O meu irmão saiu do flagrante, evidentemente, voltou para suas atividades. Mas, meus pais ficaram muito com ele. E aí, meu pai ficou doente. E aí, meu pai foi, aos poucos, definhando, definhando. Mas, aí, passaram-se dois anos, e aí meu pai morreu. Não dá para descrever, porque dali para frente eu nunca mais fui a mesma.

Eu conheci uma pessoa. Eu tive um relacionamento abusivo. Então, esse homem judiou muito de mim. Um dia, eu fui terminar o relacionamento, ele pegou uma arma: “se é assim, vou te matar” e tal. Mas, eu estava sofrendo tanto, tanto, que eu falei: “atira, você vai fazer um favor para mim”. A depressão foi piorando e minha mãe precisou vir pra [nome da cidade]. Ficou comigo um tempo lá, e aí eu fui, colo né, fiz terapia, Centro Espírita...

Quando eu ia no Centro Espírita, eu também tinha um conflito, porque eles achavam que era uma coisa que minimiza meu problema. E o quanto é difícil a gente receber ajuda, porque ninguém acha que isso dói e dói muito mais do que um corte na perna, do que cirurgia, do que Covid.

⁸ Leila Gomes Lopes foi atriz, jornalista e apresentadora de televisão brasileira. Foi encontrada morta em seu apartamento, no bairro Morumbi, em São Paulo, em dezembro de 2009, sendo confirmado o suicídio por ingestão de veneno de rato. Ela tinha 50 anos de idade. Deixou uma carta, dizendo que não havia se suicidado, mas partido para junto de Deus.

[o irmão mais novo] ele namorava muito firme. Parecia ser uma moça muito boa, mas, também de outro tipo de família, gente ignorante. Ele se casou e viveu bem durante 10 anos. Só que nesse período, depois que meu irmão se casou, desse caçula, o outro já tinha morrido [por suicídio].

Com 38 anos, conheci o grande amor da minha vida, que também deu errado. Vai depressão de novo. Aí eu voltei de novo para terapia.

Aí, os outros dois sobrinhos, claro, foram embora também, ficaram com a outra vó. A gente não podia ver. E aí tinha um trabalhão para ver, negócio de sobrinho. Minha mãe, por causa de netinho. E aí depois conformado, parou com esse negócio, ficou uns anos, assim, tudo quieto. Minha mãe simplesmente me abandonou, completamente. Já tinha saído das crises, mas eu não estava bem. Me abandonou total, ficou atrás desses dois netos, como se só eles tivessem sofrido na vida.

Meu irmão, né, esse [nome do irmão mais novo], se casou. Estava indo bem. No começo, ele gostava, ele era meu amigo, quando a gente era criança. Mas, depois, ele começou a ficar esquisito também comigo. Ele ficou muito estranho, assim, e muito hostil, muito hostil, durante anos e muito afastado. Em 2014, ele caiu, ricocheteou uma vértebra, ele ficou acamado. Mesmo ele sendo arredio, vim ajudar minha mãe, porque ela queria ficar pertinho, mesmo tendo enfermeira. E aí nós começamos a ver, ele não vivia bem, também, mas que ele escondia isso.

Aí, eu notei, e daí que eu percebi que minha mãe estava com ele, né, porque ele também era problemático. Não era igual ao outro, mas ele era um espírito difícil, sabe, uma pessoa muito teimosa, negativo, né.

Minha mãe morreu, mas, é normal, porque ela já tinha 80 anos. Sempre sofreu de pneumonia, desde quando chegaram meus dois sobrinhos lá, tomar conta, ficou doente, ficou com medo.

[o irmão mais novo] ele tinha obsessão por essa mulherzinha que ele se casou. Aí, ela já querendo separar, teve um caso. Eu liguei e eu falei [com o irmão mais novo]: se você não sai agora da sua casa, então você não é homem. O pai deve tá se virando no túmulo. E aí foi, saiu. Dei todo apoio. Mas, ele não tinha estrutura, porque não procurou, né, porque não procurou religião, nada. [O irmão mais novo] queria ter outra mulher de qualquer jeito. A questão nem é o nível social mesmo, né, é a pessoa. Nível social, ele ajuda e interfere pelos valores, mas tem gente que tem um nível social muito bom e não tem valores também, né, que é o caso dessa moça e aparentemente de boa família. Mas, não durou muito. Já de cara, já deu dinheiro na mão dessa mulher também. E a mulher fez um monte de dívida, afundou ele. Aí, entrou numa depressão sem volta, né. Eu já comecei a ficar com medo.

Eu fiquei sabendo na estrada, ainda. Eu estava dirigindo e fiquei sabendo que ele [o irmão mais novo] tinha cometido suicídio, dia 20. Foi numa segunda-feira. E aí eu não sei explicar. Foi diferente do primeiro, porque agora eu tenho outra cidade, outra circunstância na minha vida. É tudo diferente. Mas, eu não sei se é pior, sabe, porque o outro, eu estava longe, né, aí eu não sabia, estava distante. O [nome do irmão mais novo], eu senti. Assim, eu senti que eu falhei, que eu não fui capaz, que eu poderia ter tido mais paciência. Mas, eu, ao mesmo tempo, eu não queria fazer empréstimo para não afundar também, né, porque eu não posso me afundar também. Foi demais.

De dezembro para cá, eu estou passando por várias etapas do luto e, no grupo, eu não entro tanto porque, normalmente, quando eu entro, assim, aciona o gatilho. Faço as minhas leituras dos livros indicados, mas eu evito de ficar ouvindo aquele negócio, aí volta tudo e eu começo a chorar.

Eu já passei uma fase com uma raiva dele total. Imagina, fazer uma besteira dessas! Nossa, ficava inconformada. Depois da raiva, agora eu estou na fase de raiva da minha primeira cunhada e dos meus sobrinhos. Não posso nem ver, sabe, não briguei nem nada, mas não tem contato.

Eu quero encarar, não tem mais do que fugir. Eu quero fazer uma outra coisa, e agora eu estou com um projeto de novo. Acho que a pior parte já passou, parece que passou. Na verdade, tem dia que volta com tudo. Então, ela não passa. Eu acho que até o dia que eu morrer não vai passar.

A entrevistada se recorda da infância como um momento de oposições: de um lado, a posição familiar (“classe média”) e, de outro, a busca dos pais em solucionar o problema mental do irmão. Recorda que houve tempos em que tudo ficou bem, “normal”, mas que sempre houve uma preocupação familiar com esse irmão mais velho. Vale recordar que a entrevistada teve dois irmãos que se suicidaram.

Para buscar explicar os problemas que levaram o irmão mais velho a se suicidar, além dos problemas detectados já na infância, a entrevistada narra a situação do casamento, buscando apontar a cunhada como alguém que causou muitos problemas. A narrativa, nesse sentido, se repetirá com o segundo irmão. No caso do mais velho, ainda houve a tragédia de um homicídio, depois, o suicídio e ainda a dificuldade no relacionamento com os sobrinhos. Parece, também, ao narrar a situação, que o afeto da mãe toma um lugar central, visto que é colocado como que em disputa entre a entrevistada e os sobrinhos.

Sobre o suicídio do irmão mais velho, há pouca abordagem. Ao narrar sua “fuga”, a entrevistada se coloca longe dos problemas e também do impacto do suicídio desse irmão. Já

sobre o segundo irmão, a entrevistada narra uma tentativa de entrosamento, que não é bem sucedida. Novamente, o casamento e a situação familiar do irmão são narrados como problemas que impactam toda a família e a saúde mental do irmão.

Outro elemento que entra nessa narrativa é a religião. Vários membros da família buscaram no espiritismo algum conforto e ajuda para enfrentar os problemas. Mas a entrevistada parece dizer que não se viu acolhida em sua dor também no grupo religioso.

Sobre o suicídio do segundo irmão, a narrativa parece buscar maior proximidade, o que vai ser narrado também como causa de uma grande dor, inclusive com a narrativa de que a entrevistada falhou com ele (“não fui capaz”). Em relação ao luto, a entrevistada fala que passou por várias fases, como a da raiva e do inconformismo em relação ao irmão e à cunhada e sobrinhos.

Quanto ao grupo de apoio, a entrevistada fala de suas leituras dos livros indicados, mas que evita ouvir as histórias dos demais membros porque traz de volta a própria dor. Indica, em sua narrativa, os sentimentos de que deseja superar a dor, mas que reconhece que ela a acompanhará por toda a vida.

4.7 Entrevista com Maria Vidal⁹

A minha história é um pouco complicada, um pouco difícil e uma boa parte dela muito triste. Então, a gente viu muita coisa que eu acho que, para muita criança, eu creio, muita criança não deveria passar. A gente viu brigas, a gente a [a mãe] viu quebrando coisas, porque ela queria dinheiro para poder beber mais. A gente cresceu, basicamente, criada pela minha avó, com a minha mãe bem ausente. O meu pai nunca teve interesse por mim, assim como para a minha irmã.

A meu ver, foi uma infância boa, eu diria. Não era uma coisa que pesou de alguma forma, todos os traumas. Eu acho que, quando a gente estava se divertindo, nada disso importava. Então, a afetividade materna sempre veio da minha avó.

A minha irmã, ela era uma pessoa muito difícil na escola, era muito bagunceira. Por má criação, ela foi até expulsa da escola, porque ela era muito arteira e briguenta demais e eu também era muito briguenta na escola. Eu parei de estudar no ensino médio, mas a minha

⁹ Maria Cândida dos Santos Vidal foi uma atriz brasileira de rádio, teatro, cinema e televisão. Teve problemas com seus vizinhos, por acolher 40 animais de ruas (cachorros). Teria ficado deprimida por perder a guarda dos cães e por problemas financeiros. Cometeu suicídio, tomando soda cáustica e colocando a cabeça no forno. Ainda ficou dias internada, vindo a morrer aos 57 anos de idade, em maio de 1963.

irmã, apesar de toda essa confusão na escola, ela conseguiu seguir adiante. Ela estava fazendo faculdade e trabalhando ao mesmo tempo. Foi a pessoa que foi mais adiante, na parte dos estudos, aqui em casa. Ela chegou fazer, começou, a faculdade. Não chegou a terminar, ela estava fazendo o segundo ano de administração, via online.

Eu trabalhava nos finais de semana, quando eu tinha 12 a 16 anos. Até eu me casar, o que eu ganhava, eu dava tudo na mão da minha mãe. Comprava as coisas para casa.

Eu não consigo falar da minha infância sem que minha irmã esteja presente, porque a gente é como se fosse uma só. Falar uma parte da minha vida significa falar também da minha irmã.

Quando minha irmã resolveu levar adiante, procurar o contato com o pai dela, ela foi buscar contato com ele. Ela tinha, mais ou menos, uns 14 anos, quando ela teve uma briga com ele. Ela ficou muito aborrecida com isso, e minha irmã teve um enfarto. A minha irmã teve uma parada cardiorrespiratória. Foi parar na UTI com 14 anos.

Com o passar dos anos, eu conheci meu esposo. A gente foi morar juntos. A minha irmã ficou aqui, trabalhou bastante, ajudou minha mãe. Quando eu saí, ficou só as duas. Minha mãe (vó), ela arrumou um namorado também, se casou com ele. Foi quando as coisas começam a complicar para ela, porque o relacionamento meio abusivo. Nesse meio-tempo, ela (a irmã) se casou, para morar em outra cidade.

Já fazia 18 anos que não tinha contato com o meu pai. Ele resolveu aparecer, se fazer presente na minha vida. E tenho tido esse contato constante, que era uma coisa que deixava um pouco minha irmã infeliz. Ela falava que: mesmo depois de tanto tempo, você tem seu pai, e eu ainda não tenho o meu.

Depois, aconteceu a primeira tentativa dela, logo depois que, seguida, logo o meu pai apareceu aqui. A primeira tentativa dela, onde ela tomou remédios, o esposo dela encontrou ela dentro de casa, já tendo convulsões e ele conseguiu socorrer ela, levando para o hospital. A gente não tinha noção da depressão dela, porque ela era uma pessoa que você via sempre sorrindo. Eu não sabia o que estava atrás daquele sorriso. Quando ela saiu do hospital, para mim, foi o ápice da alegria. Porque, para mim, ela estava bem, ela estava tratando, estava tratando com psicólogos e psiquiatras.

Logo depois, tinha passado pela primeira tentativa, ela conseguiu concluir o ciclo dela, vamos dizer assim. Eu não consigo falar a palavra que define o ato, para mim, alguma coisa que não consigo pronunciar. Tem sido difícil, muito difícil. É complicado. Falar da minha vida é falar da vida de minha irmã. A minha vida acho que resume nisso. Eu acho que parte de mim, parte de mim foi junto com ela. Eu sou uma pessoa que vive incompleta, vivendo uns dias bons

e outros dias ruins, mas os dias ruins são os que mais prevalecem, por causa da falta, da saudade. Sentimento de: poxa, será que eu poderia ter feito alguma coisa diferente?

[o grupo de apoio] tem me ajudado bastante, tem me ajudado muito. Assim, eu não consigo falar em casa, não consigo conversar sobre o assunto com a minha mãe, em casa, porque você machuca muito as pessoas com o nome da minha irmã. E eu sinto necessidade de falar, né. Então, lá no grupo de apoio eu posso conversar. Todo mundo entende, todo mundo passou pela mesma situação, todo mundo entende a dor do outro.

A gente fala no grupo, né, somos sobreviventes, porque não é mais viver, é sobreviver. Não tem como viver normalmente, ter uma vida normal com um membro da família faltando. É como se perdesse uma parte do corpo. A vida muda completamente, não tem como voltar a ser como antes. A morte da minha irmã foi um pilar desse telhado que caiu fora, e aí está tudo desabando agora. A família toda hoje sofre depressão. Não existe aceitação da parte de ninguém.

As memórias da infância da entrevistada são narradas como “difícil” e “triste”, marcadas por brigas familiares e ausência do pai. Mas, também, de momentos de diversão. Também narra ter sido a irmã uma criança com temperamento difícil, de brigas na escola, mas que buscou se superar e estava fazendo um curso universitário.

A infância e a adolescência são narradas como momentos difíceis e de superação. O confronto com o pai ausente, tanto dela como da irmã (os pais são pessoas diferentes), marcou esse momento da vida das duas. Em especial, da irmã, que chegou a ficar internada na UTI.

O casamento das duas irmãs é narrado como a busca pela superação dos momentos difíceis, mas também como “fuga” de um ambiente abusivo.

A narrativa da entrevistada marca bem a relação ruim e traumática da irmã com o pai como de difícil superação, o que explicaria o motivo do suicídio. Houve uma tentativa frustrada de suicídio da irmã e, depois, o suicídio consumado. A entrevistada narra a dificuldade com o impacto de tal acontecimento, evitando, inclusive, dizer a palavra suicídio. E demonstra sua dor relacionando-a com a amizade que tinha com a irmã: “eu acho que parte de mim foi junto com ela”. Há, também, um sentimento de que poderia ter feito algo para evitar o suicídio: “eu poderia ter feito alguma coisa diferente?”

Sobre o grupo de apoio, a entrevistada fala de como ele a tem ajudado, porque é o seu lugar de conversar sobre o ocorrido, visto que não consegue fazer isso em sua casa. Isso se explicaria porque os outros membros do grupo viveram experiências parecidas e são capazes de “entender a dor do outro”.

A entrevistada usa o termo “sobrevivente”, explicando que “não é mais viver, é sobreviver”, após o suicídio da irmã. O sentimento é de que tudo “está desabando” e que não há aceitação por parte da família.

4.8 Entrevista com Dandara dos Palmares¹⁰

Não tenho grandes lembranças da minha infância, acabei deletando algumas coisas. Tinha tudo para ser uma condição financeira boa, mas não foi, passamos por muita dificuldade financeira. Eles [os pais] não sabiam demonstrar afetos, nunca souberam. É aquela história, né, eles nunca tiveram, por isso não transmitiram afeto. Ninguém dá o que não tem, né?

Quando era pequena, minha mãe e meu pai foram morar na Bahia. Meus pais são da Bahia. Meu pai era alcoólatra e ele não parava em nenhum lugar, serviço algum e, rapidamente, também eles desistiram de ficar lá. [voltaram para São Paulo]. Era tudo muito tumultuado. Não faltava comida e nem o que vestir, mas era bem sofrido.

Minha mãe engravidou da quarta filha dela, que era essa minha irmã que se matou. O meu pai continuava muito violento, alcoólatra e a minha mãe resolveu se separar. Nós achamos bom, porque, assim, parava a violência em casa. O meu pai foi embora e não quis registrar a minha irmã. Ela ficou revoltada por essa questão. Quando ele teve chance de dar o sobrenome a ela, ela não quis.

Contudo a gente termos tido traumas na infância, perdida aí, pelo menos, conseguimos seguir alguns rumos. Fui me casar com 18 anos e hoje estou junto com a mesma pessoa. Todos os irmãos se dedicaram a estudar e seguir a vida. A mãe construiu outra família e a convivência com o padrasto foi tranquila, mas também não deu certo. Ela só teve esse relacionamento. E nunca mais ela teve outra pessoa. A irmã que se matou era muito independente. Com 18 anos, ela foi morar sozinha. O meu pai, por fim, teve uma diabetes. A gente teve que encontrá-lo e cuidar dele, um tempo. Acabou falecendo há quatro anos.

[a irmã que se suicidou] ela fez tratamento, ela era acompanhada por um psiquiatra, ela tomava medicação controlada. Ela nunca manifestou nada para gente da família. Ela manifestou pro namorado. Ela estava comigo na quarta-feira, e, ali, nós fizemos alguns planos, e ela foi para casa e teve uma discussão com o namorado e foi aí que gatilho dela fluiu. Ela já tinha manifestado para ele, uma outra vez, e ele não falou para a família. Ela deixou escrito

¹⁰ Dandara dos Palmares foi uma guerreira negra do período colonial do Brasil. Casou-se com o líder negro Zumbi dos Palmares, com quem teve três filhos, vivendo em Pernambuco. Após ser presa, em 1694, cometeu suicídio se jogando de uma pedra ao abismo, para não retornar à condição de escrava.

várias coisas num caderno. Por isso, não posso carregar uma culpa, por um problema que ela não me trouxe, ela nunca manifestou.

Quando aconteceu isso com minha irmã, a gente ficou muito assim; eu nunca, nunca conheci ninguém que tinha acontecido isso. Então, eu falei: “meu Deus, como aconteceu isso na minha família?”

A narrativa começa pela infância, com a afirmação de que a entrevistada tem dificuldade de se recordar (“acabei deletando”). No entanto, durante a entrevista, foi relatando diversos acontecimentos desse período. Na fala da entrevistada, trata-se de um momento com muitas dificuldades (financeira, falta de afeto por parte dos pais, o alcoolismo e a violência do pai, a separação dos pais). A busca de encontrar os motivos que justifiquem o suicídio da irmã aparece nessa narrativa, enfatizando a postura do pai em não assumir a paternidade dessa irmã.

Ela passa a narrar a busca pela superação dessas situações por toda a família, inclusive, da irmã que procurou por tratamento psiquiátrico.

A notícia do suicídio da irmã é narrada como uma surpresa para a família (“ela nunca manifestou nada para a gente da família”). Há, também, uma relação entre essa postura da irmã e o sentimento de culpa da entrevista (“eu não posso carregar uma culpa, por um problema que ela não me trouxe”).

Por fim, a entrevistada narra o sentimento de não compreensão do ocorrido: “como aconteceu isso na minha família?”

4.9 Entrevista com Kurt Cobain¹¹

Falar da infância não é bom para mim. Por causa disso, gera uma certa ansiedade. Não gosto, por saber que foi totalmente desestruturado, que aconteceram coisas que tive que enfrentar e superar. Porque não tinha diálogo e afeto, a não ser no dia de domingo, que meu pai ficava com peso na consciência e queria fazer um agrado para a família. A gente sempre estava junto, um acompanhando o outro [o irmão].

Ele [o irmão] foi diagnosticado com depressão aos 18 anos. Foi bem complicado no início. Ele passou por psicólogos e psiquiatras. Chegou a melhorar bastante depois que se casou. Com isso, deu para perceber que ele estava pré-disposto a tomar essa decisão mais para

¹¹ A oitava personagem do nome fictício, Kurt Donald Cobain, nascido em 1967 e falecido em 1994, foi um cantor, compositor e músico norte-americano. Foi fundador, vocalista e guitarrista da banda Nirvana. Viciado em drogas, morreu por suicídio com apenas 27 anos. Kurt Cobain escreveu uma carta de despedida e se suicidou com um tiro na cabeça. Seu corpo foi encontrado só três dias depois.

frente. Não tem como buscarmos o porquê do que aconteceu com [o irmão]. Nós entendemos e aceitamos, mas cada um tem um aprendizado.

Ainda não consigo acreditar que ele fez isso. Por causa disso, me fechei mais para as pessoas. [...] me impactou muito, me fez ficar mais preocupado ainda com a questão familiar, me gerou uma raiva muito grande do meu pai, que não sentia antes. Estou tentando mudar, mas, no momento, ainda estou vivendo o luto, pois ainda sonho com ele, fico imaginando-o com meus filhos. Por fim, percebo que impactou e vem impactando.

Hoje, minha vida é trabalho e casa, não faço mais nada, além disso. Eu penso em praticar algum esporte e lembro nele [do irmão]. Prefiro não fazer para evitar uma coisa que me dói.

O entrevistado inicia sua narrativa falando da dificuldade em fazê-lo. Há um processo de dor em relação à infância e ao convívio familiar, provocado, em seu dizer, pelas atitudes do pai. Em sua narrativa, é a descoberta dessa dificuldade que o une ao irmão mais novo, que se suicidou. Destaca a amizade entre os dois, falando sobre a proximidade.

O diagnóstico da depressão do irmão ainda jovem é narrado como uma busca em identificar um processo de sofrimento que se iniciou na infância, em que culpa o pai por isso. Fala da dificuldade desse momento entre o diagnóstico e a busca de tratamento.

Sobre o suicídio, revela, em sua fala, sua dificuldade em conviver com a dor, o que gera um fechamento ao convívio social. Fala da busca por superar o luto, o que ainda não ocorreu e do forte impacto do suicídio do irmão sobre sua vida.

4.10 Análise global das entrevistas

Os entrevistados formulam sua narrativa de forma a apresentar, a partir da infância, dificuldades e conflitos nas relações familiares que impactaram a vida de todos os sujeitos envolvidos. Também vão recordando que a pessoa que se suicidou apresentou, em determinado momento, problemas de saúde mental, como depressão, por exemplo. Percebe-se que, de certa forma, buscam as causas a explicarem o suicídio ocorrido. Parece-nos que isso está de acordo com o que Cassorla (2021) denomina de “complexa rede de fatores”, ou pelo menos, as narrativas tentam qualificar essa rede, como forma de explicar as motivações do suicídio, mesmo que ainda afirmem, em dado momento, não compreenderem por que o irmão ou irmã tomaram tal atitude.

Na narrativa, quase todos mencionam que tinham uma grande amizade com o irmão que se suicidou, o que nos parece apontar para justificar a dor e o sofrimento que vivenciam após o

suicídio. Espera-se que os irmãos tenham relações de amizade e companheirismo e, por isso, a narrativa tendeu a focar nessa imagem de amor fraterno, mas já apontando para o sofrimento posterior, com a morte do irmão.

Esse sofrimento evoca uma dor profunda, de uma perda irreparável, com a qual buscam dar continuidade à própria vida. E, ao mesmo tempo em que procuram demonstrar que seguem a vida, essa parece estar fadada ao sofrimento sem fim, por uma perda que não se processou de forma a libertá-los da dor e do sofrimento.

Os grupos de ajuda, quando mencionados, são apresentados como lugares seguros para vivenciar a dor. Mas, nas narrativas selecionadas, manifestam-se também certos incômodos em conviver novamente com os fatos que trazem a dor, ao narrar ou ouvir de outros a narrativa do suicídio. Parece, assim, que o sofrimento que se busca superar é revivido junto ao grupo.

Como visto no levantamento bibliográfico, de maneira geral, os pesquisadores apontam para o suicídio como um evento que deixaria as famílias vulneráveis a problemas psicológicos, manifestados pela culpa e raiva, mas, também, vergonha e mesmo alívio. A situação levaria ao convívio com o sofrimento e as repercussões da perda, além da possibilidade de um outro suicídio entre os que sobreviveram. No *corpus* desta pesquisa, as narrativas apontam para essas questões, principalmente, o convívio com o sofrimento, desde o “estado de choque”, quando se tem a notícia, até o processo de superação das dores, no sentido de reconstruir a vida com o reconhecimento da necessidade de atenção na promoção de saúde mental da família, assim como de um suporte social e emocional, visto que todos os entrevistados se encontravam frequentando um grupo de apoio, além de tratamentos psicológicos e com medicações, em alguns casos.

Sobre os apontamentos de que “os sobreviventes do suicídio têm maior probabilidade de desenvolver sentimentos de responsabilidade pela morte do ente querido do que os que perderam alguém por causas naturais, além de se sentirem mais envergonhados e isolados dos demais” (Bertolote, 2017, p. 67), foi possível reconhecer, nas narrativas, parte desses sentimentos. Embora, diretamente, as narrativas não apontassem para um sentimento de culpa, as atitudes de isolamento foram mencionadas. Também mencionou-se como é diferente o enfrentamento da morte de alguém por suicídio em relação a outros tipos de morte e o julgamento da sociedade e até de órgãos institucionais (política, profissionais de saúde etc.)

As narrativas descrevem sentimentos de dor profunda, angústia, perda irreparável, como encontrado em diversas pesquisas anteriores. Quando se olha para os familiares, principalmente mães e pais, percebe-se que há um tabu em falar sobre o assunto. No caso dos entrevistados, esses se colocaram no lugar dos que deveriam alertar os demais para isso, buscando terapias

para enfrentar o sofrimento. O medo de que novos suicídios também ocorram foi manifestado por uma entrevistada.

Destaca-se também a explicação de Fukumitsu e Kovács (2016, p. 5), de que, “além de ter de lidar com a morte e suas repercussões, o enlutado deve aprender a lidar com a ausência”, da qual “pode vir o desejo de resgatar o vínculo com o morto”, o que chamam de “orientação para a perda”. Nas entrevistas aqui apresentadas, o sentimento de ausência também foi narrado, assim como a dificuldade em realizar certas atividades que lembram o irmão que se suicidou.

Sobre a dificuldade em encontrar apoio, como os entrevistados já participam de um grupo com esse objetivo, pode-se constatar que consideram esse espaço importante, o que ajuda na busca pela reflexão e compreensão dos sentimentos vivenciados pelos familiares, bem como a oferta de um espaço de acolhimento para eles.

Foi possível constatar, com as entrevistas realizadas, como afirmam Fukumitsu e Kovács (2016), que a morte por suicídio impacta outras vidas. Os oito entrevistados relatam esse impacto não só sobre eles próprios como também em outros membros da família, o que corrobora com o que as autoras apontam sobre a necessidade de se colocar a família no centro da atenção das ações de posvenção.

Foi possível identificar, também, em algumas narrativas, as dinâmicas do processo de luto, como explica Ramírez (2017), compostas por fases como a da negação e isolamento, raiva e vazio, identificação com a morte, medo, culpa e, por fim, a formação reativa. Essas dinâmicas, como foi possível observar nas narrativas, trouxeram elementos do contexto cultural dos entrevistados, como indicações de concepções religiosas e sociais dos grupos familiares envolvidos.

Outro ponto que se destaca, que uma entrevistada trouxe em sua narrativa, foi a do silêncio autoimposto pela família, como explica Botega (2015). Ou, como explicam Kreuz e Antoniassi (2020), o luto se daria como algo silencioso, escondido e interdito. Segundo a própria entrevistada, esse silêncio não permite que se fale sobre o ocorrido com a irmã, o que pode estar influenciando no desenvolvimento de doenças mentais entre os familiares. Por isso, ela narra sua tentativa de fazer com que os membros da família percebam a importância de verbalizarem seus sentimentos e suas memórias. Há também o medo de que outras pessoas da família se suicidem.

Entre as narrativas, observou-se o que Hybholt et al. (2022) explicam como verdadeira mudança de identidade, ou de papéis, entre os familiares. Há os filhos que tiveram que dar suporte aos pais, visto que o esperado é que os mais velhos fizessem esse papel para os mais novos. Sentem que é preciso cuidar dos demais, quando também precisam ser cuidados, ou que

precisam assumir as tarefas que seriam dos pais, para lhes facilitar a vivência do luto e diminuir seus sofrimentos. Sentem, por isso, que perderam seus projetos pessoais, ou que os colocaram em suspenso, até que possam retomá-los sob outras circunstâncias.

Questão também importante é a do “luto não reconhecido”, segundo Casellato (2020), por causa do suicídio. Para alguns dos entrevistados, o luto dos irmãos passa por esse processo, quando questionam, inclusive, posturas dentro dos grupos de apoio, onde se dá grande visibilidade ao luto principalmente das mães, mas parecem menosprezar o dos irmãos. Assim, sua dor e sofrimento são diminuídos pela posição que ocupam na família.

De outro lado, foi possível observar falas que expõem a busca pela superação do luto. Entre os estudos encontrados na revisão de literatura, essa atitude também é descrita, a de se reconstruir a vida e de ter atenção na promoção da saúde mental da família. Esta pode ser uma porta importante para que se chegue a essas pessoas, com programas e projetos que as ajudem a elaborar o luto de forma saudável, contribuindo na produção de suportes social e emocional. O fato de saberem que são sobreviventes, como indica bem uma das entrevistas e que aparece, de certa forma, na leitura que outros entrevistados fazem de suas experiências e das experiências de seus irmãos que se suicidaram, demonstra que procuram não se entregar ao sentimento de abandono e desamparo diante do suicídio, como explicam Fukumitsu e Kovács (2016).

Uma possível contribuição deste estudo está em apresentar as experiências vividas e narradas por irmãos e irmãs de pessoas que se suicidaram. Na revisão de literatura que fizemos para esta dissertação, entre os trabalhos encontrados sobre família e suicídio, apenas um trazia claramente o vínculo parental de irmãos. Constatou-se que se trata de sujeitos muitas vezes invisibilizados em sua dor e sofrimento decorrente do luto, e que vivem, junto da família, situações de grande estresse e depressão, por causa do ocorrido, mas também porque buscam suportar as dores e sofrimentos dos demais membros, principalmente dos pais. Portanto, pensar em ações que os ajudem na elaboração do luto, considerando seu lugar social e familiar, é fundamental.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O suicídio é um acontecimento geralmente muito doloroso e impactante, porém não é possível apontar suas causas. O suicídio somente pode ser compreendido a partir da singularidade de quem se mata, mas como a singularidade se apresenta como um universo acessível somente para cada um, não podendo ser violado, as razões que levam uma pessoa ao suicídio sempre serão incógnitas.

O suicídio, de modo geral, é impactante para os chamados sobreviventes, que são os colegas de trabalho, vizinhos, amigos, e outras pessoas que faziam parte dos grupos sociais da pessoa que se matou. Todavia, como diversos estudos e levantamentos apontam, os impactos no grupo familiar da pessoa que se suicidou são geralmente muito severos. A família, com esse acontecimento, se vê lançada em um mar de emoções, tais como: perplexidade, medo, raiva, angústia, culpa, vergonha, desolação e desamparo. Esse espectro emocional pode comumente gerar uma desorganização e desequilíbrio na saúde do grupo familiar. Saúde aqui no sentido amplo, pois os sobreviventes podem ser seriamente afetados, mental e fisicamente, já que o corpo e a mente formam uma realidade indissociável.

Os danos gerados ao grupo familiar pela perda de um de seus entes queridos, como apontamos no trabalho, de modo geral, são devastadores. Toda a carga afetiva e psicológica que a família se vê obrigada a carregar e suportar é agravada pelo estigma social que ainda ronda o suicídio, e que faz com que o silêncio seja, em muitos casos, a forma de se enfrentar o acontecimento. Esse silêncio constitui mais um forte peso a ser carregado pelo grupo familiar. Nesse sentido, verificamos que os grupos de apoio aos familiares enlutados é uma medida imprescindível para o enfrentamento da dor e do sofrimento e para a ressignificação da existência de cada um dos afetados.

Ao se fazer tal levantamento, verifica-se que há significativo número de trabalhos científicos de qualidade que abordam os impactos do suicídio de uma pessoa em seu grupo familiar. Todavia, ainda há mais possibilidades de produção científica sobre os grupos de apoio a essas pessoas. Pensamos que abordar essa temática se insere em uma questão humanitária profunda de solidariedade e compaixão para com os que sofrem pela morte por suicídio de um membro da sua família. As pesquisas científicas voltadas para a ajuda às famílias nessa situação são, também, importantes para o rompimento dos tabus e quebra dos preconceitos que rondam a morte por suicídio. Constatamos que os grupos de apoio aos familiares são uma das medidas mais importantes para o enfrentamento dos impactos experimentados por eles com esse evento.

Por isso, esses grupos precisam e merecem mais atenção de pesquisadores que tenham condições e estejam dispostos a colocar a ciência a serviço da vida.

Não se pode deixar de salientar neste trabalho alguns dados alarmantes sobre o número de suicídios registrados no Brasil e também em nível mundial. A Organização Mundial de Saúde (OMS) estima que aproximadamente 1 milhão de pessoas se suicidam anualmente no mundo. Além disso, o número de tentativas, por sua vez, fica entre 10 e 20 milhões. O relatório da OMS aponta ainda que o suicídio é uma das principais causas de morte entre os jovens em grande parte dos países desenvolvidos e países em desenvolvimento (OMS, 2001 *apud* Sbeghen, 2015).

Podem ser destacados das oito entrevistas alguns aspectos relevantes, tais como a diversidade de sentimentos e questionamentos evocados com a morte do irmão, que perduram por toda a vida. É possível perceber, por exemplo, que para os entrevistados o luto é amenizado com o decorrer do tempo, mas não acaba.

A morte por suicídio atinge irmãos do indivíduo de maneira que eles podem também buscar um desfecho quando se encontram em situações difíceis, o que foi comprovado entre os entrevistados. Constatou-se, por exemplo, que, com uma das irmãs sobreviventes, ocorreu a tentativa de suicídio. Essa realidade ressalta a necessidade da oferta de uma ajuda ao familiar, social, comunitária e, sobretudo, de um apoio especializado em saúde mental, o que envolve, certamente, uma atuação multidisciplinar.

Estar com o outro, cuidando e sendo cuidado, representa a possibilidade de compartilhar a vivência que faz sentido para os sobreviventes e para si próprio. Nesta pesquisa, ao ouvir o discurso das participantes, emergiram os significados da importância do apoio aos que ficam após uma tragédia. É extremamente importante que haja projetos e práticas de apoio às famílias que perderam pessoas por suicídio, oferecendo-lhes as bases para que possam lidar com o ocorrido e continuar suas vidas de maneira saudável. As duas entrevistadas participam de grupo de apoio, o que faz muito bem para elas.

As entrevistas evidenciaram que os impactos expressos pelos irmãos são, antes de qualquer coisa, um fenômeno complexo. O tema é de extrema relevância e não se esgota em poucas discussões. É preciso ter o assunto sempre em pauta para que se aumente a tomada de consciência e, a partir daí, haja mais reflexões e atenção aos irmãos que permanecem com marcas profundas.

Nota-se a necessidade de intensificar a premissa de que quanto mais se falar sobre o suicídio, mais caminhos para preveni-lo poderão surgir. É preciso que o calar seja minimizado e o falar seja estimulado, fora e dentro do ambiente familiar. O tabu sobre o qual está

sedimentado esse tema deve ser superado, de modo que a negação e o silêncio deem lugar ao diálogo e ao compartilhamento de vivências, substituindo a culpa dos familiares, os quais tentam dar continuidade a suas vidas, levando em consideração o impacto que o suicídio tem em suas existências (Botega, 2015).

Há entendimento de que o suicídio é um fenômeno inevitável, mas que pode ser prevenido de diversas formas, já que ele está relacionado, como visto anteriormente, a uma complexa interação de fatores causais, incluindo, entre outros motivos, a depressão profunda, a dependência química, o isolamento social, as perdas, os problemas econômicos e os conflitos de diversas naturezas.

O foco desta pesquisa foi centrado em oito irmãos, que participam de grupo de apoio. Assim, sugere-se a criação de um espaço de debates nos meios acadêmicos sobre a temática, tendo em vista o grande número de reincidentes em nível mundial, nacional, estadual e municipal. E parece haver pouca pesquisa com irmãos(ãs) que perderam seu familiar por suicídio.

Faz-se necessário, na atualidade, a criação de espaços de diálogo entre universidade e órgãos públicos para uma melhor efetivação de soluções, como forma de trabalhar, em nível municipal e/ou mais amplo, com os irmãos que perderam pessoas por suicídio. O ato de dar voz aos familiares é uma atitude não apenas humanitária, mas também necessária, a fim de quebrar o ciclo e evitar que outros familiares acabem sendo levados a mais ocorrências do ato. Assim, além de oferecer alternativas de trabalho e apoio à comunidade, estar-se-ia solidificando um dos papéis mais importantes do meio acadêmico: que é a integração com a comunidade em que ele se encontra, agindo diretamente nela e sendo ainda mais relevante para seus membros.

Vale ressaltar que, como fruto desta pesquisa, está sendo criada uma rede de apoio multiprofissional a enlutados por suicídio, no Sul de Minas Gerais, haja visto que o número de pessoas que morre por suicídio é bastante recorrente.

Percebe-se a necessidade de que mais pesquisas na área da saúde mental sejam realizadas, tendo em vista o grande número de suicídios cometidos nas pequenas cidades do Sul de Minas. Estudos mais aprofundados poderiam favorecer a discussão sobre o suicídio sob pontos de vista diversos, o que contribuiria para encontrar ainda mais caminhos para lidar com o problema e apontar luzes que ajudem os familiares de pessoas que se matou por suicídio. Viver é isso: olhar o que nos tornamos após as perdas sofridas.

REFERÊNCIAS

- Alberti, V. (1996). *História oral na Alemanha: semelhanças e diferenças na constituição de um mesmo campo*. CPDOC.
- Berenchtein Netto, N. (2013). Suicídio: uma questão de saúde pública e um desafio para a psicologia clínica. In Conselho Federal de Psicologia. *O suicídio e os desafios para a Psicologia*. (Cap. I, pp. 15-24). CFP.
- Bertolote, J. M. (2017). *O suicídio e sua prevenção*. Editora Unesp Digital.
- Botega, N.J. (2015). *Crise Suicida: Avaliação e manejo*. Artmed.
- Botega, N. & Scavacini, K. (2020). *Como vai você? Guia para facilitadores*. CVV. https://www.cvv.org.br/wp-content/uploads/2017/05/guia_CVV_facilitadores_DIGITAL.pdf
- Bragagnolo, F. (2014). Atitude Natural e Atitude Fenomenológica: a relação existente entre as diferentes atitudes a partir do ato intuitivo. *Intuitio Revista*, 7(2), 73-88.
- Brasil (2021). Mortalidade por suicídio e notificações de lesões autoprovocadas no Brasil. *Boletim Epidemiológico*, 52. https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2021/boletim_epidemiologico_svs_33_final.pdf.
- Bteshe, M. (2013). *Experiência, narrativa e práticas info-comunicacionais sobre o cuidado no comportamento suicida*. [Tese Doutorado em Informação e Comunicação em Saúde]. Fundação Oswaldo Cruz, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Rio de Janeiro. https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/12355/1/mariana_bteshe_icict_dout_2013.pdf.
- Camus, Albert. (2002) *O Mal Entendido*. Lisboa. Livros do Brasil.
- Cassorla, R.M.S. (2021). *Estudos sobre o suicídio: psicanálise e saúde mental*. Blucher.
- Cornejo, E.R.S.P.U. (2018). Luto por suicídio: a jornada dos sobreviventes. K. Scavacini (Org.). *Histórias de sobreviventes do suicídio* (pp. 61-70). Instituto Vita Alere, Benjamin Editorial.
- Costa, C.B., Spies, P.C. (2014). Suicídio: a percepção familiar sobre aquele que deu fim à própria vida. *Psicologia em Foco*, 6(8). <http://revistas.fw.uri.br/index.php/psicologiaemfoco/article/view/1573/1771>
- Cruz, A.D.G., Resende, D.S., Reis, J.B.W.O. (2019). A dinâmica psíquica do suicídio sob a perspectiva do desnudamento do Eu na melancolia. *Reverso*, 41(78) 35-44. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/reverso/v41n78/v41n78a04.pdf>

- Donato, H., Donato, M. (2019). Etapas da condução de uma revisão sistemática. *Acta Med. Port*, 32(3) 227-235. <https://core.ac.uk/download/pdf/195808557.pdf>
- Dutra, K., Preis, L.C., Caetano, J., Santos, J.L.G. & Lessa, G. (2018). Vivenciando o suicídio na família: do luto à busca pela superação. *Rev. Bras. Enferm.* 71. <https://www.scielo.br/j/reben/a/JhkJkrN5nqtcgy4YdGZFYVq/?format=pdf&lang=pt>
- Feijoo, A.M.L.C. (2021). Situações de suicídio: atuação do psicólogo junto a pais enlutados. *Psicol. estud.*, 26, e44427. <https://www.scielo.br/j/pe/a/qxhP9NhBk9wQcJPnjkgCZJq/>.
- Fukumitsu, K.O. (2013a). *Suicídio e luto: Histórias de filhos sobreviventes*. Digital Publish & Print Editora.
- Fukumitsu, K.O. (2013b). *O processo de luto do filho da pessoa que cometeu suicídio*. [Tese Doutorado]. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Fukumitsu, K.O. (2019). *Sobreviventes enlutados por suicídio: cuidados e intervenções*. Summus.
- Fukumitsu, K.O. & Kovács, M.J. (2016). Especificidades sobre o processo de luto frente ao suicídio. *Psico*, 47(1), 3-12. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-53712016000100002.
- Gonçalves, F.T.D, Brito Neto, W.E., Souza, T.G.R., Gaspar, M.L., Menegon, V.G.S., Cruz, M.S.S. et al. (2018). Os impactos do suicídio no âmbito familiar e social. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 14, S1834-S1840. Disponível em: <https://www.acervosaude.com.br/doc/REAS329.pdf>.
- Hybholt, L., Higgins, H., Buus, N., Berring, L.L., Connolly, T. et al. (2022). The Spaces of Peer-Led Support Groups for Suicide Bereaved in Denmark and the Republic of Ireland: A Focus Group Study. *Int. J. Environ. Res. Public Health*, 19(16), 9898. <https://www.mdpi.com/1660-4601/19/16/9898>.
- Husserl, E. (1928). *Logische Untersuchungen* (I, II/1 E II/2, 4a. ed.). Halle, Niemeyer.
- Husserl, E. (2012). *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução a filosofia fenomenológica*. Forense Universitária.
- Kestel, D. & Van Ommeren, M. (Coord.) (2019). *Suicide in the world: Global Health Estimates*. World Health Organization.
- Kovács, J. M. (2013). *A morte e o desenvolvimento humano*. (5a ed.). Casa do Psicólogo.
- Kovács, J. M. (2020). *Luto por suicídios: posvenção e cuidados*. Associação Brasileira de Psicoterapia.

- Kreuz, G. & Antoniassi, R.P.N. (2020). Grupo de apoio para sobreviventes do suicídio. *Psicol. estud.*, 25. <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v25i0.42427>
- Lavall, E. (2019). *Experiências vivenciadas por familiares de pessoas que cometeram suicídio: abordagem de narrativas biográficas*. [Tese Doutorado em Enfermagem]. Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/201270#:~:text=Resumo,fenomenologicamente%20fundamentada%20por%20Alfred%20Schutz>.
- Ludwig, K.S.A. (2015). *Filhos da violência conjugal: pesquisa biográfica com órfãos*. [Dissertação Mestrado]. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, PUCRS.
- Magalhães, B.H.V.; Rafael, L.P & Vilella, D.V.A.L. (2019). Sentimento dos familiares ao perder um ente querido por suicídio. In *Anais do primeiro Seminário de Iniciação Científica Fapemig*. Fundação Wenceslau Braz. <http://rfwb.phl.bib.br/index.php/ProbicFWB/article/view/72/65>
- Martins, J., Boemer, M.R. & Ferraz, C.A. (1990). A fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa: algumas considerações. *Rev. da Esc. Enf. USP*, 24(1) 139-147
- Melo, B.S.S.C. & Barros, J.F.C.L (2017). Consequências do Suicídio para as Relações Socioafetivas dos Familiares na Posvenção. *Rev. FSA*, 14(2) 129-145. <http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/1146>
- Moro, A., Woehl, A., Gastal, C.L.C. & Trindade, B.A. (2018). Suicídio. Um fenômeno silencioso e silenciado. *Saúde e meio ambiente*, 7(1) 104-115. <https://www.periodicos.unc.br/index.php/sma/article/view/1799>.
- Penso, M.A. & Sena, D.P.A. (2020). A desesperança do jovem e o suicídio como solução. *Sociedade e Estado, Dossiê Saúde mental pela perspectiva das ciências sociais*, 35(1). <https://www.scielo.br/j/se/a/rLfXhwgd7qgpBzMSrjwFXmj/?format=pdf&lang=pt>.
- Peixoto, A.J. (2003). A origem e os fundamentos da fenomenologia: uma breve incursão pelo pensamento de Husserl. In A.J. Peixoto (Org.), *Concepções sobre fenomenologia* (pp. 13-32). Editora UFG.
- Ramírez, R.P.G. (2017). Proceso de duelo: meta análisis del enfrentamiento a la muerte suicida desde una perspectiva familiar. *Cuadernos Hispanoamericanos de Psicología*, 17(1), 47-64. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6203594>.

- Ribeiro, J.M. & Moreira, M.R. (2018). Uma abordagem sobre o suicídio de adolescentes e jovens no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(9) 2821-2834. <https://www.scielo.br/j/csc/a/txZCWtk98yqSkvTTj6Vj74b/?format=pdf&lang=pt>
- Rinaldi, D. (2018). *A interpretação da catação pelos catadores: Um estudo biográfico*. [Dissertação Mestrado]. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. PUCRS.
- Rocha, A.M.A., Dantas, M.C.A., Barbosa, L.H.G.M. & Nascimento, T.M. (2019). A repercussão do suicídio no âmbito familiar: o sentido da vida dos sobreviventes. *Temas em Saúde.*, Edição Especial. Faculdades Integradas de Patos. <https://temasemsaude.com/wp-content/uploads/2019/03/fippsi20.pdf>
- Rocha, P.G. & Lima, D.M.A. (2019). Suicídio: peculiaridades do luto das famílias sobreviventes e a atuação do psicólogo. *Psicol. clin.* 31(2) 323-344. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v31n2/07.pdf>.
- Rosenthal, G. (2004). Biographical research. In C. Seale, G; Gobo, J. F. Gubrium & D. Silverman (Eds.). *Qualitative research practice* (pp. 48-64). Sage.
- Rosenthal, G. (2008). *Interpretative Sozialforschung: Eine Einführung*. Juventa.
- Rosenthal, G. (2014a). *Pesquisa social interpretativa: uma introdução* (5a ed., T. Costa Trad.). EDIPUCRS.
- Rosenthal, G. (2014b). História de vida vivenciada e história de vida narrada: A interrelação entre experiência, recordar e narrar. *Civitas*, 14(2) 227-249. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/17116>.
- Rosenthal, G. (2017). *História de vida vivenciada e história de vida narrada: Gestalt e estrutura de auto apresentações biográficas*. (T. Costa Trad.). EDIPUCRS.
- Ruckert, M.L.T., Frizzo, R.F & Rigoli, M.M. (2019). Suicídio: a importância de novos estudos de posvenção no Brasil. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 15(2) 85-91. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtc/v15n2/v15n2a02.pdf>.
- Santos, H, Oliveira, P. & Susin, P. (2014). Narrativas e pesquisa biográfica na sociologia brasileira. *Civitas*, 14(2) 359-382.
- Sangalli, L.C. & Rinaldi, D. (2018). Pesquisa social interpretativa alemã: os métodos de entrevista narrativa biográfica e de reconstrução biográfica de caso. *Em Tese*, 15(2) 107-136. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/1806-5023.2018v15n2p107>.

- Silva, D.A. & Marcolan, J.F. (2021). Tentativa de suicídio e suicídio no Brasil: análise epidemiológica. *Medicina*, 54(4).
<https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/181793>
- Silva, L.C. (2013). Suicídio: o luto dos sobreviventes. In Conselho Federal de Psicologia. *O suicídio e os desafios para a Psicologia*. (Cap. V, pp. 59-64). CFP.
- Silva, L., Afonso, B.Q., Santos, M.R., Baliza, M.F., Rossato, L.M. & Szytli, R. (2018). Cuidado a famílias após perda por suicídio: experiência de acadêmicos de enfermagem. *Rev. Bras. Enferm.* 71(supl 5): 2336-2343. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/VTMTbWz7LxV6GcyxPH9T38q/?format=pdf&lang=pt>
- Susin, P. (2014a). Resenha: Pesquisa social interpretativa. Uma introdução. *Civitas*, 14(2) 383-386. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/17867>.
- Susin, P.Q. (2014b). *Construções familiares e experiências de violência: pesquisa biográfica em uma favela carioca*. [Dissertação Mestrado Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas]. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, PUCRS.
- Sbeghen, E. B. (2015). *Uma compreensão fenomenológica da vivência dos enlutados do suicídio*. [Dissertação Mestrado Universidade Estadual de Maringá. Programa de Pós-Graduação em Psicologia]. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Maringá.
- Scavacini, K. (2018). *O suicídio é um problema de todos: a consciência, a competência e o diálogo na prevenção e posvenção do suicídio*. [Tese Doutorado Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano] Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- Schneider, J. F, Camatta, M. W & Nasi, C. (2007). O trabalho em um Centro de Atenção Psicossocial: Uma análise sociológica fenomenológica em Alfred. *Rev. Gaúcha de Enf.* 24(4).
- Schutz, A. (2012). *Sobre fenomenologia e relações sociais*. Vozes.
- Vasconcelos, C.R. & Ferreira, W.F.S. (2021). Reflexões para o psicoterapeuta diante do enlutado pelo suicídio. *Revista Vale*, 20(2) 1-12.
http://periodicos.unincor.br/index.php/revistaunincor/article/view/6301/pdf_1102
- Worden, I.D. (2008). *De frente para o sol: como superar o terror da morte*. (D. L. Schiller Trad.). Agir.
- World Health Organization. (2019). *Suicide in the world: global health estimates*. World Health Organization. <https://apps.who.int/iris/handle/10665/326948>
- Zilles, U. (2005). *Teoria do conhecimento e teoria da ciência*. Paulus.

APÊNDICES**APÊNDICE (A): TERMO DE COMPROMISSO****TERMO DE COMPROMISSO**

Declaro, para os devidos fins, estar ciente do inteiro teor do projeto de pesquisa intitulado **"OS IMPACTOS DOS LAÇOS FRATERNOS A PARTIR DA PERDA DE IRMÃO(Ã) POR SUICÍDIO"**, sob a responsabilidade do pesquisador Antonio Cássio Vaz. A pesquisa tem como propósito investigar os impactos nos laços fraternos vivenciados por irmãos(ãs) de um familiar que cometeu suicídio, a partir da abordagem narrativas biográficas. Declaro, ainda, que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas disposições complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.

Belo Horizonte, 25 de Outubro de 2021.

Sei G. Maximo

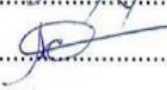
TIMBRE DA INSTITUIÇÃO E ASSINATURA

APÊNDICE (B): TERMO DE COMPROMISSO DE UTILIZAÇÃO DE DADOS - TCUD**TERMO DE COMPROMISSO DE UTILIZAÇÃO DE DADOS-TCUD**

Nós, Luciana Kind do Nascimento e Antônio Cássio Vaz, abaixo assinados, pesquisadores envolvidos no projeto de título: **“OS IMPACTOS DOS LAÇOS FRATERNOS A PARTIR DA PERDA DE IRMÃO(Ã) POR SUICÍDIO”**, comprometemo-nos a manter a confidencialidade sobre os dados coletados nos arquivos filmados e gravados nas entrevistas com irmãos(ãs) que participam de grupo de apoio *online*, mediado pelo google Meet, ou ferramenta similar, bem como a privacidade de seus conteúdos, como preconizam os Documentos Internacionais e as Resoluções da CNS nº 466/12 e 510/16 do Ministério da Saúde.

Informamos que os dados a serem coletados dizem respeito aos impactos nos laços fraternos a partir da perda de irmão(ã) por suicídio. As entrevistas ocorrerão entre as datas de janeiro de 2021 a setembro 2022 e serão realizadas através dos aplicativos whatsapp e google Meet, ou ferramentas similares, com irmãos(ãs) que completaram seis ou mais meses de luto.

Belo Horizonte, 21 de outubro de 2021.

Nome	R.G.	Assinatura
Luciana Kind do Nascimento	RG MG 6.228.37	 
Antonio Cássio Vaz	M- 9.144.877- SSP	 

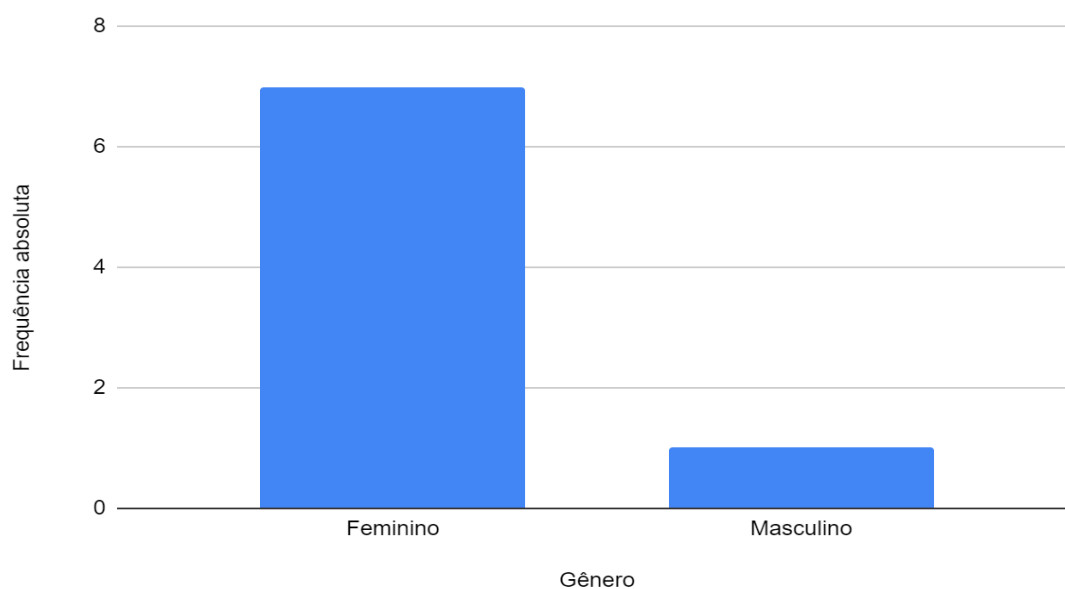
APÊNDICE (C): TABELAS E GRÁFICOS DOS DADOS DEMOGRÁFICOS

Tabela 6 – Gênero dos participantes do estudo (n=8)

Variáveis	Frequência	Frequência Relativa (%)
Feminino	7	87,5
Masculino	1	12,5

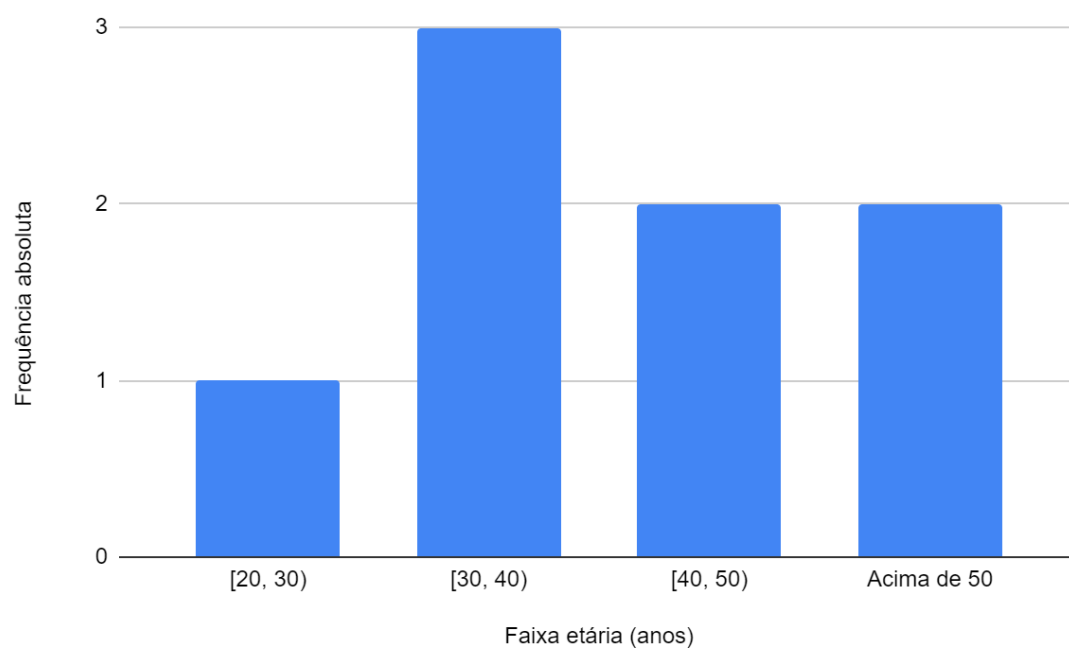
Fonte: Instrumento de pesquisa

Figura 1 – Gênero dos participantes do estudo



Fonte: Instrumento de pesquisa

Figura 2 – Faixa etária (anos) dos participantes do estudo.

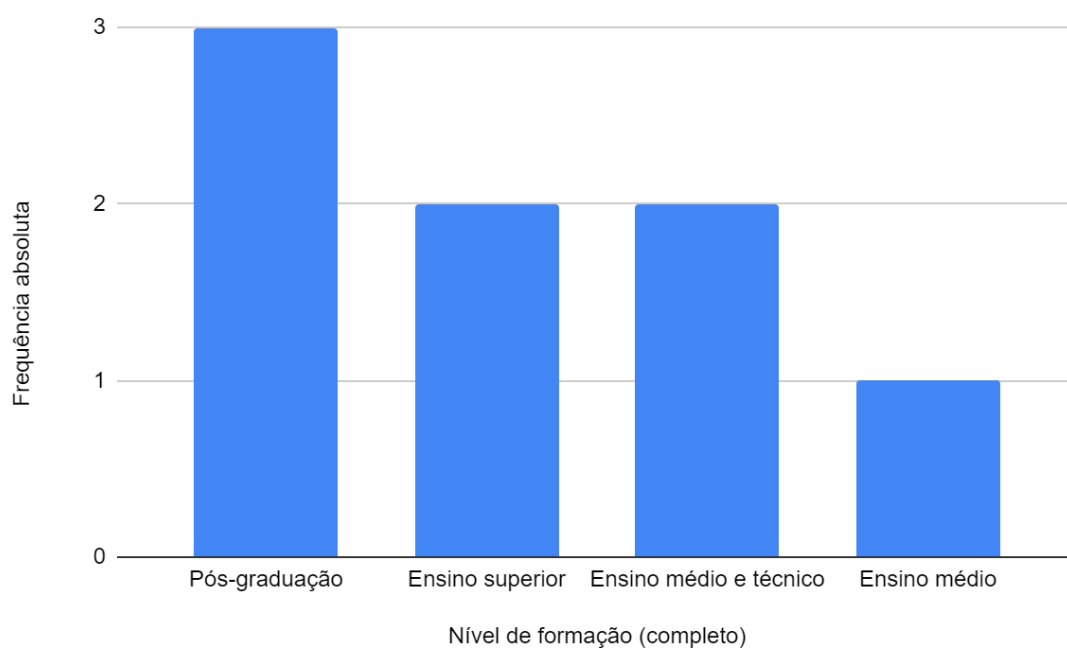


Fonte: Instrumento de pesquisa

Média = aprox. 42,4 anos

Desvio padrão = aprox. 11,6 anos

Mediana = 40 anos

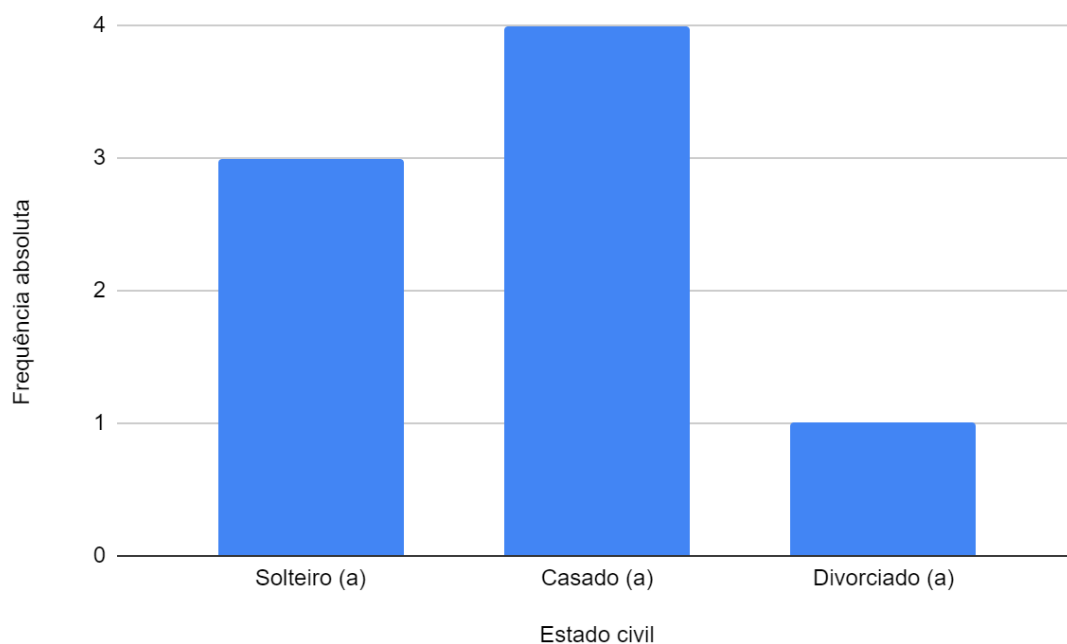
Figura 3 – Escolaridade dos participantes do estudo

Fonte: Instrumento de pesquisa

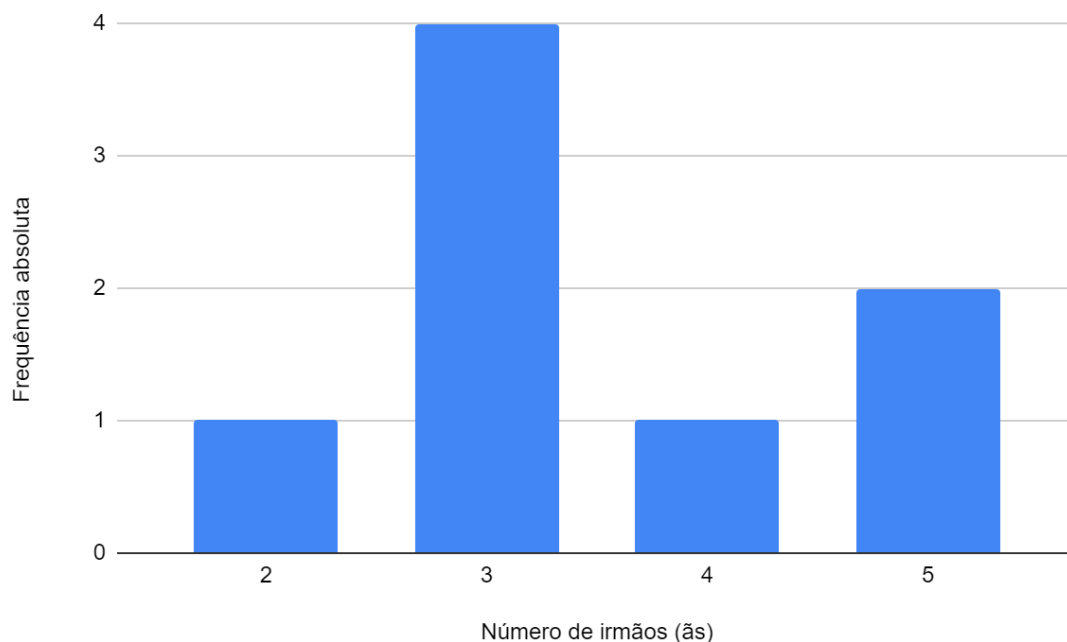
Tabela 7 – Estado civil dos participantes do estudo (n=8)

Variáveis	Frequência	Frequência Relativa (%)
Solteiro(a)	3	37,5
Casado(a)	4	50
Divorciado(a)	1	12,5

Fonte: Instrumento de pesquisa

Figura 4 – Estado civil dos participantes do estudo

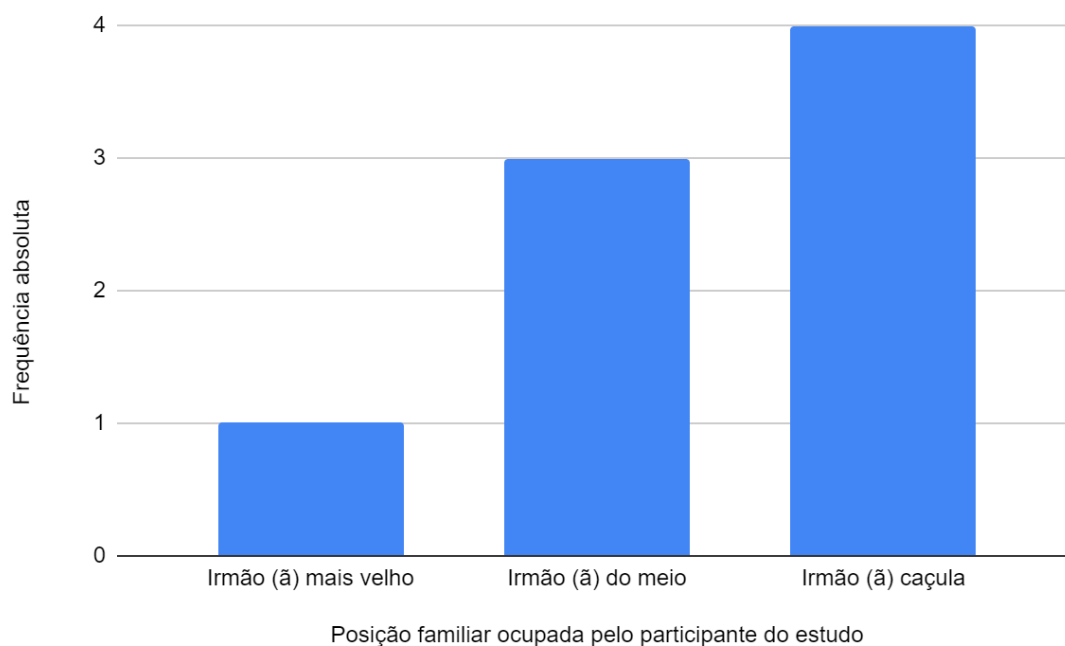
Fonte: Instrumento de pesquisa

Figura 5 – Composição familiar - número de irmãos incluindo o participante do estudo

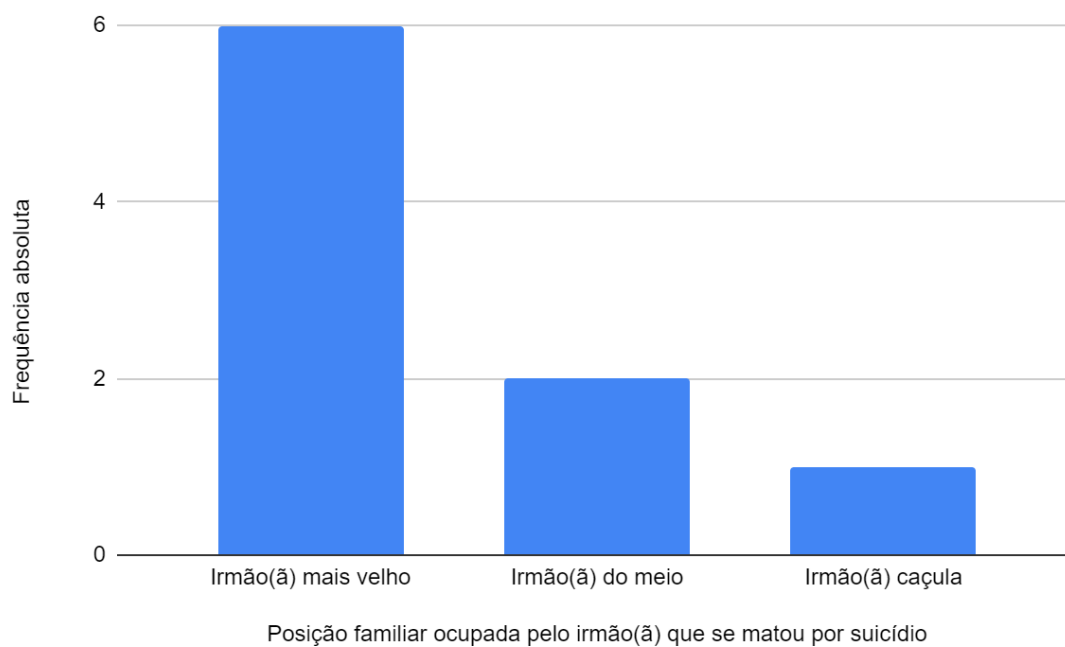
Fonte: Instrumento de pesquisa

Média = 3,5 irmãos(ãos)

Mediana = 3 irmãos

Figura 6 – Posição familiar ocupada pelo participante do estudo

Fonte: Instrumento de pesquisa

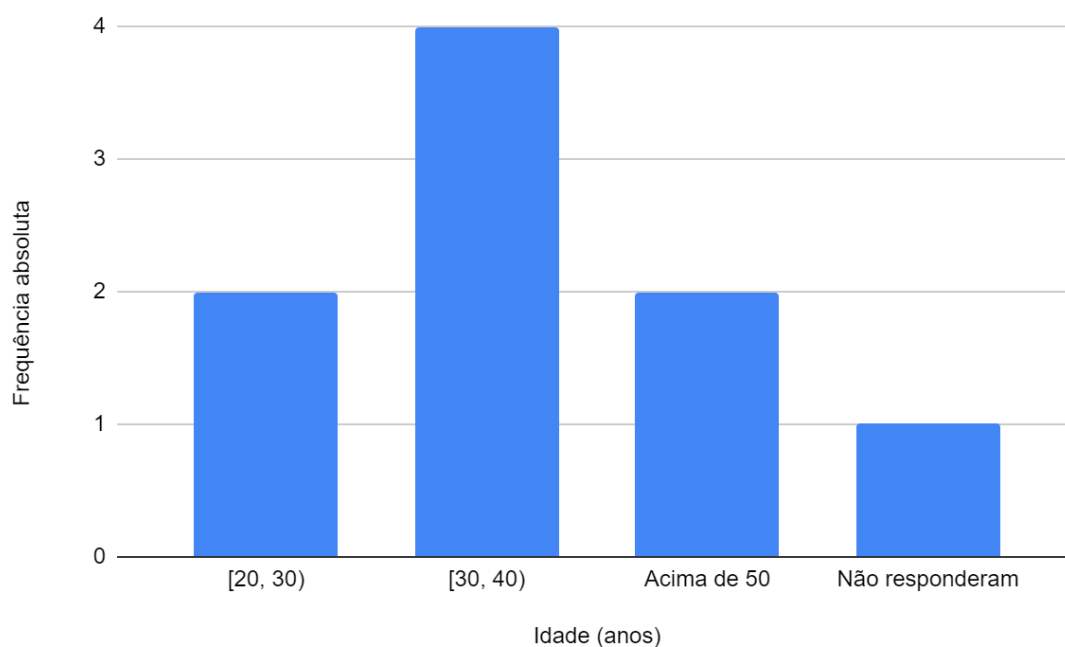
Figura 7 – Posição familiar ocupada pelo irmão(ã) que se matou por suicídio

Fonte: Instrumento de pesquisa

Tabela 8 – Idade do irmão(ã) quando aconteceu o suicídio (n=9)

Variáveis	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
[20,30)	2	22,2
[30,40)	4	44,4
<i>Acima de 50</i>	2	22,2
<i>Não responderam</i>	1	11,1

Fonte: Instrumento de pesquisa

Figura 8 – Idade do irmão(ã) quando aconteceu o suicídio

Fonte: Instrumento de pesquisa

Média = aprox. 36,9 anos

Desvio padrão = aprox.11,8 anos

Mediana = 32,5 anos

Tabela 9 – Idade do participante quando aconteceu o suicídio do irmão(ã)

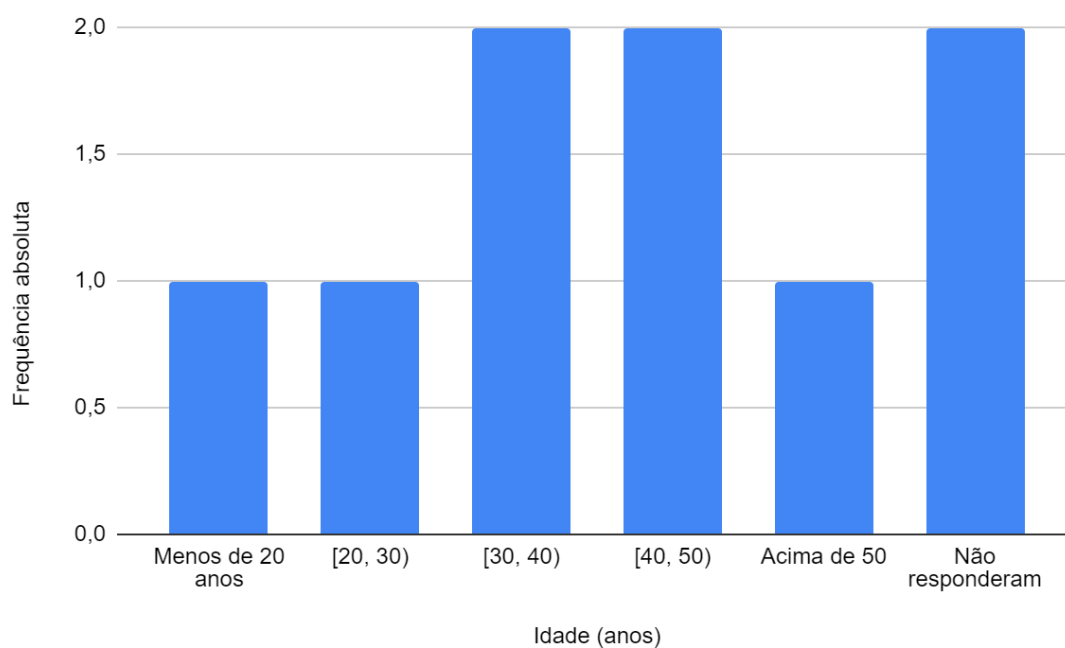
(n=8)

Variáveis	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
<i>Menos de 20 anos</i>	1	11,1
[20,30)	1	11,1
	2	22,2

[30,40)	2	22,2
[40,50)	1	11,1
<i>Acima de 50</i>	2	22,2
<i>Não responderam</i>		

Fonte: Instrumento de pesquisa

Figura 9 – Idade do participante quando aconteceu o suicídio do irmão(ã)



Fonte: Instrumento de pesquisa

Média = aprox. 36,4 anos

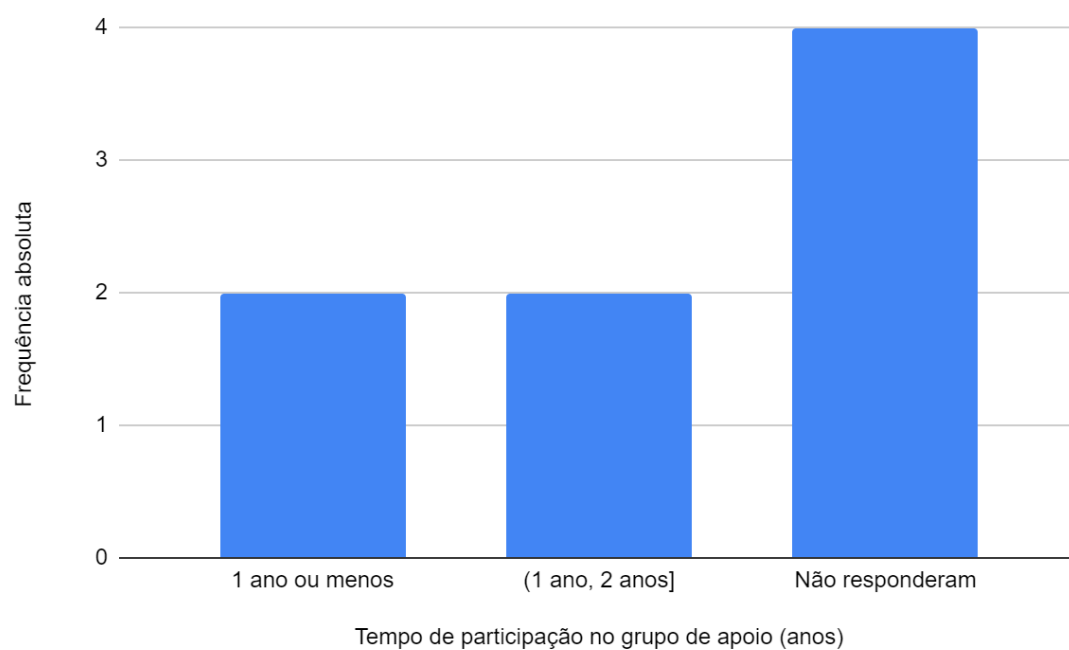
Desvio padrão = aprox.12,8 anos

Mediana = 32 anos

Tabela 10 – Há quanto tempo o participante frequenta o grupo de apoio (n=8)

Variáveis	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
1 ano ou menos	2	25
(1 ano, 2 anos]	2	25
Não responderam	4	50

Fonte: Instrumento de pesquisa

Figura 10 – Há quanto tempo o participante frequenta o grupo de apoio

Fonte: Instrumento de pesquisa

APÊNDICE (D): TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

N.º Registro CEP: CAAE(colocar o número de registro obtido no CEP PUCMinas)

Título do Projeto: “OS IMPACTOS NOS LAÇOS FRATERNOS A PARTIR DA PERDA DE IRMÃO(Ã) POR SUICÍDIO”

Prezado (a) Sr(a),

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que estudará os impactos nos laços fraternos vivenciados por irmãos(ãs) de uma pessoa que cometeu suicídio, a partir da abordagem narrativas biográficas.

Você foi selecionado(a) porque você tem irmão (ã) que morreu por suicídio, é capaz, tem acima de 18 anos, faz parte de grupo de apoio online e aceitou colaborar nesta pesquisa. A sua participação neste estudo consiste em expressar a sua experiência com a morte do seu(a) irmão(ã) por meio de uma entrevista que será realizada por meio de vídeo conferência. Essa entrevista, com a sua autorização, será gravada com captura de vídeo e áudio e salva para futuras análises do estudo. Após ter seu conteúdo passado para a forma escrita, o arquivo em vídeo será guardado por cinco anos e excluído após esse período. Pedimos que, quando formos realizar a sua entrevista, que você esteja num local privativo, onde possa sentir-se seguro. Consideramos que possam surgir para você, durante a realização deste estudo, alguns desconfortos relacionados às recordações que marcaram a sua vida com a experiência que você teve, tais como sentimentos tristes relacionados ao falecimento de seu irmão (ã), lembranças de sua convivência marcante com ele e outros. No entanto, se a entrevista causar algum tipo de desconforto que gere a necessidade de algum acompanhamento psicológico, com sua permissão os pesquisadores lhe acompanharão ou encaminharão a um profissional da saúde a fim de te ajudar a lidar com esse desconforto. Sua participação é muito importante e voluntária e, consequentemente, não haverá pagamento por participar desse estudo. Em contrapartida, você também não terá nenhum gasto.

As informações obtidas neste estudo serão confidenciais, você não terá a sua identidade revelada, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as fases da pesquisa. No caso da apresentação dos resultados deste trabalho em publicação científica ou educativa, a sua identidade será também mantida em sigilo, uma vez que os resultados serão sempre apresentados como retrato de um grupo e não de uma pessoa. Você poderá se recusar a

participar ou a responder a qualquer das questões dirigidas a você em nossa entrevista, isso a qualquer momento, não havendo nenhum prejuízo pessoal se esta for a sua decisão.

Todo material coletado durante esta pesquisa ficará sob a guarda e responsabilidade do pesquisador responsável pelo período de 5 (cinco) anos e, após esse período, será destruído. Os resultados dessa pesquisa servirão para refletir, aprofundar e aperfeiçoar os atendimentos de grupos de apoio online a sobreviventes por morte de suicídio e outras intervenções clínicas e sociais relacionadas ao tema. Para todos os participantes, em caso de eventuais danos decorrentes da pesquisa, será observada, nos termos da lei, a responsabilidade civil.

Eventuais dúvidas podem ser esclarecidas no seguinte endereço: Av. Dom José Gaspar, 500 - CEP 30535.610 - Belo Horizonte - Minas Gerais

Fone: 3319-4517 - Fax: 3319-4517.

e-mail: cep.proppg@pucminas.br

Email: _____

Nome completo: _____

CPF: _____

Aceito participar da pesquisa de forma voluntária?

() Sim

() Não

Autorizo a gravação audiovisual da entrevista?

() Sim

() Não

Contato do Whatsapp: _____

Coletivo(s) do(s) qual/quais participa e o perfil das redes: _____

APÊNDICE (E): INSTRUMENTO DE COLETA DE INFORMAÇÕES

INTRODUÇÃO DA ENTREVISTA

1. Apresentação do entrevistador e entrevistada
2. Assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido
3. Orientação sobre o lugar seguro e confortável ao entrevistado(a)

PRIMEIRA FASE DA ENTREVISTA

Entrevista N°:

Data:

1. Dados de identificação:

Nome:

Data de nascimento:

idade:

Naturalidade:

Escolaridade:

Estado civil:

Composição Familiar:

Que posição familiar você ocupa:

Que posição o familiar ocupava sua/seu irmã(o) que morreu por suicídio?

Quantos anos tinha o seu irmão tinha quando ele morreu por suicídio?

Quantos anos você tinha quando o seu familiar morreu por suicídio?

Que ocupação/profissão você exerce?

Questão norteadora da entrevista narrativa:

Você está sendo convidado para participar da pesquisa realizada com pessoas que perderam irmãos ou irmãs por suicídio. Porém, eu gostaria que você me contasse sobre o conjunto da sua história de vida, desde quando você nasceu até os dias de hoje, tudo o que é importante para você. Neste momento, eu não vou lhe fazer nenhuma pergunta, somente fazer alguns registros que serão retomados na segunda fase da entrevista. Então, fique à vontade, para me contar tudo o que você quiser. (adaptação do autor a partir da proposição de ROSENTHAL, 2014, p. 226).

SEGUNDA FASE DA ENTREVISTA

“Como lhe falei antes de iniciar a entrevista e você deve ter percebido durante sua fala, eu fiz algumas anotações e gostaria agora de fazer algumas perguntas. Se você concordar, vou começar agora pela primeira anotação e depois seguir a sequência das anotações realizadas a partir de sua fala. Eu tomei nota, por exemplo, da menção ... que você fez sobre... Será que você poderia dar alguns detalhes a esse respeito?” (ROSENTHAL, 2014, p. 228).

TERCEIRA FASE DA ENTREVISTA

Por fim, na terceira e última fase, haverá a colocação de perguntas externas às questões anteriormente discutidas. Tais questionamentos tratam-se de informações que o pesquisador deseja obter, mas que ainda não haviam sido abordadas em momentos anteriores da entrevista. Esses questionamentos, embora ainda não discutidos, serão também ligados à vivência do entrevistado, bem como às questões das experiências por ele vivenciadas. Ao encerrar a entrevista, contudo, não será feita nenhuma interrupção brusca, de modo a deixar o entrevistado em algum ponto que possa ser traumático e doloroso dentro de sua história. Procurar-se-á, de maneira cuidadosa, dar-lhe todo o apoio e abertura para que nenhuma questão fique incompleta e mal expressa, bem como para que ele se sinta acolhido e bem-vindo a compartilhar quaisquer sentimentos que possam causar desconforto. Nesse momento, quaisquer que sejam as crenças, valores e manifestações do indivíduo serão ouvidas e devidamente respeitadas. Essa manifestação de solidariedade e estabelecimento de um lugar seguro, contudo, são ações que serão mantidas não apenas neste momento final, mas durante todo o contato com o entrevistado, a fim de prestar-lhe o devido respeito e gratidão. Fazer perguntas direcionadas sobre temas importantes para o entendimento do entrevistado, geralmente, ligada a datas de acontecimentos e até mesmo o interesse principal da pesquisa. Aqui, assuntos não explorados até então podem ser questionados.

ANEXOS

ANEXO A: PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: OS IMPACTOS DOS LAÇOS FRATERNOS A PARTIR DA PERDA DE IRMÃO(Ã) POR SUICÍDIO

Pesquisador: ANTÔNIO CÁSSIO VAZ

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 53075821.0.0000.5137

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUCMG

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.175.329

Apresentação do Projeto:

A presente pesquisa tem como objetivo investigar, a partir da abordagem de narrativas biográficas, os impactos psicológicos e sociais experimentados por pessoas que perderam irmão ou irmã por suicídio. O método utilizado será a narrativa biográfica, partindo do que é proposto por Gabrielle Rosenthal. A pesquisa será realizada junto aos irmãos(ãs) que participam de grupos de apoio aos sobreviventes por suicídio. Pretende-se realizar com o presente trabalho de pesquisa uma abordagem qualitativa, que é uma pesquisa descritiva e do tipo exploratória em relação aos sentimentos vivenciados por irmãos(ãs) após a morte de seu familiar por suicídio. No desenvolvimento da pesquisa, as pessoas que se enquadrarem nos critérios de inclusão e que assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) serão convidadas a falarem a respeito das implicações e dos impactos diante dos sentimentos e experiências vivenciadas pelo suicídio de seu(a) irmão. A pesquisa será realizada com 12 participantes, com idade acima dos 18 anos, que perderam irmão(ã) em decorrência de suicídio há mais de seis meses, e que fazem parte ou participam de grupo de apoio a sobreviventes de suicídio de um familiar. O instrumento de coleta de dados será um roteiro de entrevista não estruturada, que se divide em duas principais partes: a primeira refere-se aos dados pessoais do sujeito tais como idade, cidade em que mora, profissão, entre outras informações, e a segunda parte será constituída por questões abertas referentes ao objetivo do trabalho. O acesso aos participantes dar-se-á da seguinte forma: em buscas iniciais feitas pela Internet para esta pesquisa, foram localizados grupos de apoio para

Endereço: Av. Dom José Gaspar, 500 - Prédio 03, sala 228

Bairro: Coração Eucarístico **CEP:** 30.535-901

UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE

Telefone: (31)3319-4517

Fax: (31)3319-4517

E-mail: cep.proppg@pucminas.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE MINAS GERAIS -
PUCMG



Continuação do Parecer: 5.175.329

peessoas enlutadas por causa do suicídio de algum ente próximo ou querido. As entrevistas acontecerão de modo on-line por razão de estar o grupo de apoio escolhido para esta pesquisa situado em um estado brasileiro bem distante da Instituição de ensino onde será desenvolvida este trabalho, bem como igualmente distante da localidade onde mora e reside o pesquisador responsável.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

- Investigar, a partir da abordagem narrativas biográficas, os impactos psicológicos e sociais experimentados por pessoas que perderam irmão ou irmã por suicídio.

Objetivos Secundários:

- Investigar os impactos nos laços fraternos após o suicídio de irmão (ã);
- levantar, a partir do contato com pessoas maiores e capazes que participam de grupos de apoio por perda de familiar por morte de suicídio, os impactos psicológicos e sociais que estes sobreviventes sofreram, bem como os desafios e formas de superação dessa experiência vivenciada por eles;
- Investigar as produções científicas que abordam a temática de irmãos que perderam familiar por suicídio.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: • O irmão ou irmã entrevistada poderá no momento das entrevistas recordar de lembranças desagradáveis do dia da morte de seu familiar por suicídio; • Passar por momento de recaída da superação psicológica em relação ao luto já superado; • Causar desconforto emocional no momento da entrevista apoiado nos tabus acerca do suicídio.

Benefícios: • As descobertas científicas, proporcionadas por esta pesquisa, ajudarão os irmãos entrevistados e demais familiares que participam de grupo de apoio; • A produção dessa pesquisa auxiliará os grupos de apoio existentes e futuros a consultarem este trabalho que oferecerá com certeza novas descobertas; • Essa pesquisa oferecerá aos irmãos ou irmãs que perderam familiar por suicídio luzes para lidar com o referido luto; • Mostrará aos irmãos ou irmãs que por ventura não participam de grupo de apoio de morte por desconhecimento ou por bloqueio o quanto estes encontros ajudarão na superação da perda.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Endereço: Av. Dom José Gaspar, 500 - Prédio 03, sala 228

Bairro: Coração Eucarístico **CEP:** 30.535-901

UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE

Telefone: (31)3319-4517

Fax: (31)3319-4517

E-mail: cep.propg@pucminas.br



Continuação do Parecer: 5.175.329

Pesquisa relevante, com tema pouco estudado. Projeto bem organizado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatória foram anexados e estão de acordo com as normas vigentes.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Considerando o exposto e tendo em vista as Resoluções que norteiam a pesquisa envolvendo Seres Humanos consideramos o protocolo de pesquisa SEM PENDÊNCIAS, devendo o pesquisador acatar as orientações conforme o disposto no Parecer Consubstanciado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1851188.pdf	05/11/2021 14:26:06		Aceito
Outros	INSTRUMENTO.pdf	05/11/2021 14:24:46	ANTÔNIO CÁSSIO VAZ	Aceito
Outros	MEMO.pdf	05/11/2021 14:24:05	ANTÔNIO CÁSSIO VAZ	Aceito
Outros	tcdu.pdf	05/11/2021 14:23:47	ANTÔNIO CÁSSIO VAZ	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	05/11/2021 14:12:34	ANTÔNIO CÁSSIO VAZ	Aceito
Declaração de concordância	Termodecompromisso.pdf	05/11/2021 14:10:33	ANTÔNIO CÁSSIO VAZ	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	05/11/2021 14:10:19	ANTÔNIO CÁSSIO VAZ	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	05/11/2021 13:59:40	ANTÔNIO CÁSSIO VAZ	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoSuicidio.pdf	05/11/2021 13:44:37	ANTÔNIO CÁSSIO VAZ	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRosto.pdf	05/11/2021 13:31:50	ANTÔNIO CÁSSIO VAZ	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: Av. Dom José Gaspar, 500 - Prédio 03, sala 228
 Bairro: Coração Eucarístico CEP: 30.535-901
 UF: MG Município: BELO HORIZONTE
 Telefone: (31)3319-4517 Fax: (31)3319-4517 E-mail: cep.propagg@pucminas.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE MINAS GERAIS -
PUCMG



Continuação do Parecer: 5.175.329

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BELO HORIZONTE, 17 de Dezembro de 2021

Assinado por:
CRISTIANA LEITE CARVALHO
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Dom José Gaspar, 500 - Prédio 03, sala 228
Bairro: Coração Eucarístico **CEP:** 30.535-901
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3319-4517 **Fax:** (31)3319-4517 **E-mail:** cep.proppg@pucminas.br